



Matheus Moura

Quadrinhos e Comunicação

Entrevistas com autores e teóricos



João Pessoa - 2013

Capa Sumário Expediente

Sumário

- 4. Apresentação
- 7. Amaro Braga e o quadrinho histórico produzido na academia
- 27. Edgar Franco – Autoralidade e pós-humanismo nos quadrinhos do Ciberpajé
- 64. Gazy Andraus – O estado alfa da mente e os haikais na criação de HQs
- 97. Henrique Magalhães – Produção independente e o mercado editorial brasileiro
- 124. Natania Nogueira – Escola: lugar de quadrinhos
- 137. Paulo Ramos – Pesquisa e mercado editorial
- 152. Waldomiro Vergueiro – Quadrinhos como pesquisa acadêmica
- 163. Elydio dos Santos Neto – Cultura Visual e HQs na sala de aula
- 191. Sobre o autor
- 192. Expediente

Os quadrinhos em seu processo criativo e investigativo

A História em Quadrinhos no Brasil têm décadas de tradição como mercado e cultura de massa. Desde 1905 já se tinha a revista *O Tico-Tico*, dirigida à infância, com literatura e quadrinhos. Em 1929 surgiram os suplementos nos jornais, com a iniciativa pioneira de *A Gazeta*, seguida por Adolfo Aizen, em 1934, com o *Suplemento Infantil*. Bem antes disso, em 1869 nascia o personagem *Nhô-Quim*, por Angelo Agostini, marco fundador de nossos quadrinhos, em publicações como *Vida Fluminense*, *O Malho* e *Dom Quixote*.

Apesar do mérito de sermos protagonistas dessa arte, surpreende os quadrinhos até há pouco tempo não serem levados a sério, sendo até mesmo perseguidos e menosprezados como um produto pueril para um público pouco respeitável. Por força da reação persistente dos autores nacionais – que são alijados dos grandes projetos editoriais –, os quadrinhos ganharam relevo, visibilidade e espaço no meio acadêmico, mudando de forma substancial a forma de apreciá-los.

Hoje os quadrinhos são política governamental, que recomenda sua leitura nas escolas e estimula a adaptação de obras literárias para essa linguagem. São também, e cada vez mais, objeto de estudo na Graduação e Pós-Graduação de cursos de Comunicação, Artes Visuais, Sociologia, Linguística, História e outros domínios do conhecimento. Os quadrinhos ganham requinte de edições sofisticadas e são equiparados aos livros, frequentando as bibliotecas e sendo expostos nas livrarias.

Esse percurso evolutivo conta com a participação efetiva de uma geração de autores independentes, oriunda dos fanzines e que foi à luta, produzindo suas auto-edições. Com o tempo, adentraram a academia como estudantes e em seguida como professores, levando à paixão à arte a necessidade de investigação sobre sua linguagem, seus gêneros, suas expressões artísticas, sua força comunicativa e política, por intermédio de grupos de estudos, dissertações, teses e publicações.

É este cenário que o jovem autor e pesquisador Matheus Moura nos apresenta em sua obra *Quadrinhos e Comunicação: entrevistas com autores e teóricos*. O próprio Matheus é um editor independente, tendo publicado as entrevistas deste livro em sua revista *Camiño de Rato* e no site *Toka de Rato*, em que traça uma panorâmica dos quadrinhos autorais e sua inserção

na academia. Retrato desse novo tempo para a arte, Matheus recentemente tornou-se mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás com dissertação exatamente dirigida aos quadrinhos, orientada por um dos mais renomados doutores na área, Edgar Franco.

O livro conta não só com a experiência criativa e acadêmica de Edgar Franco, mas de outros expoentes da pesquisa sobre quadrinhos, como Amaro Braga, Natânia Nogueira, Paulo Ramos, Gazy Andraus, Waldomiro Vergueiro, Elydio dos Santos Neto e Henrique Magalhães. Embora as entrevistas tenham sido feitas em 2009, o quadro continua atual, com alguns complementos devidamente feitos aos textos. Sem dúvida, esta é uma obra incontornável para se entender a importância dos quadrinhos na atualidade e seu merecido reconhecimento (tanto acadêmico quanto mercadológico).

Henrique Magalhães

Amaro Braga e o quadrinho histórico produzido na academia

Entrevista com Amaro Braga
Por Matheus Moura

Amaro Braga é um professor de Recife (Pernambuco) que atualmente está ligado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, e junto com uma dupla de amigas desenhistas desenvolveu três histórias diferentes e ao mesmo tempo instigantes: *Passos Perdidos*, *História Desenhada: a presença judaica em Pernambuco* (ganhadora do HQMix em 2007); *Heróis da Restauração Pernambucana* (2008); e *AfroHQ – História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em Quadrinhos* (2010). Em 2011 organizou o 1º Encontro Nacional de HQs em Recife e em 2012 repetiu a dose. A entrevista aqui reproduzida foi da



Professor e quadrinista
Amaro Braga

época do lançamento de *Heróis da Restauração Pernambucana*, publicado no blog *Toka di Rato* em 2009, e trata de assuntos como produção de quadrinhos educacionais e pesquisa acadêmica.

Quem é Amaro Braga?

Um entusiasta. Apaixonado por quadrinhos de qualquer tipo, formato, conteúdo e linguagem. Um professor de Sociologia que produz aulas imagéticas e que sempre surpreende os alunos. Um antropólogo louco por arte e identidade. Um estabonado que tenta reunir tudo isso numa coisa só e transformar em projeto de vida. Um lutador que não mede esforços para concretizar seus sonhos e expor suas ideias.

De onde vem essa paixão pelos quadrinhos?

Lendo. Como quase todo mundo, no começo a ler. Mas, se explicito este contato enquanto paixão... foi na “Nanquim”. Era um grupo de colecionadores de quadrinhos que se encontravam todos os sábados na principal rua de sebos da cidade. Lá um pessoal bem mais experiente e conhecedor dos qua-

drinhos começou a trazer BDs, Mangás e HQs *undergrounds* de todo o Brasil. Era a descoberta de um mundo completamente novo e envolvente. Fiquei admirado e cada vez mais desejoso de conhecer novos materiais e propostas. A Nanquim cresceu e se institucionalizou.

Durante os encontros se discutia “filosofia dos quadrinhos”, “plasticidade nos quadrinhos”, “literatura nos quadrinhos” e um monte de tantas outras inferências. A diversidade de idades e formações do grupo contribuiu para um verdadeiro grupo de estudo especializado. Absorvi o quanto pude e corri atrás de mais. Terminava na academia matriculado em “Ciências Sociais” e preocupado em estudar ainda mais sobre os quadrinhos enquanto produtos de uma cultura e de um sociedade.

Bacana! E o que virou o Nanquim? Quem faz parte hoje? Você ainda tem contato com o grupo?

A Nanquim foi se transformando em outros grupos ao passo que o povo discutia até não existir mais. Princípio de física: “quanto mais um corpo é dividido, menos massa terá!” Basicamente surgiram dois grupos: a Grafitte, que não existe mais, porém conseguiram publicar alguns fanzines - e ainda

mantemos contatos frequentes durante os eventos que acontecem na cidade; e uma ONG, o CDICHQ - Centro de Desenvolvimento e Incentivo Cultural às Histórias em Quadrinhos, cujos fundadores em ata são Danielle Jaimes, Roberta Cirne e Eu.

Nós três nos conhecemos na Nanquim e resolvemos continuar esta trajetória, mas sobre um outro perfil. Escrevíamos para o jornal sugerindo pautas sobre quadrinho e educação, quadrinho e arte etc.; na época o Diário de Pernambuco tinha um caderno chamado “Geração”, lá vivíamos nas reuniões de pauta dando pitaco, a editora do caderno não dispensava nenhuma das nossas indicações. Também oferecíamos gratuitamente às escolas de ensino fundamental palestras sobre quadrinhos, para professores e alunos. Além de algumas parcerias com os órgãos públicos, sugerindo a produção de instrumentos com a linguagem dos quadrinhos (como uma cartilha em quadrinhos para a Emlurb - empresa de limpeza urbana da cidade). Tudo sempre gratuitamente, sem cobrar nada, só para divulgar os quadrinhos como veículo, expressão e recurso.

Este processo coincidiu com a entrada dos três na Universidade. Meu rumo terminou pela produção de textos e *papers* nos congressos e encontros acadêmicos, que visavam sobretudo defender os quadrinhos como ins-

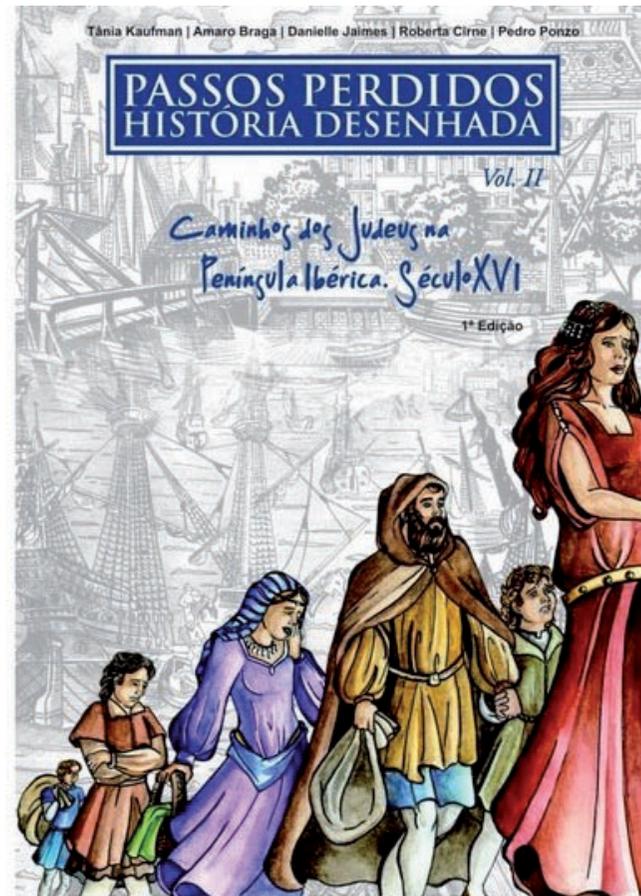
trumento cultural representativo até minha dissertação de Mestrado sobre os mangás nacionais e os projetos culturais de produção de quadrinhos de 2006, 2007 e 2008.

Danielle Jaimes e Roberta Cirne são as suas parceiras na Heróis da Restauração Pernambucana? Quais projetos são esses de 2006, 2007 e 2008?

Sim, estamos juntos desde a Nanquim, onde nos conhecemos. São elas que pintaram e desenharam todos os projetos que produzi até então. Em 2006 fizemos o primeiro volume de *Passos Perdidos, História Desenhada: a presença judaica em Pernambuco*, álbum de 80 páginas coloridas que adaptava para os Quadrinhos uma tese de Doutorado em História sobre a Presença Judaica na Região. Foi o álbum que ganhou o HQMIX de “Melhor Contribuição”.

Em 2007 continuamos com a continuação da história, fizemos mais 20 páginas complementares do primeiro álbum e lançamos uma versão ampliada e revisada com 100 páginas. Também produzimos mais três volumes narrando os motivos da saída dos judeus da Europa durante a idade média até a chegada no Brasil durante os sec. 16 e 17 até a segunda onda migratória no sec. 19. Ao todo foram quase 350 páginas pintadas e desenhadas em apenas

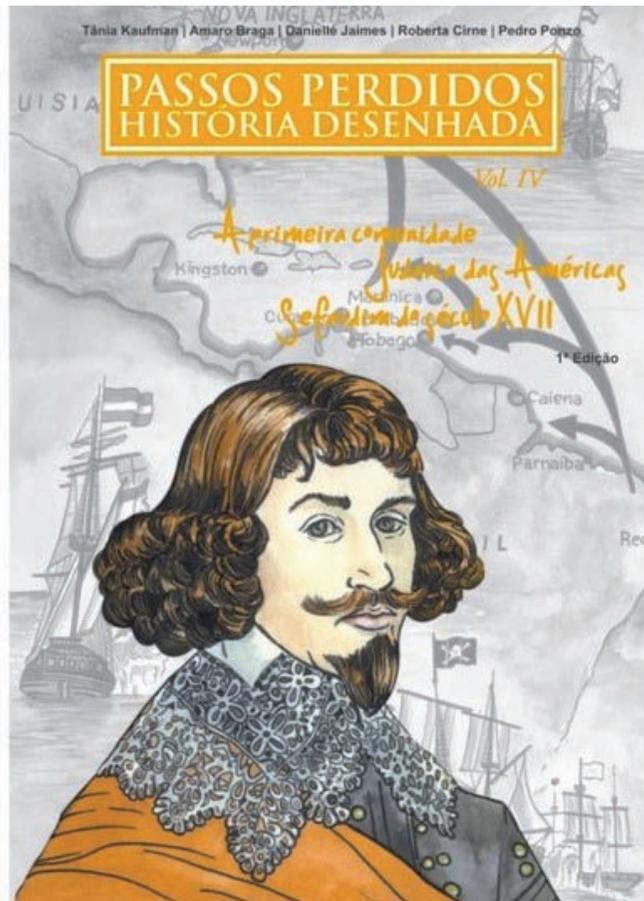
Os dois primeiros volumes da história da imigração judaica em Pernambuco



oito meses de produção, foi uma loucura!!! Mas neste trabalho pude explorar uma série de linguagens que idealizava desde a faculdade. Por exemplo, usamos a cidade do Recife como pano de fundo para a narração desta história. Os cenários mostram um Recife em movimento em cada quadro. Os biotipos das pessoas locais, seus modos de vestir, gestos, arquitetura, urbanização, vícios de linguagem são mostrados de maneira a revelar um Recife dos nossos olhos. Meu Recife.

Sem romantismo e estereótipos, é o Recife do dia-a-dia, o trânsito, as ruelas, vegetação até os pedintes estão lá. Considero uma visão etnográfica, registrada sequencialmente. Mostramos a arquitetura das fachadas dos prédios escondidas sob as propagandas das lojas, os vendedores típicos da região, enfim... um mundo paralelo à história. Atazanei as meninas durante o processo de desenho. Fotografei cada detalhe e fiquei em cima do processo de criação, as vezes elas melhoravam alguma coisa e eu as mandava refazer - como tirar uma sujeirinha da rua ou fazer alguém que está passando pela rua mais bonito e bem vestido.

Simplemente me apaixonei por este processo. Também coloquei as onomatopeias do trabalho todas em português, me aproveitando inclusive de recursos da nossa língua. Escondi uma série de referências às pessoas co-



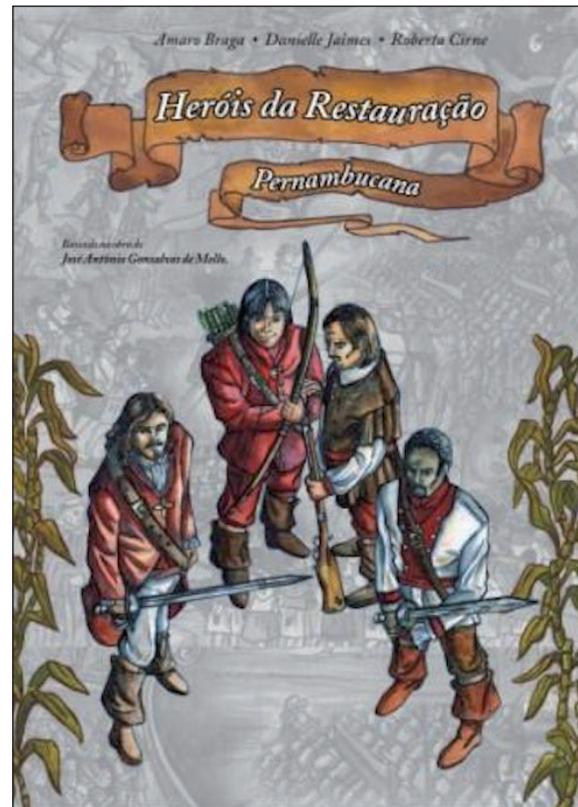
Volumes 3 e 4 da série de álbuns de Amaro Braga e equipe, sobre os judeus em Pernambuco

nhecidas e indicações de atividades que pudessem ser desenvolvidas em sala de aula pelos professores: personagens famosos, história da arte, mapas cartográficos e estruturas da língua. Realmente, apesar do imenso trabalho, adorei produzir o material, foi uma experimentação ideológica! Muitos dos recifenses que leram e nos deram feedback revelam uma admiração por se depararem com cenários cotidianos que eles simplesmente não visualizavam antes, o que nos deixou muito contentes.

E em 2008 foi com “Heróis...”, neste tive que me amarrar para não me autoplagiar na utilização do cenário de Recife mais uma vez...

Interessante! Como adquirir esse material, digo, o completo?

Ele está sendo distribuído pelo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (<http://www.arquivojudaicope.org.br/> | 81-32247376; 81-32248351); escolas públicas e bibliotecas públicas recebem o kit com os 4 volumes de graça. É só pedir!



Capa do álbum *Heróis da Restauração Pernambucana*

De quem era o Doutorado? O texto dele é o encontrado na HQ ou há diferenças? Se sim, quais? Para fechar essa pergunta, por quê o tema judeus?

Foi uma tese de doutorado da pesquisadora Tânia Kaufman. Boa parte do texto está no álbum, ora como narração, ora transformado em diálogo, ora constituído em imagens. Não foi um processo de simplificação do texto acadêmico, mas de facilitação. Ele foi interpretado em cenas inter-sequências, diálogos e narrações.

Quando ouvimos desde a 2ª série que o povo brasileiro é formado por índios, negros e brancos, não temos dimensão de quem realmente foi cada um destes grupos. Não sabemos os nomes dos nossos índios, quem foram os negros e muito menos os brancos. Na maioria das vezes limitamos os “brancos” a um único povo: “portugueses”. De verdade, este perfil “branco” da nossa formação se compõe de seis grandes nações culturais bem distintas do português (italianos, espanhóis, alemães, árabes, japoneses e judeus). Além de que, os primeiros portugueses que aqui aportaram e iniciaram o processo de colonização não eram lá tão portugueses assim. Na verdade muitos deles eram “cristãos-novos”, judeus que viviam na península ibérica e que foram obrigado a se converter à fé cristã.

Muitos dos degredados que ocuparam as praias durante os século XVI foram judeus, descendentes de judeus ou cristãos-novos pegos em práticas judaizantes. Posteriormente, durante o séc. XVII, muitos judeus portugueses vieram para o Brasil fazer negócio e aproveitar a boa maré da dominação holandesa no Nordeste e nem todos voltaram após a expulsão destes. Muitos se esconderam no interior do Sertão contribuindo para a formação do povo, das práticas (rituais mortuários, maneiras de limpar a casa...) e da cultura (receitas culinárias, vícios de linguagem...) que chamamos “nordestina”. As pessoas nem sempre sabem disso. Como é fato importante para a história do nosso estado, da nossa formação identitária e cultural que ficava desmerecido, resolvemos focar nossas atenções nele.

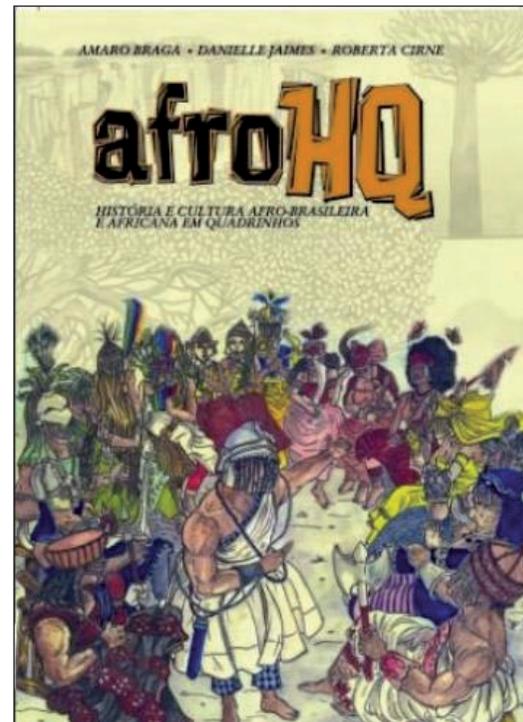
Quais os próximos projetos?

Já começamos a trabalhar em um álbum sobre a Presença Africana no Brasil e sua contribuição para a formação da cultura e do povo brasileiro. Este projeto surgiu com base na Lei nº. 9394/96, determinando a obrigatoriedade de estudos relacionados à História e Cultura Afro-brasileira nos diferentes níveis de ensino fundamental e médio. É o mesmo caso dos judeus. Há poucas

indicações precisas e claras sobre a influência dos negros na nossa formação. Vamos explicitá-las através de uma HQ.

Como avalia a aceitação de ambos os materiais em sala de aula? E na comunidade de professores? Em quais locais já foram distribuídos, saberia precisar?

Os álbuns dos judeus estão sob a responsabilidade do AHJPE, e não tenho muito controle de como estão sendo usados. Aprendemos que sem um plano de distribuição eficaz teríamos problemas de fazer o professor conhecer o projeto. Neste último projeto dos “heróis...” resolvemos isso. Eu mesmo assumi os custos e a responsabilidade de fazer nosso álbum ser efetivamente conhecido pelo professor. Vamos de escola em escola entregando gratuitamente o álbum e palestrando com os professores e diretores sobre os objetivos do projeto. Até então todas as críticas recebidas e comunicadas foram positivas e estimulantes. Sabemos que existem falhas, não podemos ficar livres delas... mas pela receptividade que temos encontrado, nos mostram que os acertos até então estão equilibrando a balança.



AfroHQ: a cultura afrobrasileira e africana em quadrinhos para o ensino Fundamental e Médio

Os professores ficam muito motivados a incluir estes conteúdos em suas aulas. Além das escolas públicas da nossa região - e estamos aumentando cada vez mais o diâmetro de acompanhamento das escolas, começando pelas da área metropolitana até as dos municípios vizinhos - três escolas privadas da cidade de grande porte, por iniciativa própria, já deliberaram por incluir na lista de sugestões de aquisição dos alunos os álbuns. Nosso objetivo não é propriamente a venda dos exemplares - até porque a tiragem é pequena - mas estimular os alunos e professores a perceberem os quadrinhos como detentor de outras propriedades estimulantes e didáticas. Para isso procuro deixar os álbuns na biblioteca para que sejam consultados e fotocopiados. Já estamos trabalhando para disponibilizar o material por um site onde qualquer aluno/professor possa baixar e desenvolver atividades de maneira mais fácil, econômica e dinâmica.

De maneira estrutural, estamos ainda distribuindo exemplares em todas as 12 regiões de desenvolvimento econômico do estado de Pernambuco, de modo a atingir pelo menos duas grandes escolas em cada uma das regiões. Na área metropolitana do Recife (Olinda, Jaboatão, Paulista e Cabo) 250 escolas estão recebendo os kits; como é um trabalho focado, acompanhado e autofinanciado, isto é, sem financiamento(!), estamos demorando um pouco

para chegar em cada uma delas. Em dezembro consegui fechar um acordo com a Fundarpe para montar um evento e convidar as escolas mais afastadas para em um único momento distribuir os exemplares e palestrar sobre o projeto. Não adianta fazer um projeto de interesse público e deixá-lo esquecido em uma gaveta ou numa prateleira de biblioteca sem que o público conheça suas potencialidades.

O que compõe esses kits, os quais mencionou? E fale um pouco mais desse projeto junto à Fundarpe...

São os álbuns em quadrinhos acompanhados de uma cartilha explicando os pormenores de aplicação do projeto e uma carta de apresentação. Para resolver o problema dos projetos culturais que terminam com seus produtos jogados em uma biblioteca ou numa gaveta esquecida das Secretarias de Educação, resolvi propor ao órgão, gratuitamente, uma ação de inserção dos produtos culturais. Vamos começar com um grupo de escolas da região metropolitana que tem atenção piloto dos eventos culturais do estado e depois expandir para as demais cidades.

Consiste nesta distribuição focada, entregar realmente, de mão em mão,

o álbum e apresentar ludicamente nossa proposta. Na ocasião estamos agendados a fazer uma apresentação cênica com a encenação de pequenos esquetes sobre os personagens dos álbuns e um lanche temático lembrando a contribuição cultural da tríade étnica para a formação do povo brasileiro (serviremos mini-tapiocas dos índios, pãezinhos de ló, dos portugueses e mini-acarajés, dos negros). Além de palestrar aos alunos sobre o Movimento da Restauração, a importância dos quadrinhos e sua produção em Brasil e Pernambuco.

Tem uma estimativa de quando irá sair a nova HQ sobre a Presença Africana no Brasil?

Se tudo sair bem deveremos está lançando em 20 de novembro, aproveitando o dia nacional da consciência negra.

Fale um pouco mais desse novo projeto. Ele segue a mesma linha dos outros dois? A presença africana no Brasil será abordada com foco no Nordeste ou no geral? Chegará aos dias atuais, ou o foco é somente na escravidão?

Sim, segue a mesma linha dos outros. São os conceitos desenvolvidos nas áreas de História, Sociologia, Política e Antropologia. No ano passado fiz um curso promovido pelo MEC, em nível nacional, intitulado “Formação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Estes conceitos listados pelo próprio MEC estarão no álbum, que será mais “nacional”, porém com inserções imagéticas localizadas em Pernambuco. Mas será bem mais geral que os projetos anteriores. A escravidão é só uma das temáticas do álbum, inclusive este é um dos nossos motes neste projeto: existe muita informação sobre a cultura africana além daquelas relativas à escravidão, sendo que são poucas as pessoas que sabem disso, e não são coisas relativas aos dias atuais, mas que estão na nossa formação cultural, são desconhecidas ou relevadas pela discriminação. Vamos mostrar isso.

Pretende que suas HQs sigam somente esta linha acadêmica/educacional, ou se imagina trabalhando com histórias descompromissadas?

Esta área nem tem sido explorada pela linguagem dos quadrinhos e como temos experiência nisso, vamos continuar... Porém jamais deixamos de fazer outras produções “descompromissadas”, sendo que os custos são muito altos

para liberá-los ao mercado.

Temos uma grande produção de HQ's de terror e fantasia. Chegamos a fazer até um fanzine reunindo umas dez histórias, que foi distribuído gratuitamente em um evento chamado "Semana de Artes Visuais", que aconteceu na cidade dois anos atrás. Estamos tentando desenvolver um site para mostrar nosso lado menos "descompromissado". Mas até nossas histórias livres têm algo de compromisso com nossa cultura... As histórias aproveitam nossos cenários antigos das cidades de Olinda e Recife, incorporando vampiros, metamorfos e algumas outras criaturas fantásticas às ruelas e casario colonial da nossa região. Tem coisa melhor?

Difícil ter!!! Esse fanzine com histórias de terror, tem como ser adquirido hoje em dia?

Não, infelizmente não. Distribuímos todos no evento, acho que eu mesmo só fiquei com um. Mas assim que nosso webmaster terminar de fazer as alterações no nosso site (www.cdichq.com), estará lá disponível para consulta e críticas, assim como nossos outros materiais...

Com relação ao cenário nacional de HQ, qual a sua avaliação como produtor e leitor?

Apesar de muitas críticas que tenho lido nos fóruns de discussão, tenho perspectivas positivas para nossos mercados e nossos artistas. A HQ brasileira, para não dizer nacional (isto já foi bem discutido nos ambientes...) tem tudo para se impor, por mais dominante que seja o mercado. E, temos que lembrar: “somos brasileiros, não desistimos nunca!”

Com relação ao leitor, qual a perspectiva quando se trata dele?

Estamos em uma fase rica. A Internet nos liberou da banca e da livraria ou do conhecimento dos lançamentos. Os Fansubs traduzem tudo quase que simultaneamente. E não é só com os mangás, os fumetti e muitos comics estão disponíveis na rede, é só procurar. Nas bancas hoje, muito coisa está disponível, do nacional a algumas produções europeias e americanas. Com o *boom* do mangá e o crescimento das pequenas editoras, nos chegaram até os quadrinhos da China e da Coreia, não foi?! O único mercado que continuamos desconhecendo é o da América Latina. Não recebemos sua produção

“nacional”, o que é uma pena. Enfim, se tem tudo que é tipo de quadrinho para todos os bolsos e gostos. Quem navega online consegue ler quase qualquer quadrinho que queira, mesmo que não conheça previamente. Nunca o leitor deteve tanto privilégio...

Esse tipo de trabalho acadêmico em quadrinhos, você sabe de mais alguém hoje em dia que o faça? Digo, tanto no Brasil quanto no exterior...

O que encontramos ainda no mercado são as adaptações de grandes obras universais que pertencem ao mundo acadêmico como “O Capital” de Karl Max em quadrinhos ou “Freud em Quadrinhos”, algo do tipo. Boa parte das adaptações são sobre obras literárias ou ainda versões ou visões do autor para um determinado conceito de origem acadêmica como a Arte da Guerra ou 5S, Iso9001, etc., que terminam por se aproximar demasiadamente do formato cartilha ilustrada. Porém, quem se aproximou bastante disto foi à versão de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, na década de 1980. Acredito que esta foi a primeira obra acadêmica a ser adaptada para a HQ. Realmente, pegar as teses de doutorado mais recentes para permitir sua fruição por este veículo, somos até então os únicos, em exercício.... Encontramos

colegas fazendo trabalhos onde foram consultados pesquisadores ou se consultaram seus trabalhos, mas não fugiram de ser leituras interpretativas da obra, não são uma adaptação da linguagem e dos seus conteúdos.

Bacana! Para terminar, gostaria de acrescentar algo que por ventura tenha ficado de fora? E, claro, não deixo de agradecer a elucidativa entrevista, muito obrigado!

Foi ótimo. Eu que agradeço pela abertura e pelos questionamentos. Valeu pela iniciativa e sigamos em frente!

Autoralidade e pós-humanismo nos quadrinhos do Ciberpajé

Entrevista com Edgar Franco
Por Matheus Moura

Edgar Franco é Doutor em Artes na ECA/USP, sendo, atualmente, professor da FAV – Faculdade de Artes Visuais da UFG – Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde também leciona no programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual. Edgar é artista multimídia, pesquisador de novas tecnologias, já tendo publicado diversas Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas galgadas na ficção científica e é autor do livro *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet*.

Falar de Edgar Franco é complicado. O cara possui um traço muito peculiar, uma temática própria, um conceito novo de HQs. Não só ele, claro, mas no país ele e Gazy Andraus se destacam quando o assunto são as



Professor Doutor Edgar Franco

Histórias em Quadrinhos Poético-Filosóficas. Quem conhece o artista sabe que as HQs são só o começo para ele, que ainda é músico, pesquisador, e tantas outras coisas mais... vale a pena conhecer/conferir, e para isso basta acompanhar a conversa abaixo, realizada em dezembro de 2008. Muito é esclarecido, juntamente com novas perspectivas.

Quem é Edgar Franco?

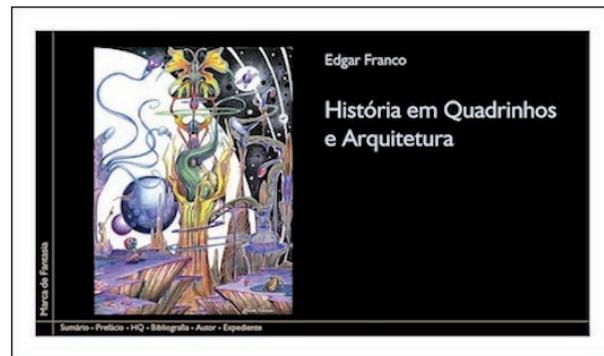
Um ser em construção, paradoxal, múltiplo. Integro essa espécie tão bela e controversa: humana. Como o pensador genial Buckminster Fuller, acredito que a superespecialização destrói o espírito de investigação e crescimento humano, por isso estou sempre apto a experimentar com as múltiplas possibilidades da arte: histórias em quadrinhos, música, poesia, literatura, arte visual, escultura, arte eletrônica, web arte, performance, teatro, instalação, arquitetura etc. etc. etc.

As mentes superespecializadas e dogmatizadas são estéreis, vivem presas à um túnel de realidade, acorrentados a um único viés da vida! Sou muitos e nenhum, sou livre! Sou um ser humano em busca de expandir minha consciência a um estágio mais elevado, um nível de conexão intrínseca com o

universo. Essa é a essência de minha busca como criatura vivente, habitante da terceira pedra do sol – planeta azul nos confins infinitos do universo – apelidado Terra.

Essa busca tem me levado a trilhar múltiplos caminhos artísticos, a utilizar a arte como processo alquímico de evolução mental e espiritual. Nesse percurso graduei-me arquiteto pela UnB (Universidade de Brasília), mestre em multimeios pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e doutor em Artes pela USP (Universidade de São Paulo). Sou autor dos livros *História em Quadrinhos e Arquitetura* (Marca de Fantasia, 2004) e *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet* (Annablume-Fapesp, 2005).

Minha pesquisa de Doutorado, *Perspectivas Pós-Humanas nas Ciber-artes*, foi premiada no programa Rumos Arte Tecnologia 2003 do Centro Itaú Cultural São Paulo. Além disso, sou artista multimídia com trabalhos em múltiplos suportes e professor e do Mestrado em Cultura Visual e da Faculdade de Artes Visuais da UFG (Universidade Federal de Goiás, em Goiânia). Finalmente, e não menos importante, sou acadêmico da ALAMI – Academia de Letras, Artes e Música do município de Ituiutaba – MG (minha cidade natal),



História em Quadrinhos e Arquitetura, segunda edição, em formato digital

sendo esse o título que mais me honra, pois considero-me um ser extremamente telúrico.

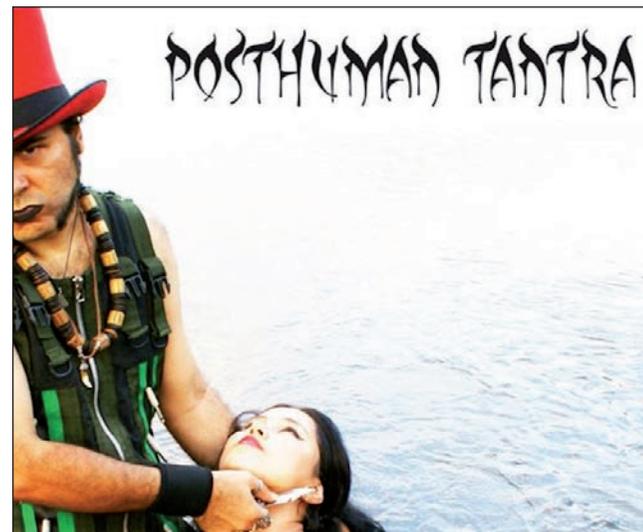
Então, notoriamente você é conhecido pelas suas HQs poético filosóficas, sua música experimental/industrial e suas pesquisas no campo das HQs. As outras expressões que mencionou, o que são – digo, como se dão – e onde podemos ver? Esta tudo ligado ao seu mundo Artlecto e Pós-Humano?

As histórias em quadrinhos são minha forma inicial de expressão, uma linguagem que amo e que entendo como única e especial. Faço HQs há mais de 20 anos e antes do advento do computador e da Internet foram os fanzines e a cultura underground de troca de correspondências das décadas de 1980 e 1990 o espaço para difusão de meu trabalho artístico. Já nesse tempo colaborei com inúmeros zines do Brasil e do mundo, foram mais de 200 publicações, e não criava só HQs, mas também ilustrações, poemas e contos, cheguei a editar alguns zines dedicados quase exclusivamente à poesia, e publiquei contos de FC em zines prestigiados do segmento, como o *Notícias do Fim do Nada*, de Porto Alegre.

Como você mesmo disse, além das HQs, recentemente também fiquei co-

nhecido pelo meu trabalho como músico, notadamente com o POSTHUMAN TANTRA, minha *one-man-band* de *sci-fi ambient* que surgiu em 2004, e desde então já participou de coletâneas em quatro continentes, lançou cinco boxes especiais na França em parceria com a lenda do *death ambient* MELEK-THA e teve seu primeiro álbum oficial lançado por uma gravadora Suíça em 2007, o CD *Neocortex Plug-in*, que recebeu resenhas elogiosas em veículos como as revistas *Rock Hard Valhalla* (nota 9 e entrevista exclusiva), *Judas Kiss* (Inglaterra) & *The Machinist* (Russia). Para conhecer mais sobre o POSTHUMAN TANTRA e ouvir algumas músicas visitem: www.myspace.com/posthuman-tantras. No entanto tenho experimentado com música desde a década de 1980, quando toquei contrabaixo em bandas de metal, chegando finalmente aos experimentalismos insanos dos anos 1990 com a banda de rock dadaísta ESSENCE (da qual faz parte também o quadrinhista Gazy Andraus), ou seja, a música é uma forma de expressão fundamental para o meu processo criativo.

Quanto às outras formas de expressão, desde 2001 tenho também criado trabalhos na interface entre arte e tecnologia. Destaco inicialmente minhas HQtrônicas, trabalhos poéticos fruto de mi-

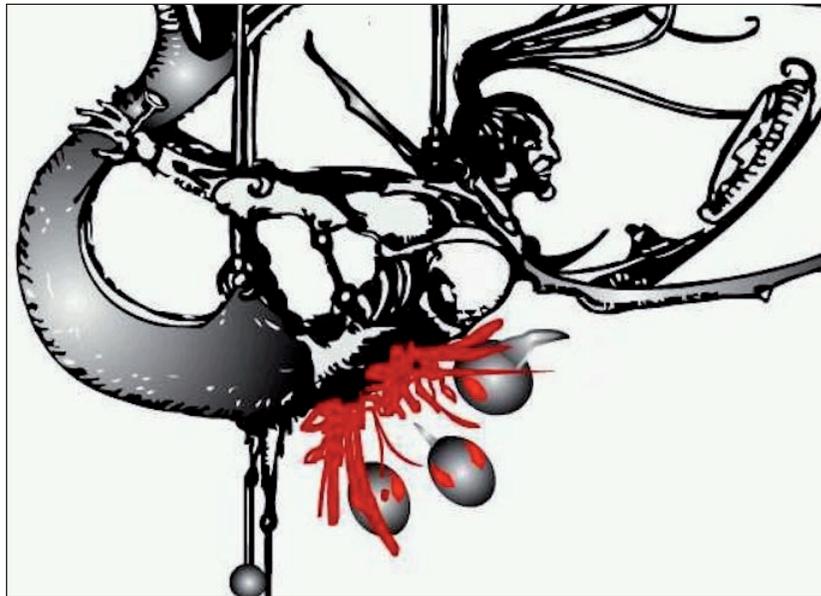


Posthuman Tantra é a expressão musical de Edgar Franco

nhas investigações pioneiras sobre as relações entre HQ e hipermídia. A HQtrônica *NeoMaso Prometeu* recebeu menção honrosa no 13º Festival Videobrasil (SESC Pompéia, SP, 2001) e pode ser navegada no link: <http://www.cap.eca.usp.br/wawrwt/neomaso/index.html>.

Já a HQtrônica *Ariadne e o Labirinto Pós-humano* (integrante da Mostra SESC SP de Artes, 2005) pode ser vista no CD-ROM que acompanha o meu livro *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet* (Annablume & Fapesp, 2ª Edição, 2008). Uma de minhas HQtrônicas mais recentes é *Game-otech 2.0* e ela aparece como faixa multimídia especial do CD *Neocortex Plug-in* do POSTHUMAN TANTRA (Legatus Records, 2008).

Também no campo da arte tecnologia tenho o site de web arte em desenvolvimento *O Mito Ômega*, trabalho que envolve interação endógena e exógena, design evolutivo e vida artificial e pode ser navegado no link: www.mitomega.com.



Cena da HQtrônica *NeoMaso Prometeu*

E finalmente a *Freakpedia* – A verdadeira Enciclopédia Livre, trabalho poético crítico que reflete sobre a pseudoliberalidade da aclamada *Wikipedia* e foi desenvolvido em parceria com o artista Fábio Oliveira Nunes. Convidamos todos a escreverem seus verbetes lá: www.freakpedia.org.

Uma experiência nova para mim é a atuação. Um dos primeiros experimentos meus nesse campo foi o vídeo clipe do POSTHUMAN TANTRA *The Master of The Alien Werewolves' Clan*, no qual atuei, fui diretor de arte e criei a música base para o clipe; ele pode ser visto no link: <http://br.youtube.com/watch?v=xErqQhhdFOY>; foi interessante e divertido atuar no vídeo e o segundo clipe já está em fase final de finalização.

Além disso tenho trabalhado como designer gráfico desde a década de 1990, e de lá para cá já criei mais de 100 capas de CDs/DVDs/Vinis e outras 50 para livros e revistas; um pouco dessa produção pode ser vista no myspace do POSTHUMAN TANTRA, no fotolog www.fotolog.net/edgar_



Foto de cena do vídeo clipe do *Posthuman Tantra*

franco e no meu site (muito desatualizado, pois passa por reformulações) Ritualart: www.ritualart.net. De forma diletante também já experimentei criar escultura e instalação e já há algum tempo estou em processo de elaboração das performances ao vivo do POSTHUMAN TANTRA, que pretendem ser mini-espetáculos multimídia. Desde 2001, a maior parte de meus trabalhos está relacionada diretamente com o meu universo ficcional da *Aurora Pós-humana*, um espaço rico para fazer os deslocamentos conceituais que proponho como artista.

Dos seus trabalhos com a Aurora pós-Humana, a saga BioCyberDrama, é a única desenhada por um segundo autor? Se existem outros materiais, quais? E por que Mozart Couto, como é trabalhar com ele?

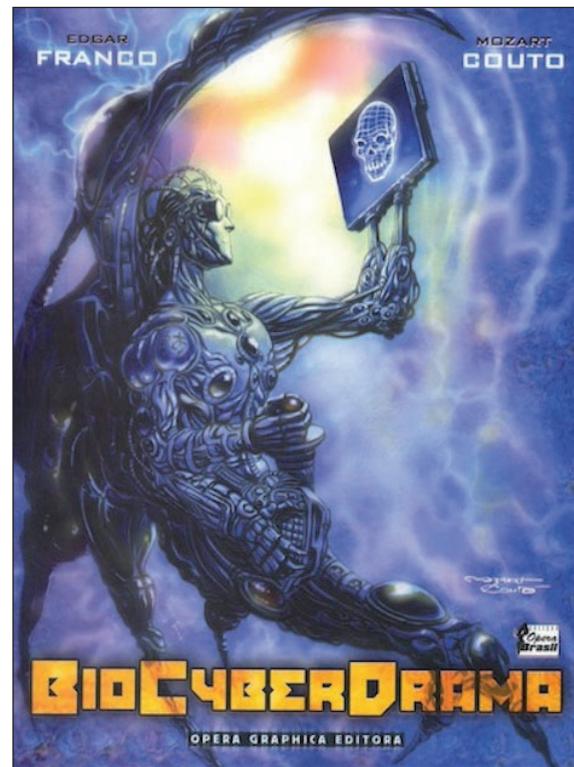
Na década de 1990 fiz muitas HQs em parceria, a começar pelo fanzine *Irmãos Siameses*, com Gazy Andraus, trabalho emblemático para os quadri-nhos do gênero poético-filosófico. Depois desenvolvi parcerias com muitas pessoas da cena, como Marcelo Marat (uma série de HQs roteirizadas por Marat e desenhadas por mim que gerou o fanzine *Alice*), Luciano Irrthum, Omar Vinõle, Simone Maia, Whisner Fraga, Petter Baiestorf, entre muitos

outros. Dois trabalhos desse período continuam inéditos: uma HQ de 9 páginas roteirizada por Gian Danton e desenhada por mim – inspirada no “mito da caverna” de Platão e a longa HQ *Retrogênese*, parceria com Al Greco. São trabalhos que gosto muito, e espero que sejam publicados.

Curiosamente, em 2000 montei uma revista chamada *Duetos Essenciais*, onde reuni os meus melhores trabalhos em parceria durante a década de 1990. Uma editora independente se interessou, mas acabou engavetando o projeto. Ele está aqui montado, com capa e tudo, talvez um dia encontre alguém interessado em publicá-lo...

A *Aurora Pós-humana* surgiu em 2000 e de lá para cá praticamente todos os trabalhos ambientados nela têm sido desenvolvidos por mim, a grande exceção é a saga *BioCyberDrama* (3 álbuns). Sempre fui fã de Mozart Couto, desde o começo de minha paixão pelos quadrinhos, lendo gibis de horror no início da década de 1980. Já nessa época descobri Mozart e amava seu traço e suas histórias que frequentemente envolviam algo de místico e transcendente.

No final da década de 1990 descobri que Couto era um artista acessível e comecei a lhe enviar meus zines. Fiquei estupefato ao ver



Capa do álbum *BioCyberDrama*, de Edgar Franco, em parceria com Mozar Couto

o quanto aquele artista – que eu considerava um dos grandes mestres da HQ nacional – era uma pessoa atenciosa e afetuosa, um ser generoso disposto a olhar para o trabalho dos outros com cuidado, sensibilidade e humanidade! Percebi que Mozart não era só um grande artista, mas uma grande figura humana. E tive a sorte de tocar Mozart de alguma forma, pois enviei-lhe a minha primeira criação para esse universo ficcional pós-humano, o zine de 16 páginas em bom e velho xerox *Biocyberdrame* e recebi uma resposta entusiasmada do mestre, dizendo que tinha gostado muito do trabalho e me perguntando se eu não teria interesse em desenvolver uma parceria com ele, escrevendo um roteiro para um álbum.

Imagine o meu entusiasmo ao ser convidado para ser parceiro de Mozart Couto!!!! Aí nasceu *BioCyberDrama*, um álbum que nos deu muitas alegrias, incluindo o troféu *Angelo Agostini* de melhor desenhista de quadrinhos para Mozart em 2004, além de minha indicação na cédula do HQ MIX como melhor roteirista. Uma conquista interessante, já que FC é um gênero tabu nesses prêmios, que costumam preferir gêneros como “regional” e “cotidiano”. Desde então a trilogia está em andamento, o segundo álbum ficou pronto (e o desenho de Mozart está primoroso), o terceiro está a caminho. No momento estamos estudando estratégias de lançamento para essas sequências e vas-

culhando propostas de editoras. Ressalto que trabalhar com Mozart Couto é fabuloso, pois ele tem uma visão quadrinhística incrível, e é um ser de mente aberta, com uma grande visão de mundo, um artista admirável!

Mas prepare-se pois novas produções no universo da *Aurora Pós-humana* estão sendo concebidas, uma delas contará inclusive com sua participação, não é mesmo Matheus?

*Opa! Claro que sim, é só fecharmos as pendências para que se concretize o projeto! Mozart Couto realmente é um grande desenhista. Ele está participando no álbum Gilvath, roteirizado por Alvimar Pires, conhece? Muito bom também. Voltemos um pouco no tempo. Há uns anos tive acesso a umas ilustrações suas (não me recordo a revista) e seu estilo era muito, mas muito diferente mesmo do de hoje. Tinha um ar demoníaco, satânico! Como foi a transição para o atual?**

Eu tenho todos os números editados de *Gilvath*; durante o tempo que cursei o Mestrado em Multimeios na Unicamp morei em Campinas e conheci Alvimar pessoalmente. Bem, no início de meu envolvimento com os quadrinhos, a partir dos 12 anos, o meu gênero preferido era o horror, então foi na-

* Em 2013 na revista *Camiño di Rato # 6* foram publicadas três histórias em quadrinhos parceria entre Matheus Moura e Edgar Franco, como parte da pesquisa de mestrado do primeiro.

tural desenhar HQs e ilustrações de horror. A evolução de traço e conteúdo foi acontecendo naturalmente. O fato é que sempre fui ligado em poesia e filosofia, aos poucos os textos de minhas HQs foram tornando-se mais poéticos e o traço mais onírico, o conteúdo filosófico. No entanto ainda tem muita gente que se assusta com meu desenho, acha tudo meio grotesco, monstruoso, principalmente pelo número de hibridações, mutações, transformações, além disso continuo ligado à cena musical de estilos controversos como *dark ambient*, *cyber gore*, *heavy metal* e seus subgêneros, criando capas de CDs e DVDs para várias bandas e toda a arte para o *Posthuman Tantra*.

Muitos não entendem a proposta estética de meus quadrinhos e não conseguem compreender as narrativas. Estou ciente disso, é o preço que todos os artistas que exploram as possibilidades de uma linguagem estão fadados a pagar. Por outro lado tenho um público restrito mas fiel, pessoas que acompanham meu trabalho há anos adquirindo tudo que produzo, isso é algo que me incentiva muito.

A série Artlectos e Pós-Humanos, teve dois números publicados pela paulista SM Editora, hoje Júpiter II, de José Salles. Antes estava programado para serem publicados os números três, quatro e cinco por ela, certo? O que

houve e o por quê da mudança (retorno, né?) para a editora paraibana Marca de Fantasia, de Henrique Magalhães?

Considero José Salles um dos grandes batalhadores e incentivadores da cena alternativa de quadrinhos, além de ser muito talentoso. Eu não sou um aficionado por HQs de super-herói, e por sinal 90% do material desse gênero produzido no Brasil é muito ruim, mas fiquei impressionado com o *Máscara Noturna*, é um anti-herói genial, sua gênese é mais criativa e interessante até do que a do *Hellboy* e *Spawn* (dois últimos grandes sucessos do gênero). Se tivesse sido criado nos EUA já seria um grande sucesso e com certeza iria parar no cinema.

No começo da “Editora SM” Salles abriu espaço para a publicação de um título periódico com minhas HQs, mas aos poucos a linha editorial de suas publicações – HQs mais populares, de gêneros como aventura e heróis – foi distanciando-se da proposta de minha revista. Com a mudança de nome para Júpiter 2, não havia mais espaço para a edição de um trabalho experimental e vanguardista como o meu. Ocorreu um desligamento natural, Salles foi muito bacana durante o tempo que publicou a *Artlectos* e só tenho a agradecê-lo, inclusive continuo acompanhando todas



Página de HQ com o universo mítico de Edgar Franco

as edições da *Júpiter 2* e acho o trabalho editorial incrível.

Na verdade, quando a SM optou por não publicá-la mais, o terceiro número estava bem adiantado, mesmo assim decidi que pararia com a revista. Numa conversa ocasional por e-mail falei isso para o Henrique Magalhães e ele lançou-me a proposta de continuarmos com a *Artlectos e Pós-humanos*! Fiquei contente, pois considero a Marca de Fantasia uma grande editora e admiro muito o trabalho sério, apaixonado e engajado de Henrique. Assim como Salles, Magalhães é também um artista muito talentoso das HQs, inclusive acaba de receber o *Troféu Bigorna* pelo seu fabuloso álbum *Macambira e sua gente*, prêmio mais do que merecido! Por falar nesse prêmio, gostei muito do grupo de selecionados, acho que é uma premiação alternativa que tende a se firmar!

Artlectos e Pós-humanos nunca foi publicada pela Marca de Fantasia, mas considero sua ida para o selo como um retorno ao lar (risos). É a editora que tem aberto suas portas para minha obra, seminal em minha trajetória artística! O número 3 deve ser publicado em breve e a periodicidade do título será de um número por ano. (Nota do editor: em 2013 saiu a sétima edição da revista).

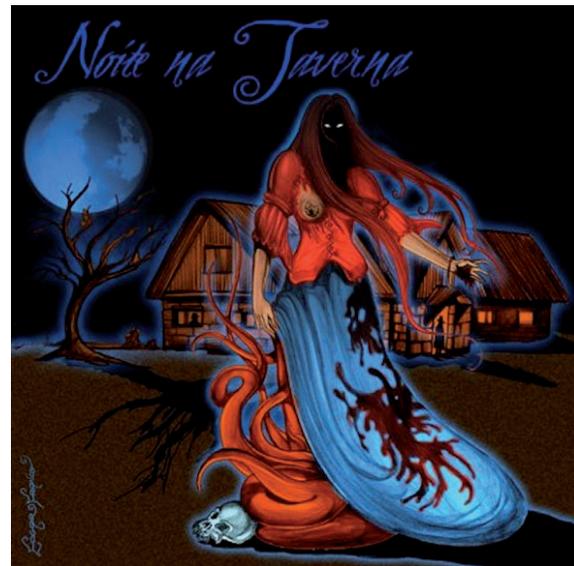


Sétima edição de *Artlectos e Pós-humanos*, de março de 2013

Então, quando me referi à volta, era a sua volta, não a da Artlectos, visto que você já foi publicado antes pela Marca de Fantasia, especificamente os álbuns Agatha e Transsessência, certo? Com relação ao seu trabalho musical, como anda ele? Há algo novo sendo preparado? Por que acha haver mais interesse em gravadoras estrangeiras em lançar seus discos do que nacionais?

Sim, mas além de *Agatha* e *Transsessência*, também colaborei com todos os números da *Mandala*, primeira revista brasileira dedicada exclusivamente aos quadrinhos poético-filosóficos e o meu livro *História em Quadrinhos e Arquitetura* foi publicado pela Marca de Fantasia. Ou seja, é uma longa relação que se iniciou na metade da década de 1990.

O *Posthuman Tantra* está indo muito bem. Como ressaltai, no ano passado saiu o primeiro *full-length* oficial *Neocortex-Plug-in* pela Legatus Records, da Suíça, também foi lançado na França a última parte da *Quadrilogia Kelemath*, a box set *Alien Emperor Eternal*, que além de 3 CDs musicais incluiu 6 cards redondos desenhados por mim. A saga foi toda criada em parceria com a lendária banda de *death ambient* francesa *Melek-Tha*. Esse ano já participei de cinco coletâneas, uma delas inclusive ajudei a organizar, foi *Noite na Taverna* – com 18 bandas da cena *dark am-*



Noite na Taverna, CD que reuniu bandas de *dark ambient*, que Edgar ajudou a organizar

bient brasileira, que criaram músicas exclusivas inspiradas na obra homônima de Álvares de Azevedo. No início do ano foi lançado o CD independente *Gothik Kama Sutra*, parceria entre o *Posthuman Tantra* e o *Alpha III* (projeto do renomado tecladista brasileiro Amyr Cantúcio Júnior).

No momento estou trabalhando nas músicas do EP *Transbiomorph's Necronomicon*, um item de colecionador para os fãs da banda que virá encartado em um pacote contendo botton, cards e outras surpresas. Esse EP conta com a participação especial da escritora e ocultista polonesa Asenath Mason, autora do livro *Necronomicon Gnosis*; Asenath escreveu letras de três das cinco músicas para as quais também gravou suas profundas vozes. O EP sairá no primeiro trimestre de 2009.

Mas a minha maior felicidade foi, apesar de toda essa onda de *downloads*, ter renovado o contrato com a gravadora *Legatus Records* para lançar o segundo *full-length* do *Posthuman Tantra*. Já comecei a rascunhar as composições e todo o conceito do CD, que além das músicas conterà uma nova HQtrônica como faixa multimídia, videoclipes e outras surpresas. O interesse pelo tipo



Capa do CD *Gothik Kama Sutra*, ilustrada por Edgar Franco

de música que faço ainda é muito restrito no Brasil, só agora está começando a se formar uma comunidade de adeptos. A música *ambient* e todos os seus subgêneros possui muita difusão na Europa, a maior parte das gravadoras do estilo estão lá e todas possuem catálogos extensos. No Brasil só existe um selo dedicado ao estilo, a Essence Music, mas mesmo ele só investe em bandas consagradas do exterior.

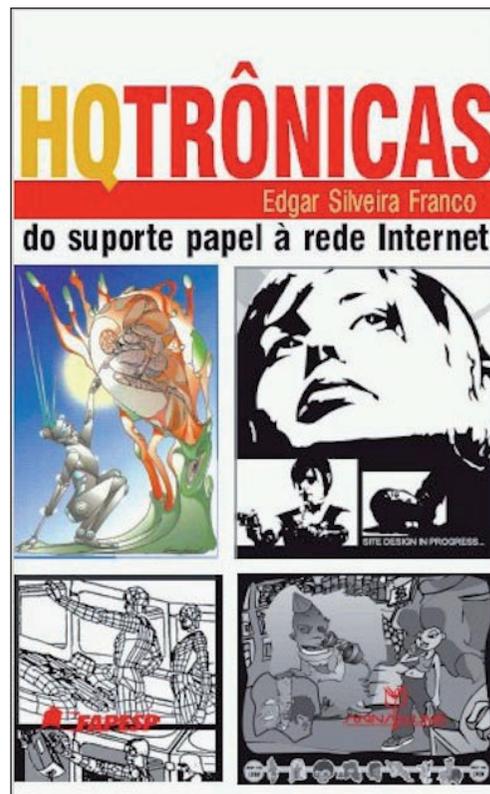
Desde a primeira demo, comecei a espalhar a música do *Posthuman Tantra* pelos cinco continentes e a resposta do exterior foi estupenda. Com pouco mais de três anos de existência assinei contrato com um selo europeu, o *Posthuman Tantra* foi uma das primeiras bandas brasileiras do estilo a conseguir esse feito. No entanto, tenho percebido um crescimento lento e gradativo da cena no Brasil, alguns fãs brasileiros passaram a acompanhar e adquirir tudo que lanço. Não sou contra o *download* – inclusive disponibilizei oficialmente dois álbuns completos do *Posthuman Tantra* para *download* no blog do myspace da banda – mas acho importante ainda o lançamento físico com um bom material gráfico, com as letras e outros itens, isso valoriza o trabalho, as pessoas podem mergulhar mais profundamente nos conceitos.

Você mencionou o livro História em Quadrinhos e Arquitetura, que escre-

veu já há um tempo e foi publicado pela Marca de Fantasia. Fora esse, não houve mais contribuições suas na área teórica, ou estou errado? (Observação: não estou levando em conta o Mestrado e o Doutorado). Se não, quais outros textos desenvolveu e onde o leitor pode ter acesso?

Ops, você esqueceu de meu livro mais importante, o *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet*, trabalho pioneiro a investigar as conexões entre HQ e Hipermídia e que já está em sua segunda edição! Mas além desses trabalhos tenho dezenas de outros, comecei a pesquisar a linguagem das HQs na metade da década de 1990 e de lá para cá já escrevi mais de 15 artigos inéditos para congressos e colaborei em muitos capítulos de livros. Só para citar dois trabalhos marcantes: o capítulo *Panorama dos Quadrinhos Subterrâneos no Brasil* do livro *Histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática* – organizado por Flávio Calazans e publicado em 1997, época em que eram raríssimos os livros dedicados às HQs no país.

Outro livro importante foi *O que é História em Quadrinhos Brasileira*, organizado por Edgard Guimarães e publicado pela Marca de Fantasia, nele participo com o capítulo *Quadrinhos Brasileiros ou Universais? Participo de outros livros sobre o tema e fui um dos pesquisadores mais*



Livro pioneiro no estudo das HQ eletrônicas

ativos do GT HQ da Intercom, enquanto ele existiu. Tem também a coluna *Quadrinhos Redondos* do site Bigorna (www.bigorna.net) que está meio parada por questões de tempo mas que pretendo retomar com posts mensais em 2009. Se fizer uma busca na net encontrará links para vários artigos meus sobre quadrinhos em PDF.

Mas, além das HQs, também investigo arte e novas tecnologias (bioarte, web arte etc.) e o fenômeno pós-humano e já participei com quatro capítulos para livros que tratam desses assuntos, além de ter escrito pelo menos uma dezena de artigos. Alguns deles estão disponíveis na web em sites de congressos e revistas on-line. Estou em fase de reestruturação de meu site pessoal e quando ele estiver pronto incluirá uma seção especial onde disponibilizarei todos esses artigos. Para ter um panorama de minhas pesquisas indico links diretos para dois artigos recentes:

Aceleração tecnológica e processos de criação: convergências e multiplicidades, publicado pela RUA – Revista Universitária do Audiovisual da UFScar. Falo de processos de criação desde as HQs em suporte papel, passando pelas HQtrônicas e chegando aos ambientes de vida artificial: <http://www.ufscar.br/rua/site/?p=628>.

Será o pós-humano? Ciberarte & perspectivas pós-biológicas, publicado pela *Comunidade Virtual de Antropologia*:

<http://www.antropologia.com.br/colu/colab/c33-efranco.pdf>.

Bacana, a pergunta foi uma provocação mesmo... mas continuemos. Com relação à área acadêmica. Como a entende hoje? O que acredita ser importante melhorar nas pesquisas relacionadas às HQs?

A égide secular do pensamento racionalista cartesiano na academia parece estar dando sinais de decadência, a ciência tem demonstrado ser falha e obtusa na tentativa de explicar todos os fenômenos que envolvem o homem, o planeta e o universo. A física quântica de ponta hoje só encontra paralelos nas tradições místicas do oriente e dezenas de acadêmicos estão se voltando para outras possibilidades, como James Lovelock e sua teoria Gaia – segundo a qual a Terra é um organismo vivo –, Rupert Sheldrake e sua teoria dos *campos mórficos & morfogenéticos*, Stanislav Grof e sua descoberta de um *inconsciente univérsico* entre centenas de outros exemplos. Sou positivo quanto ao significado dessas mudanças, talvez elas auxiliem na reconexão do

homem com a natureza e o universo. Como acadêmico coaduno com as ideias desses e de outros grandes pensadores anti-paradigmáticos da academia.

As pesquisas sobre HQs estão vivendo um grande momento, nunca se discutiu e pesquisou tanto sobre o tema. Há duas semanas estive no III Seminário de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos em São Paulo, seminário organizado pelo *Observatório de Quadrinhos da USP* e que reuniu pesquisadores de diversas partes do país. Hoje se pesquisa sobre HQs não só nas faculdades de Comunicação, mas também em Artes, Letras e como mostramos Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio – em artigo apresentado durante o evento – existem dissertações e teses sobre HQ até em campos inusitados como medicina e psicologia, é um grande avanço. Talvez esteja na hora de surgir o primeiro programa de mestrado dedicado exclusivamente aos quadrinhos, é algo que ainda sinto falta.

Seria interessante mesmo um mestrado específico em HQs. Ainda na parte acadêmica... recentemente houve o lançamento do livro História em Quadrinhos: Impresso vs Web, de Anselmo Gimenez Mendo. Não cheguei a ler, mas pelo que pude perceber o discurso de Anselmo cria um antagonismo entre as duas mídias. Tanto é que em uma entrevista cedida ao

Paulo Ramos (Blog dos Quadrinhos) Anselmo disse o seguinte: “(...) não vejo os quadrinhos no meio digital com inovações suficientes a ponto de criar uma nova forma de expressão. Imagino a história em quadrinhos nos meios digitais quase em um beco sem saída com relação à inovação. No que se pode encontrar hoje na internet, a adição de elementos multimídia e de interatividade às histórias só empurram os quadrinhos cada vez mais para perto dos desenhos animados (som e animação) ou dos games (interatividade e não linearidade). Desta forma, não vejo os quadrinhos digitais como algo originalmente novo.” Qual o seu ponto de vista quanto à visão de Anselmo?

É uma visão distinta da minha, e toda polêmica é saudável, pois significa que estamos diante de um fenômeno novo e tentamos compreendê-lo. Acho que quanto mais pesquisas em uma área melhor, e as conclusões de Anselmo, de certa forma, aplacam os ânimos de muitos detratores das HQtrônicas, isto é, pesquisadores e leitores que sempre acharam que HQ na web não funciona, ou no máximo que deve ser como no papel, só escaneada. Talvez tenha faltado para o autor uma dimensão que considero fundamental para compreender o fenômeno, criar HQtrônicas, isto é, experimentar o processo

criativo utilizando essas novas possibilidades.

Eu, além de pesquisar de forma pioneira essa hibridização de linguagens, também me propus a experimentar como artista das HQs, é por isso que meu livro vem com um CD-ROM e inclui o relato do processo de criação de minhas HQtrônicas. Para mim a experiência é muito diferente, é claro que muitos dos primeiros autores que experimentaram criar HQtrônicas na verdade simplesmente queriam fazer desenhos animados, então migraram para a animação, outros experimentaram, não gostaram e voltaram a fazer quadrinhos tradicionais.

Mas o fato é que entramos em uma segunda fase das HQtrônicas, um momento em que começamos a perceber as novas características dessa linguagem intermídia se firmarem, basta vermos trabalhos geniais como as HQtrônicas norte americanas *Nawlz* (<http://www.nawlz.com/>) e *E-merl* (<http://e-merl.com/>). A primeira pode ser considerada uma das mais requintadas HQtrônicas já desenvolvidas, com estruturação hipermidiática inovadora criada por seu idealizador Sutú. Já a segunda, trata-se de um site com múltiplos experimentos explorando as possibilidades da diagramação dinâmica e da tela infinita; seu autor, Daniel Merlin Goodbrey, consegue produzir narrativas delicadas e criativas.

Poderia citar muitos outros trabalhos, mas acho que esses são emblemáticos e quem navega por eles percebe que eles estão muito distantes de “um desenho animado” e também de uma HQ tradicional, que utilizam com maestria as novas possibilidades. Para mim as HQtrônicas compõem uma das novas linguagens em gestação características do momento contemporâneo de convergências midiáticas. No panorama atual da rede Internet, dentre as milhares de histórias em quadrinhos simplesmente escaneadas e reproduzidas na tela do computador, existem dezenas de sites nos quais os artistas estão efetivamente explorando as possibilidades de integração entre a linguagem das HQs e a hipermídia.

Digo que a fase inicial das HQtrônicas durou de 1995 a 2004, durante ela muitos quadrinhistas experimentaram com os novos recursos e possibilidades, a maioria deles motivados apenas pela curiosidade. Atualmente o número de sites de HQtrônicas reduziu, no entanto estão surgindo trabalhos mais maduros e melhor acabados, como os dois já citados, resultado da gradativa solidificação de alguns elementos que estruturam essa nova linguagem intermídia. O bacana é que meu livro tem cumprido o seu papel pioneiro de levantar essas questões no contexto brasileiro e continua interessando muito a pesquisadores de múltiplas áreas, desde a Educação até a Comunicação e surpreendente-

mente, em menos de quatro anos, mereceu uma segunda edição. Que venham muitos novos estudos e análises para enriquecer a área de pesquisa.

Essa pergunta fica mais no âmbito clarividência, mas vamos lá: como vê a viabilidade das HQtrônicas? Qual o futuro delas?

Por enquanto os trabalhos são disponibilizados por seus autores gratuitamente, mas com o amadurecimento gradativo da linguagem e interesse de leitores existem algumas possibilidades viáveis, como os micro pagamentos, ou as mensagens publicitárias. A Internet é um meio novo e ganhar dinheiro com conteúdo ainda é um grande problema. Mas isso não é um drama só das HQtrônicas, a pergunta pode ser feita também para os quadrinhos publicados em suporte papel no Brasil, podemos contar nos dedos os artistas que vivem de criar quadrinhos em nosso país, no entanto temos trabalhos muito bons e uma cena produtiva composta de artistas apaixonados. Independente de uma viabilidade financeira, acredito que os verdadeiros autores de HQtrônicas continuarão criando seus trabalhos por paixão por essa linguagem emergente!

Depois de uma pergunta subjetiva, uma concreta: o cenário hoje das HQs brasileiras, é promissor? Acredita que os quadrinhos acharam seu lugar nas livrarias?

Vivemos um bom momento no que tange ao aspecto final das produções de quadrinhos no Brasil. Os custos gráficos tornaram-se viáveis para os independentes. Quando comecei nos zines, na década de 1980, produzir uma revista com papel de qualidade e capa colorida era algo muito distante, impensável para os nossos bolsos! Hoje eu fico estupefato e feliz com a qualidade gráfica e acabamento das edições, os novos quadrinhistas estão produzindo trabalhos bem acabados e as pessoas estão muito mais dispostas a pagarem por produtos assim. Vender zines fotocopiados era um negócio impossível.

Veja seu belo projeto com a *Camiño de Rato*, a revista acabou de ser publicada e já recebi e-mail de dois amigos aí de Uberlândia dizendo que compraram e gostaram, e são pessoas nem tão ligadas aos quadrinhos! O bom acabamento gráfico é fundamental para que um produto seja vendável. Também percebi um avanço grande no que tange aos desenhos, ou seja, a quantidade de informações aumentou, hoje o acesso a manuais e dicas sobre desenho é imenso, tudo correndo na rede, e mesmo os roteiros estão mais bem elabora-

dos, portanto acho que vivemos um bom momento para as HQs.

No entanto, algo me incomoda, o fato de não estar vendo florescer nessa nova geração artistas dispostos a experimentar com a linguagem. Com todas as dificuldades, nos anos 1980 e 1990, o cenário da HQ alternativa brasileira foi um dos mais revolucionários e intensos do planeta, trabalhos vanguardistas, iconoclastas, únicos, foram criados, e artistas genuínos surgiram. Quando leio os trabalhos da maioria dos novos autores, acho o desenho muito bem acabado, o roteiro tem boa estrutura, a revista está com ótimo acabamento gráfico, mas é tudo derivativo demais, em um segundo as “influências” estão evidentes e aquela sensação de já ter lido aquilo outras vezes persiste, é tudo “quadrado”, parece feito por “escoteiros”. E isso independe do gênero, pode ser do *underground* de veia *crumbiana* até os super-heróis. Obviamente existem exceções, mas são raras. Entretanto tenho esperança que em breve a ousadia volte a contaminar a cena da HQB, logo que passar esse deslumbramento inicial da “qualidade gráfica” alcançada. Quanto às livrarias, sim acho um bom caminho, pois os quadrinhos já estão deixando de ser uma mídia de massa, tendem a tornar-se uma mídia cult no decorrer das próximas duas décadas.

A experimentação que diz é no âmbito filosófico e de novas possibilidades gráficas? Pois isso me faz lembrar o que Alvimar me disse na entrevista que realizei com ele em meados de outubro. Na ocasião ele disse que na revista que editou chamada Factus, praticou um “patrulhamento artístico”. Quando questionei o que viria a ser o tal patrulhamento, Alvimar respondeu: “É uma situação meio delicada, pois referia-se a críticas quanto ao direito dos iniciantes andarilharem por experimentalismos subjetivos, surrealismos gráficos etc., antes de dominarem o básico do desenho, a anatomia, perspectiva, as noções de claro-escuro etc. Atualmente, a coisa está pior. Os mesmos sujeitos que deploravam a censura do período militar à cultura, são os que arquitetam barreiras aos que não batem com suas cartilhas. Bloqueiam sem a menor cerimônia trabalhos decentes, no entanto, se você pesquisar os sites onde atuam, se espantará. Chovem elogios para a produção escrota, como mangás incestuosos...”

Tenho só um número da *Factus* – muito bom por sinal – e não posso falar sobre a revista no geral, mas eu acho que todo artista genuíno deve experimentar sim, e SEMPRE! O processo de aprendizado dos ditos cânones é gradativo, e se eu não começo a experimentar desde cedo vou ficar engessado

pelo formalismo, adotar padrões e reproduzir o que já foi feito. Com isso não quero dizer que todo experimentalismo é bom, muita coisa ruim foi feita e para que tivéssemos algo realmente genuíno muitos erros foram cometidos, da quantidade sai a qualidade.

O que não posso aceitar é essa pasteurização dos quadrinhos, esse esqueminha *mainstream*. Anatomia é importante, mas se você se expressa de forma genuína isso está num segundo plano, veja Henfil, é genial, e onde está anatomia, perspectiva, claro-escuro? Todo modelo é dogmático, cânones são coisas que começaram a morrer no renascimento. Para mim quadrinho é arte, foi assim que sempre encarei, desde o princípio tive consciência de que meu trabalho nunca seria para as massas, e hoje vejo que mesmo as HQs comerciais já não são mais para as massas.

Agora, se o quadrinhista quer tratar seu trabalho como mercadoria, tem que se adequar aos padrões, pasteurizar, entrar no esquema de mercado e passar a trabalhar pro exterior – pois viver de quadrinhos no Brasil é coisa para pouquíssimos. Veja que desenhistas exímios e de grande capacidade de adaptação no que condiz ao traço não suportaram esse esquema *mainstream*, o Mozart Couto desenhou pros EUA, mas sacou logo como aquilo era falso e saiu fora. É triste perceber que tantos talentos genuínos das HQs

brasileiras não são conhecidos pelos jovens que estão adentrando o território dessa linguagem e que os ídolos de boa parte dessa garotada são operários do traço que desenham para grandes estúdios, não são “quadrinhistas” e sim desenhistas, mão de obra barata do terceiro mundo.

Por isso defendo o experimentalismo em todos os sentidos, gráfico, conceitual, de roteiro, sem ele não surgem as expressões genuínas, vira tudo “quadrinho fabricado”, produto industrializado, descartável, vazio; isso não implica que não devemos estudar, conhecer as bases do desenho, da narrativa – pois são fundamentais. Ensinei desenho por 7 anos na Universidade e procurava sempre aliar a gênese e o conhecimento da área com a verve subjetiva que produz a expressão genuína.

Observe que esse experimentalismo que chegou ao ápice nas décadas de 1980 e 1990 a ponto de irritar setores mais conservadores da HQB, simplesmente parou!!! A patrulha venceu, mas espero que os rebeldes experimentais voltem logo a surgir no contexto brasileiro, unindo-se a “veteranos” como eu e Gazy Andraus! Deixo o patrulhamento para a polícia, prefiro louvar a liberdade!

Reforço aqui que a Camiño di Rato está aberta as experimentações! Tanto é

que os “veteranos” como bem disse, figuram nela, além dos trabalhos de Al Greco e Rosemário Souza, que são bastante influenciados por vocês. Mas, no tocante a essa nova questão: Você falou em engessado que me fez lembrar de concreto; concreto se desdobrou em concretismo. Você, já há uns dois anos, publicou junto com outro pessoal uma HQ (foi isso mesmo?) em homenagem ao concretismo. Que fim levou este projeto, e ainda está disponível?

Muito bom ouvir isso de você, a *Camiño di Rato* já nasceu “experimental”! Estou muito contente com o retorno desses dois genuínos quadrinhistas autorais ao cenário da HQB, Al Greco e Rosemário Souza são artistas que estavam fazendo falta, devemos comemorar seu retorno, desejo que tenham voltado pra ficar e que nos brindem com muitas e muitas páginas! Sobre esse projeto que homenageia o “concretismo”, na verdade trata-se da revista digital-objeto *Nóisgrande* (número único), um trabalho organizado pelo artista multimídia Fábio Oliveira Nunes, que reuniu 11 artistas que criaram trabalhos para a revista utilizando técnicas que vão do vídeo à narrativa hipermídia, eu participei com a HQtrônica *brinGuedoTeCA 2.0*. O título da revista foi uma referência ao grupo *Noigrandes* criado em 1952 pelo trio de

poetas paulistas Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos.

A *Nóisgrande* cria uma tensão entre a possibilidade de reprodução ad infinitum de seu conteúdo (disponibilizado em CD-Rom) e o objeto de arte único que serve de invólucro para o CD-rom: uma noz de acrílico produzida artesanalmente com tiragem limitada e numerada pelo idealizador Fábio Oliveira Nunes. A tiragem foi de apenas 70 cópias e o trabalho foi lançado em abril de 2006 na *Casa das Rosas*, em São Paulo num evento interessante, com performances de vários artistas e ambientação musical do Posthuman Tantra. Para mais detalhes sobre o trabalho visitem o site da *Nóisgrande*: <http://www.fabiofon.com/noisgrande/home.html>

O que acredita ser hoje fundamental para se pensar no âmbito da cultura nacional – digo, tanto com relação à música, HQs, literatura, pesquisa acadêmica etc.?

Apesar de defender a valorização, preservação e o respeito a todas as culturas, eu abomino esse dogmatismo cultural ufanista que rege as entidades oficiais financiadoras da cultura no país. Sou telúrico, respeito e amo a localidade geográfica em que nasci, mas antes de tudo sou cosmopolita, universa-

lista, um cidadão do universo. A diversidade é rica e maravilhosa, no entanto não devemos esquecer que somos todos pertencentes a uma única espécie: humana. Esse ufanismo dogmático impede que quase todas as iniciativas culturais que não envolvam “valores regionalistas” consiga financiamento cultural, isso criou uma valorização torpe de pseudo-regionalismos culturais em todos os segmentos da cultura.

Se você falar de folclore, ditadura, bossa nova, Guimarães Rosa, Zumbi, só pra citar alguns exemplos nesse contexto, terá uma chance elevada de ter seu projeto aprovado nas leis de incentivo à cultura, no entanto se sair desse esquema – por exemplo propondo uma obra de FC, ou horror – estará fadado a falhar. Como não existe tradição de incentivos culturais provindos da iniciativa privada brasileira, toda produção que não for “circunscrita” aos regionalismos ficará por conta do artista. E dá-lhe dezenas de filmecos de merda financiados com verba oficial sobre a ditadura – parece que alguns cantores/diretores gostariam muito que a ditadura voltasse, assim voltariam a ser criativos de novo – quando não é ranço urbanoide baseado no “cinema novo”.

Na música *mainstream* é a mesma coisa. Esses dias acompanhei um concurso na web, para novas bandas e músicos brasileiros, era aberto a todos os gêneros e teve mais de 500 inscrições – escutei tanta coisa criativa, ge-

nial –, no final os premiados foram 3 bandinhas vagabundas que misturam “vários estilos” com os “ritmos brasileiros”, um negócio rizível, ridículo, é a ditadura do regional, o dogma da nossa cultura! Aí que percebo que tudo de realmente interessante que tenho visto na cultura brasileira contemporânea – e tem muita coisa genial – vem mais uma vez do *underground*, dos deserdados das verbas públicas: música, literatura, quadrinhos, vídeo, cinema, arte tecnologia, tudo independente, criado por apaixonados, realizadores de alma que não estão dispostos a entregar seu espírito artístico à sedução dogmático-regionalista.

Nesse sentido, o computador é uma ferramenta mágica, pois facilitou a produção para os independentes, hoje você pode gravar, editar, difundir, apenas tendo um computador em casa. A cultura independente brasileira merece meu profundo respeito, ela mantém a arte viva! Não vou citar nomes, pois seria injusto com muitos que esqueceria de momento, mas vocês sabem quem são!

Quanto à pesquisa acadêmica, meu viva aos pensadores genuínos, aqueles que estão lentamente promovendo o fim da égide do cartesianismo racionalista, minando a visão tacanha dos “papagaios de pirata” do pensamento alheio. Ainda não são muitos, mas significativos no contexto universitário

brasileiro, humildemente me coloco entre eles.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país, hoje, em 2013?

É um bom momento para a pesquisa, as HQs ganharam um respaldo jamais imaginado na década passada. Isso significa que realmente amadureceram e mais, tornaram-se mesmo um fenômeno já do século passado, pois a academia é muito tradicionalista, vive de estruturas arcaicas e retrógradas. Mas não pense que o paradigma mudou, que a aceitação das HQs chegou, significa simplesmente que na contemporaneidade não existem mais argumentos sólidos para negar o seu valor como forma de expressão ímpar. E volume não é condição de qualidade, como na maior parte das áreas de pesquisa, grande parte das investigações sobre HQ no Brasil são só “mais do mesmo”. Aplicações de teorias estanques e inúteis sobre o pretexto de análise dos quadrinhos.

Participo de bancas, acompanho o fluxo das pesquisas e vejo que as investigações sagazes, aquelas que realmente contribuem para a área, são muito raras. As exigências de produtividade das agências financiadoras de pesquisa no Brasil tem produzido um fenômeno curioso, milhões de artigos

sem nada a dizer, só volume, os pesquisadores são cobrados na quantidade e não na qualidade.

Para escrevermos algo significativo que traga informações e reflexões novas precisamos de tempo, dedicação, envolvimento, grandes mentes da história acadêmica escreveram 2 ou 3 artigos assim em suas vidas. Então o que temos é, em sua maioria, uma eterna revisão bibliográfica, milhões de páginas de lixo. Mas sou positivo, ao menos a resistência das áreas de pesquisa ao tema HQ estão menores, e agora temos a ASPAS - Associação Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial, estamos nos organizando, isso é bom.

Bom Edgar, foi um grande prazer ter esta instrutiva conversa contigo! Há algo que tenha sentido falta de falar e gostaria de comentar? Deixo aberto aqui para quaisquer consideração que ache pertinente. Muito obrigado.

Gostaria de lhe agradecer pela oportunidade de ser entrevistado para o blog TOKA DI RATO que vem se firmando como um dos novos veículos de destaque a tratar da HQB, temos muita carência nesse segmento: a reflexão crítica sobre a HQ brasileira, e você, Matheus, está despontando como um dos jor-

nalistas críticos mais sensíveis e inteligentes do país. Desejo que a *Camiño di Rato* seja um sucesso e espero poder continuar colaborando ativamente com a revista. Finalmente agradeço a todos aqueles que tiveram a paciência e interesse em ler essa extensa entrevista, caso desejem conhecer mais sobre o meu trabalho e buscas transcendententes visitem os sites indicados na entrevista e/ou enviem-me um e-mail: oidicius@hotmail.com. Abraço pós-humano!

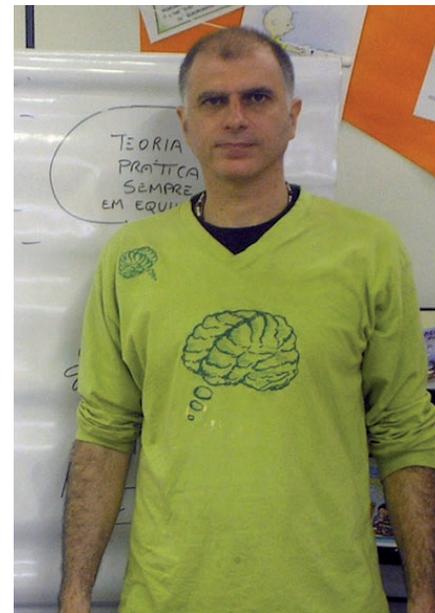


Card com a força expressiva da arte de Edgar Franco

O estado alfa da mente e os haikais na criação de HQs

Entrevista com Gazy Andraus
Por Matheus Moura

Gazy Andraus é professor, doutor e artista. Juntamente com Edgar Franco e Flávio Calazans, deu início às HQs poético-filosóficas durante a década de 1990. Dono de um traço e narrativa peculiar, se dedica a estudar novas maneiras de ensinar. Como docente o foco são as formas não tradicionais de ensino, visando desenvolver o lado direito do cérebro, ou seja, a criatividade dos alunos. Parte dessa premissa foi discutida por ele na dissertação de Mestrado intitulada “Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)” e defendida na Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Nessa pesquisa, elementos da filosofia oriental



Professor Doutor Gazy Andraus

como os Koans, utilizados pelos zen-budistas, são aliados à Física Quântica para traçar de que maneira funcionam, na mente do leitor, os espaços entre os quadros de uma HQ.

O Doutorado em Ciências da Comunicação, na área de Interfaces da Comunicação, pela ECA-USP, (premiado com a melhor tese de 2006 pelo HQMIX 2007), tem como título “As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário”. Dando continuidade aos estudos desenvolvidos no Mestrado, Andraus aprofunda as questões relacionadas à recepção imagética levando a discussão à aplicabilidade das HQs em sala de aula.

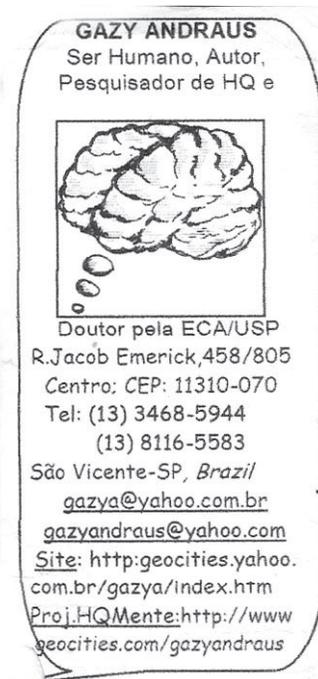
Como professor, atualmente leciona na FIG-UNIMESP – Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, tanto na Graduação como na Pós-Graduação do Curso Docência no Ensino Superior. É também membro dos grupos de pesquisa Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP; Interculturalidade e Poéticas da Fronteira, na UFU; e do INTERESPE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação, PUC/SP.

Na conversa abaixo, realizada em outubro de 2009, com complemento em maio de 2013, são discutidos pontos quanto à produção particular do

autor (tanto em quadrinhos quanto pesquisas), além da participação dele na organização do Seminário de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos (realizado em São Paulo), e a responsabilidade dos professores na formação de leitores de quadrinhos.

Quem é Gazy Andraus?

Como eu coloquei em meu cartão, antes de tudo, um ser-humano! Ou seja, alguém que tem a consciência de que os rótulos (até mesmo profissionais), são rótulos apenas, e que se resguarda em meu íntimo, uma conexão entre meu ser corporal e minha alma (para mim, que acredito em alma, espírito etc.). Muito me perturba a formação social em que vem primeiro o ser profissional, e sua essência vem depois: muitos são rotulados como excelentes na sua profissão, mas na surdina (ou às escondidas), são temidos e/ou tidos como pessoas irascíveis, irritantes, “chatas” etc. De que adianta isso? Não vem em primeiro, como a sociedade pensa, o profissional, e depois o ser humano. Essa falha é um legado distúrbio da cisão cartesiana, entre o corpo e alma, entre a razão e a intuição, hemisfério esquerdo e direito. As universidades, muitas vezes, têm sido prédios de concretos “vazios” e sem alma,



Cartão pessoal de Gazy Andraus

porque as pessoas lá dentro vinham seguindo paradigmas da racionalidade, tornando-se (e a tudo o mais) frias, calculistas, escondendo seus sentimentos e deixando para bem longe a questão da fraternidade. Esta sim, que deveria ser divulgada e irradiada, ainda mais na educação formal escolar e universitária (e conseqüentemente profissional).

Ainda bem que esta noção está se modificando atualmente, em muitos lugares. Assim, como Edgar Morin afirmou, sou um humano *homo sapiens*, mas também *homo ludens*, e ainda *homo demens*. Ele se referiu às diversas situações a que a mente humana vive e convive, indo desde à animalidade (resquício do DNA animal) à racionalidade, mas também perpassando à ludicidade, à nossa necessidade de “brincarmos”, de estarmos contentes aqui, e ainda à questão do emocional (*demens*). Tudo isso é parte do ser humano, e não só a “profissional” ou acadêmica.

A arte nos faz lembrar disso, nos aperfeiçoa também: foi o que aprendi com ela. É essa a parte do que sou (e também integrante do universo, como você ou qualquer outro, e qualquer outra coisa).

Essa sua consciência de se ver mais humano (do que os humanos se veem), é reflexo de sua experiência com a arte, como disse, e como começou essa

relação: Gazy x Arte?

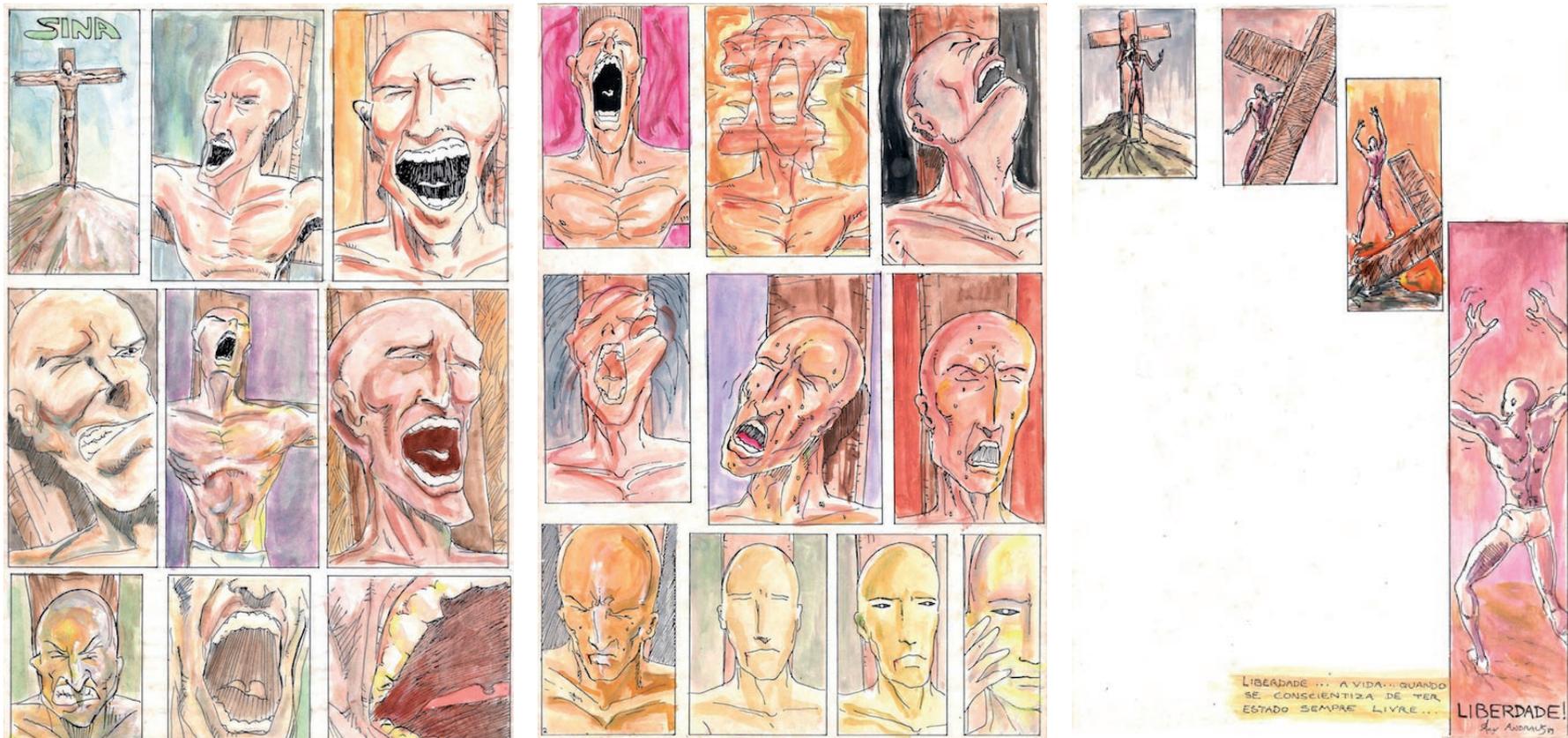
Na realidade, não me vejo como “mais humano”, mas sim, que as pessoas esquecem de priorizar o sensível, o fraterno, o que realmente é importante, e não o que elas representam (como personagens, como profissionais), pois na minha concepção, a humanidade singrou pelo tecnicismo, esquecendo-se de que tem sentimentos, de que tem que aprender a conviver com suas diferenças culturais, antes de se embrenhar pelo pensamento estritamente tecnológico.

Creio que a experiência da arte ajuda a promover isso. Tal experiência já começa na infância, pois somos todos “artistas”, principalmente quando crianças. Pois é nessa fase que nosso estado mental fica em maior parte em alfa, ainda que despertos. O que quer dizer que o hemisfério direito infantil é extremamente ativo, enquanto que, conforme vai se tornando maduro, há uma modificação estrutural no hemisfério racional, sobrepujando a imaginação e a criatividade, e “escondendo” os sentimentos. Isto torna os adultos lamentáveis arremedos da criação, simulando a todo instante uma vida “alegre”, mas que internamente é vazia, causando os dissabores que estamos acostumados, brigas e até as guerras.

Assim, minha relação com a arte não se rompeu nunca, e fui perceber este dialogismo e sua importância, de forma contundente, no decurso de meu doutoramento. Inclusive, tornando-me (sem querer), cobaia de mim mesmo, já que a tese me fez exacerbar minha racionalidade em prejuízo (temporário) à minha contraparte criativamente artística. Hoje posso entender melhor porque as pessoas têm dificuldade em criar (e em viver).

Duas em uma: O que alguém pode fazer para evitar que isso ocorra, por exemplo, com seus filhos, de perderem esse estado Alfa? E conte um pouco do seu Doutorado, tema, processo de criação...

A criatividade é inerente ao ser humano, que é fruto de um processo evolutivo, abarcando todos os “cérebros” anteriores animais. Porém, o biólogo Maturana já concluiu que no homem, a evolução atinge (ou pelo menos, é atingível) um ápice no que ele chama de “amor”, equivalente a um coroamento de toda essa epopeia evolucionária, que nos insetos, por exemplo, se dá na comunicação da trofolaxe (comunicação e organização dos insetos que inclui troca de fluídos, dentre outros). Assim, o amor e a co-criação é parte de nossas tarefas na existência. Para isso, dispomos de um cérebro com neo-



Sina, uma das HQ preferidas de Gazy Andraus

cortex e funções ambi-hemisferiais, donde o lado esquerdo do cérebro opera a linearidade, a racionalidade, e o direito serve como “input” de tudo o que existe no universo.

Acontece que o estado cerebral alfa permite que esta “abertura” se dê com mais fluidez, e menos interferência do estado beta (desperto, consciente). Nas crianças, o estado desperto delas parece ser naturalmente em alfa mais que em beta, ou seja, elas vivem no mundo da fantasia, da criação, e por isso são extremamente criativas. O ensino tradicional cartesiano interfere muito na atuação do hemisfério direito, ao impor a linearidade, a rigidez, a leitura fonética (que ativa o hemisfério esquerdo) etc. O ideal é deixar a criança brincar o máximo possível, e não impregná-la de racionalidade em detrimento à criatividade. Se ela aprender a ler naturalmente antes de 7 anos, muito bem, mas se não, não deve ser forçada a isso, pois as imagens e desenhos alimentam o hemisfério direito (da criatividade), enquanto que a escrita fonética o esquerdo (o racional).

Minha tese aponta para o uso de história em quadrinhos na universidade como forma de estimular o hemisfério direito, já que mesmo adulto, o cérebro humano é neuroplástico e pode continuamente se desenvolver. Nas escolas e universidades (nestas últimas principalmente), a tendência é desestimular

a criatividade e exacerbar os conhecimentos racionais com leituras fonéticas de textos acadêmicos. Pois bem, se se usar a arte, no caso, histórias em quadrinhos de conteúdo adulto (reflexivo), a ambivalência do texto escrito com as imagens vai estimular o hemisfério direito, conseqüentemente, ampliar a criatividade, imaginação e até ativar os sentimentos no universitário. E ele pode também passar a experimentar sentimentos e imaginações, que podem melhorar sua maneira de pensar, de forma criativa também.

Então acaba que o leitor de quadrinhos adquire uma vantagem com relação ao não leitor...

Com relação à leitura de história em quadrinhos, sim. Mas isso nem é tanto, pois no dia-a-dia há outras formas visuais e sensoriais como o cinema, a música etc. O que acontece é que ler quadrinhos desperta e melhora a sensibilidade estética também, no que concerne aos desenhos, tornando o leitor um “alfabetizado iconicamente”, parafraseando Thierry Groensteen em seu livro *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular* (lançado pela excelente editora alternativa Marca de Fantasia, de Henrique Magalhães).

Há muitos relatos de adultos que nunca leram HQ na infância dizendo



Capa do álbum *Irmãos Siameses*, de Gazy Andraus em parceria com Edgar Franco

que têm dificuldade em ler as páginas de quadrinhos, pois não conseguem fazer a visualização integral entre os textos e os desenhos! Esta dificuldade é porque o cérebro delas não aprendeu a “ler iconicamente” os desenhos, tendo dificuldade de fazer o cruzamento entre textos e imagens. E nos quadrinhos há uma vantagem: em cada página, há o passado, presente e futuro ao mesmo tempo. O leitor, enquanto foca sua visão central em determinado quadrinho de uma página, está assimilando pela visão periférica o passado do que já leu, e o futuro nos quadrinhos a seguir que ele contempla ao mesmo tempo. Isso tudo realmente é um ponto a mais e único nessa linguagem, ampliando a atividade cerebral ambi-hemisferial!

Aí que entra “o quadro entre os quadros”?

Minha dissertação de mestrado colocou em pauta a questão da linguagem das HQ, no que concerne aos seus “links” entre os quadrinhos (os espaços chamados de “sarjetas”, “vãos”, “elipses” etc.), e uma pertinência filosófica em relação à própria existência, relacionando a filosofia oriental (o taoísmo) e o paradoxo da micropartícula atômica, por esta ser uma onda probabilística ao mesmo tempo em que um corpúsculo, segundo principalmente o livro

O tao da Física, de Fritjof Capra.

Este conceito, eu o imbriquei na questão das histórias em quadrinhos de teor fantástico-filosófico, e que os “espaços” entre os quadrinhos das HQs desse gênero contêm um “vazio” probabilístico que é preenchido pela mente do leitor: ao ler os quadrinhos desenhados, aqueles outros que ficam nos vãos entre os requadros “aparecem” como possibilidades imaginativas na mente de quem lê as HQ, exatamente como apregoam as pesquisas de física quântica, em que o observador é quem vai decidir se aborda a micropartícula como um corpo no espaço-tempo, ou então como uma onda que pode estar em qualquer lugar!

Mas enfoquei precisamente as HQ que fossem “haikaizadas”, ou seja, com uma estrutura similar aos hai-kais, fugindo dos padrões das narrativas tradicionais, como são as HQ de autores como Antonio Amaral, Calazans, Edgar Franco, Rosemário, Al Greco, e as minhas, naturalmente. Especifiquei os quadrinhos cujas mensagens tivessem “koans” em suas estruturas, que são frases-questões dadas pelos mestres budistas a seus discípulos para que suas mentes se ampliassem: e há muitas HQ fantástico-filosóficas nacionais que possuem estas finalidades.

Busquei também similares estrangeiros, como nas fases iniciais do autor

de HQ francês Caza, e outros como Druillet. Minha dissertação de mestrado em Artes (mas interdisciplinar, de certa forma) se chamou: “Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)” e pode ser acessada no guia dos Quadrinhos, no link: http://www.guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod_mono=15.

Então, as HQs poético-filosóficas tiveram seu apogeu na década de 1990, certo? Pois hoje não se vê muito delas por aí... a que acha que isso seja devido?

Na verdade, também não havia tanto naquela época... estava começando, e apareceram alguns novos autores como Rosemário e Al Grego que começavam a singrar por esse caminho. Mas em relação aos dias atuais, sim, era uma nova estética e forma de narrar com ideias vanguardistas. Talvez ainda haja uma vertente desta linha, meio às escondidas com novos autores amadores... ou talvez seja uma pausa para, em seguida, vir um novo estilo, cria daquele anterior. Porém, essa sua questão me faz repensar que, devido ao aumento contingencial de novos autores de HQ, a melhoria da tecnologia de impressão e o barateamento, eles têm se concentrado mais em fazer novos trabalhos se preocupando com a estética, com a impressão etc. Isto é bom,

é a vontade de fazer algo que sempre se quis e não se podia: a editoração de revistas bem acabadas graficamente e atraentes.

Na área das livrarias também está havendo um “bum” similar, mas com produções autorais e novas editoras e novos segmentos, como a Companhia das Letras que está criando uma linha só para as HQ! Isso é ótimo, e não creio que seja uma fase apenas. Pois todos nós, que somos autores e também pesquisadores, estamos ajudando a academia a ver com outros olhos os quadrinhos, passando a respeitá-los e percebê-los como uma arte autônoma e passível de ser estudada como o é o cinema, por exemplo.

É por isso que não creio que essa fase passará... a Universidade dará o suporte para que seu valor se firme. Agora, espero que a empolgação desses novos autores e editoras, assim que comece a se assentar, os façam singrar novamente pelos experimentalismos e descobertas na linguagem plural e multicultural das HQ. Acho que isso, antes, é o que fez aparecerem HQ bem inusitadas como a fantasia-filosófica.

Infelizmente ao mesmo tempo em que editoras como a Cia das Letras lançam um selo dedicado às HQs, outras editoras entram em crise, como no caso da Pixel e a Ópera Graphica. Como avalia esse disparate?

Isso é comum, tanto em tempos de crise, como em tempos de normalização do sistema financeiro. Outras podem vir e substituir essas que fecharam. Ainda mais atualmente, em que há uma onda de se publicar HQ. É verdade que nessa esteira, algumas editoras se aproveitam para publicar quadrinhos porque também sabem que o governo federal tem comprado títulos para o uso didático. O perigo nisso reside no fato de as editoras concentrarem foco só em HQ educacionais, limitando o leque de temas, como já aconteceu em Portugal, quando quadrinhistas de lá reclamavam que as editoras só se interessavam por quadrinhos históricos. Mas acho que a solução no Brasil é melhor, visto que o governo não está privilegiando somente quadrinhos de temas educacionais, mas também ficcionais.

O que acha da onda das adaptações literárias?

As adaptações são sempre bem-vindas, como também se vê nos cinemas. Os filmes, principalmente norte-americanos, ao que sei, são muitas vezes adaptações de livros. Muitas das vezes os autores e livros quase são desconhecidos. Assim, os quadrinhos ajudam a promover a literatura e também os

autores. Na esteira, levam as adaptações pro ensino, dinamizando a questão da literatura e os alunos. Porém, é preciso que se saiba que os quadrinhos não existem para servir à literatura! São constituídos de linguagem própria e autônoma, e também incentivam a criatividade imaginativa, tanto quanto os livros, só que de outra maneira.

É preciso sinalizar isso aos educadores, pois muitos deles, ainda desinformados da estrutura potencial dos quadrinhos, creem que não incentivam a imaginação por causa das imagens. Ledo engano: como eu já disse anteriormente, ao ler os quadrinhos, os olhos perscrutam passado, presente e futuro ao mesmo tempo devido à estrutura de uma página de quadrinhos, em que nela coexistem cenas “presentes” ao mesmo tempo, mas que se sequencializam, enquanto que as “sarjetas” (os vãos) entre os quadros, potencializam a imaginação do leitor, que cria as cenas que não estão desenhadas, entre um quadrinho e outro. Ademais, como também afirmei, os olhos do leitor centram foco num quadrinho, enquanto que a visão periférica perscruta os quadrinhos anteriores e os seguintes na estrutura da página, estimulando uma visão abrangente do que acontece (do que aconteceu e do que vai “acontecer”) nos desenhos da página. Isso encontra ecos também na questão de que a imagem atua no hemisfério cerebral direito, o da criatividade, en-

quanto que a linearidade da narrativa e os textos fonéticos retroalimentam o esquerdo, o da racionalidade, ampliando a inteligência e estimulando o neocortex cerebral. Portanto, dizer que a literatura é superior (ou vice-versa) aos quadrinhos é pura desinformação.

Agora, a onda de as editoras publicarem adaptações e puxarem para o lado da literatura tem a ver com o governo federal estar adquirindo muitas obras para o ensino. O perigo reside em se repetir o que aconteceu em Portugal há alguns anos: lá, os autores de HQ de ficção reclamavam que sua arte não interessava aos editores, que só queriam saber dos quadrinhos históricos. Porém, creio que no Brasil isso está mais diluído, e a chance de se repetir é menor.

Outro detalhe que precisa ser percebido: é preciso que, tanto o governo, quanto as editoras, ao buscarem HQ para o ensino, consultem os pesquisadores da área, para que tenham uma melhor seleção, tanto de material pertinente, quanto de HQ com narrativa melhor estruturada, e não apenas com ilustrações que repetem o textual. Uma dica para quem quer consultar: o observatório de HQ da USP (<http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/nucleosp/home.asp>) possui pesquisadores gabaritados que podem dar consultoria, e até cursos de formação aos professores. Essa questão dos cursos, para que os professores aprendam a ler quadrinhos, é defendida não só por mim, como por outros

pesquisadores que sabem o desconhecimento e despreparo dos educadores. Que adianta haver adaptações e compra de HQ para o ensino se os próprios professores desconhecem o funcionamento dos quadrinhos?

Como anda essa questão de reciclagem de professores para que entendam e saibam ler HQs?

Nós, pesquisadores, tentamos ampliar o quadro de informações acerca da linguagem das HQs, seja nas aulas, palestras, ou em matérias e artigos acadêmicos e/ou blogs, como o excelente *Blog dos Quadrinhos* do Dr. em Letras e Jornalista Paulo Ramos e o *ImpulsoHQ* de Renato Lebeau, dentre outros. Além disso, há grupos de pesquisa, como o *Observatório de HQ* (antigo *NPHQ*) da *ECA-USP*, coordenado pelo prof. Dr. Waldomiro Vergueiro, e a iminente possibilidade de reativação (ainda para 2009) do *NP de Quadrinhos da Intercom*, o maior congresso de Comunicação do Brasil e de alcance internacional. Tudo isso leva à divulgação do potencial dos quadrinhos, direta ou indiretamente, aos professores universitários e da rede escolar.

Além disso, espalhados pelo Brasil, há trabalhos de pesquisadores da área quadrinhística, confluindo diretamente no incentivo do reconhecimen-

to da linguagem dos quadrinhos e seu uso, como o trabalho do Mestre em Artes João Marcos Parreira Mendonça. Seu incessante trabalho em explicar os quadrinhos aos professores, ensinando-os a lê-los e usá-los, inclusive, vem obtendo valiosos resultados, ainda mais graças a seu recente livro *Traça traço quadro a quadro: a produção de histórias em quadrinhos no ensino da arte* (editora C/Arte, 2008), que resultou justamente de sua experiência nas oficinas com os professores.

É interessante ressaltar que, assim como João Marcos e mesmo eu, muitos outros teóricos dos quadrinhos no Brasil são também pesquisadores com titulações acadêmicas de mestrado ou doutorado, como Henrique Magalhães, Edgar Franco, Edgard Guimarães, Flávio Calazans e outros!

Obviamente isto se torna um trunfo, já que somos artistas autores e sabemos discernir quais as lacunas que os professores não autores de HQs têm em relação a essa arte, no que tange a seu conhecimento, pois também éramos (e ainda somos) leitores que muitas vezes foram “proibidos” de usar os quadrinhos durante os estudos escolares: uma realidade totalmente oposta hoje em dia!

Bom, em outra oportunidade que conversamos você mencionou ter detectado preconceito acadêmico justamente por se dedicar às HQs, inclusive

em concursos de docência em uma Universidade Federal. Essa “realidade oposta” que mencionou acima, é mesmo a difundida? Como se deu isso?

Realmente, mas não é um caso isolado, embora tais preconceitos com os quadrinhos estejam diminuindo até em progressão geométrica, eu diria, na atualidade. Mas não foi apenas comigo. Quando eu fazia o doutorado, assisti o concurso de um professor da USP que foi aprovado, mas que, por seguir duas linhas de pesquisa: uma na área de Ciências da Informação (a antiga Biblioteconomia) e outra na dos Quadrinhos, um dos doutores da banca que o sabatinava discriminou as HQs como linguagem menos complexa que o cinema. Ele afirmou que adaptações literárias cinematográficas têm possibilidades maiores de criação do que adaptações de livros aos quadrinhos. Para ele, a HQ limita o rol de possibilidades criativas na adaptação devido à sua linguagem, contrariamente ao cinema. Ora, isso é preconceito oriundo de desconhecimento do manancial potencial dos quadrinhos (e também desconhecimento da gama de HQs existentes, incluindo para o público adulto).

Na Universidade, o mesmo sintoma de desconhecimento faz com que pensem que os quadrinhos não são arte (preconceito arraigado desde a instalação da burguesia, em que os artesãos, por serem “menos instruídos” praticavam

artesanato, enquanto as “artes maiores” eram praticadas pelos de melhores instruções). No meu caso, simplesmente alegou-se que eu fazia quadrinhos, ainda que eu tivesse tentado demonstrar que havia diferenças entre o quadrinho *mainstream* e o autoral e suas possibilidades criativas. A verdade é que, enquanto o quadrinho não for conhecido realmente, o imaginário de quem o tem preconceituosamente (mas sem culpa) é aquele assim: “Mônica e Cebolinha, Walt Disney, super-herói e quadrinhos japoneses de olhos grandes”. Portanto, pouca coisa e mínima versatilidade... ledor e total engano!

Na sua opinião, como seria possível fazer este trabalho de “aprendizagem” com os docentes?

Como respondi acima, João Marcos Parreira Mendonça, que além de autor de HQ é professor universitário, consegue resultados ótimos nos cursos que ministra, explicando e mostrando aos professores de escola como aprender a ler quadrinhos com uma visão técnica, mas também artística e fluida. Porém, creio que isso pode se ampliar, com cursos de capacitação nas redes de ensino no Brasil inteiro, que podem ser dados por profissionais gabaritados como o referido João Marcos, ou qualquer outro que tenha pesquisado as

HQ, como os membros do Observatório de HQ da ECA-USP, por exemplo. É como se descortinasse um mundo novo aos professores.

Meu conselho é o uso de PowerPoint com amostragens de HQ autorais, principalmente, e exercícios de leitura, ou seja, indicação de HQ a serem lidas pelos professores, como costuma ser feito com alunos, quando lhes pedem para lerem e interpretarem livros. Eu fiz isso como atividade complementar no curso de pós-graduação *lato sensu* que ministro, para professores na UNIFIG, ao indicar que lessem um álbum de minha autoria, o *Sacro-Conquistador*, compilando cronologicamente minhas HQ de 1987 a 1997, e o resultado foi muito interessante!

Alguns professores me relataram que a temática (fantasia-filosófica) lhes propiciava refletir sobre a existência de uma forma diferente. Outra professora me disse que fez duas leituras: uma sem a audição de músicas, e outra ouvindo sons, o que deflagrou uma nova forma de leitura/entendimento bem diferenciada e sensível! Assim, pode se supor que, ao ler HQ, os professores da rede escolar, numa segunda etapa, dependendo do material a ser lido, leiam HQ sob audição de repertório musical que eles gostem.

Quando *Batman – o cavaleiro das Trevas* foi lançado no Brasil entre 1986 e 1987, eu me lembro de ter sorvido seu conteúdo, número após número

(eram 4 edições) ao som de rock! Parecia que eu estava “vendo” um filme, dado que a narrativa de Frank Miller era fluida e não truncada como a maioria dos roteiros de HQ de super-heróis. Eu dizia a meus amigos que a dramaticidade do roteiro da HQ era exponenciada quando eu a lia ouvindo músicas, que eram rock (heavy metal inclusive), dando mais dramaticidade à obra!

Entre outubro e novembro de 2008, ocorreu em Guarulhos (SP), o 3º Seminário de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos, tendo você como um dos organizadores. Como foram os dois dias de apresentações? E como retrospectiva das edições anteriores em comparação com 2008, como avalia?

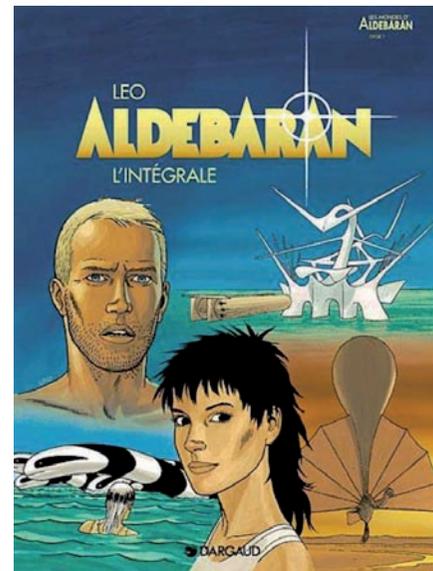
Excelentes! Deu muito trabalho organizar, porque dependia da flexibilidade e disponibilidade dos palestrantes. Mas a intenção era misturar apresentações de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e outros estudos, como os interdisciplinares do curso de Geohistória da Unifig, em que os alunos trabalharam com conceitos de suas áreas, usando HQ como *Maus* (de Art Spiegelman) e *Aldebaran* (do autor fraco-brasileiro Leo), entre outros. Tudo isso ajudou a dirimir preconceitos na própria área acadêmica, que muitas vezes desconhece o valor imagético e informativo dos quadrinhos, principalmente

aos professores que assistiram ao evento, e que eram de outras áreas, como Educação Física e Letras, por exemplo.

A coordenadora do curso de Educação Artística da instituição ficou maravilhada com o universo amplo dos quadrinhos, e gostou muito de como elas também podem ser utilizadas em cursos universitários e de pós-graduação em Educação, como foi mostrado no seminário pelos professores da UMESP, Elydio dos Santos Neto e Marta Regina. Ainda houve foco nos estudos do Observatório de HQ da ECA-USP pelos professores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio, e apontamentos pertinentes de HQ como literatura e HQ na Internet, tendo participado pesquisadores não só de São Paulo, como Lielson do Paraná e Edgar Franco de Goiânia (da UFG)!

A proposta do evento, idealizada por Waldomiro Vergueiro, é de, a cada ano, ser feita em uma instituição universitária diferente, como o foi nos anos anteriores: ano passado na Universidade Metodista de São Bernardo, em São Bernardo do Campo, SP, e em 2006 na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, IMES.

O evento deste ano, que se realizou na UNIFIG em Guarulhos, foi maior que os anteriores, pois desta vez, em dois dias, além de diversas palestras, houve exposição de HQ de alunos do curso de Educação Artística da UNI-



Edição francesa integral de *Aldebaran*, de Leo

FIG, e também venda de quadrinhos independentes do pessoal do 4º. Mundo! Essa interação universitária ampliou a visão que alunos e professores (e direção) de vários cursos tinham, acerca das HQ, numa conjugação interdisciplinar muito prolífica!

Já há planos para o 4º Seminário?

Ocorrerá* na USP, pois embora tenha surgido como fruto do Observatório de HQ (antigo NPHQ da ECA-USP), ainda não aconteceu naquela instituição. O professor Dr. Waldomiro Vergueiro irá organizar o evento com a ajuda de todos nós, membros do Observatório. Creio que seguirá os moldes dos anteriores, contemplando TCC defendidas principalmente no ano de 2008, mas não descartando outros anos e outras modalidades de apresentações, incluindo defesas de dissertações e teses.

Saindo agora um pouco da área acadêmica. Sobre sua produção. Mencioneu que fez uma coletânea para apresentar aos professores, um dia poderemos ver isso publicado?

* As datas desta e da resposta anterior referem-se a 2009, ano de realização da entrevista.

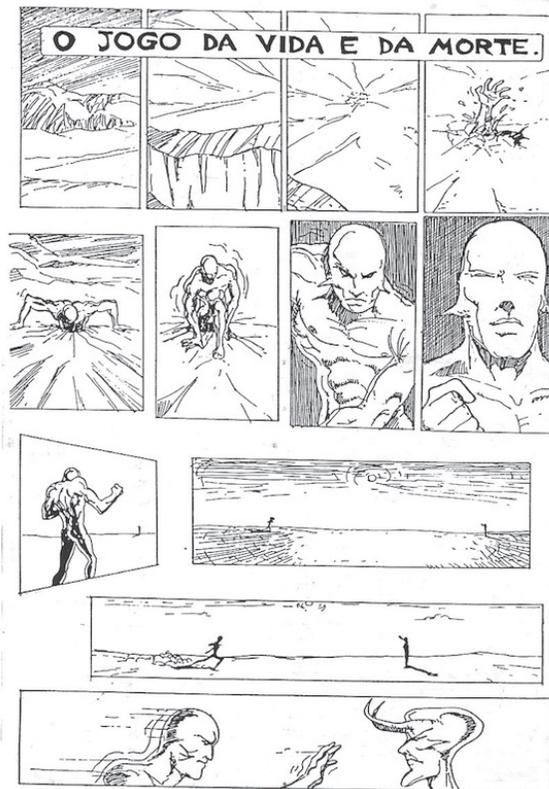
O álbum *Sacro-Conquistador* reuniu de forma cronológica, muitas de minhas HQ produzidas desde 1987 a 1997, quando resolvi comemorar naquela data meus 10 anos de produção de quadrinhos fantástico-filosóficos. Eu compilei as HQ e apruntei uma edição manufaturada, tendo feito pouco mais de 20 exemplares. Mas não foi apenas xerocar as HQ reduzidas no formato A-5. Também elaborei um formato diferente, em que a capa era ambígua: de um lado estava o título em capa dupla, e do outro as imagens de todas as capas de zines que eu fizera até então. Ainda coloquei uma parte como capa dura (com um papel bem grosso cartonado que forrei com a imagem da capa xerocada, e depois com papel transparente *contact* sobre ela), enquanto que o leitor teria o álbum como um objeto, já que poderia pô-lo de pé. Junto a isso tudo, inseri colado na parte interna, uma página dupla de uma HQ colorida, como um “brinde”. Assim, o leitor teria em mãos não simplesmente um fanzine, e sim um mini-álbum de 84 páginas de formatação diferenciada.

O lançamento se deu em uma livraria de Santos, que não mais existe, a Loja Invasores. Depois, para tornar mais fácil reproduzir novas “tiragens”, e também para facilitar a co-edição com Edgard Guimarães, que na época não só divulgava zines em seu *QI*, como também vendia os fanzines de outros autores como eu, tirando suas próprias cópias xerox, simplifiquei no forma-

to padrão grampeado. Assim, embora o álbum seja totalmente independente, pude recentemente fazer uma nova cópia xerocada mais simples (como a que enviei a Guimarães) e a deixei como material a ser reproduzido pelos alunos de pós-graduação do Curso de Docência que dou na Unifig.

O interessante é que um dos alunos (são na verdade professores também universitários fazendo essa especialização) me disse que, ao ler as HQ ao som de músicas, tinha outras sensações, às vezes até opostas de quando as lia sem a audição de músicas. Talvez porque meu processo criativo consista mesmo na criação de quadrinhos ao som musical, o que me influencia largamente (e me abre “canais” no hemisfério direito do cérebro).

A maioria das minhas HQ são intuitivas ao extremo, e se cumprem em poucas páginas e elipses (como num hai-kai ou num koan), deixando ao leitor a completude na mente do que se passa entre os quadros. Mas, mais do que isso, as “mensagens” são oriundas do meu canal direito, de tal forma, que ribombam no leitor da mesma maneira. Porém, se ele não estiver acostumado, não consegue lê-las, pois normalmente o hemisfério esquerdo (racional) do cérebro pede mais ex-



Primeira página da HQ “O jogo da vida e da morte”, de Gazy Andraus

plicações e um roteiro mais, digamos – linear! Nesse caso, como a maioria das pessoas está acostumada a usar muito de sua porção racional, reclama que não entende minhas histórias.

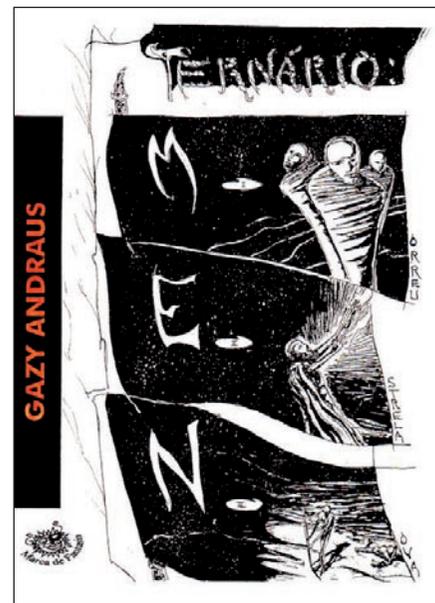
Mas a afirmação delas é compreensível: as HQ que faço não são mesmo para serem “compreendidas”, e sim “absorvidas” pelo hemisfério direito mais que o esquerdo! Como quando alguém lê um poema hai-kai. Ou quando tenta desvendar uma questão zen-budista chamada de “koan”, como por exemplo: “Qual o som que faz uma mão ao bater das palmas?”. O koan é para que a mente racional (hemisfério esquerdo) se “cale” um pouco (deixe de ser dominante) para que o direito (criativo, intuitivo) se sobressaia. Koans são usados por monges budistas a seus discípulos, com a finalidade de que eles tenham *insights*. Minhas HQ têm o mesmo intuito.

Quanto a ser publicado novamente, posso adiantar que eu tenho a intenção de publicar um outro álbum meu “oficialmente” com esse tipo de conteúdo... acho que a época de eu fazer isso se aproxima... Porém, a editora Marca de Fantasia (www.marcadefantasia.com) chegou a publicar outro álbum meu, oficialmente: o *Ternário M. E. N.*, mas que está esgotado. Ele trazia como carro chefe uma HQ subdividida em três, “MorreuEstrelaNova”, que tinha um quê de ficção científica pendendo pro misticismo cósmico, além de outras HQ.

Mudando de assunto, recentemente você organizou um outro evento em São Paulo chamado O Universo Multicultural das HQs. Fale um pouco sobre ele, organização, realização, se haverá um próximo, essas coisas...

Sim, fui chamado pela Gestora Cultural Dolores Biruel, do CCJ-SP (Centro Cultural da Juventude de São Paulo: <http://escuta.estudiolivre.org/2009/01/20/programacao-ccj-fevereiro-de-2009/>) para ser curador do evento, que é o segundo relacionado às histórias em quadrinhos. O primeiro, ocorrido em janeiro de 2008 eu participei, tendo sido convidado por Waldomiro Vergueiro. Nesta versão de 2009 o evento teve mais dias e aumentou o número de envolvidos: autores e pesquisadores da Nona Arte. Deu trabalho montar, mas com a ajuda da Dolores a coisa andou bem.

Porém, devido a mudanças de orçamentos da prefeitura, tivemos que cortar alguns nomes previamente escalados, tendo tido o cuidado de manter um equilíbrio entre palestras e workshops, abrangendo diversos aspectos das HQs, refletindo o título que demos ao evento: um multiculturalismo, como os mangás, as charges e cartuns, as HQtrônicas, o roteiro e arte nas HQs, o preconceito e o feminino nos quadrinhos, a autoria e o trabalho em conjunto,



Ternário M.E.N., de Gazy Andraus, pela Marca de Fantasia

bem como o esclarecimento do aspecto artísticos dos quadrinhos.

Faltaram ainda os fanzines, mas como uma boa parte dos palestrantes vem desse universo, vez ou outra eles eram mencionados. Porém, eu gostaria de tentar sanar as omissões no próximo evento, caso haja. Segundo a Dolores a chance de ocorrer outro em 2010 é grande*. Obviamente não sei se serei novamente o curador, mas o importante é que os quadrinhos ganham cada vez mais respeitabilidade e isso transparece também no meio acadêmico. Para se ter uma ideia, a metade dos que trabalharam nesse evento tem formação de pós-graduação e pesquisam histórias em quadrinhos e uma boa parte é membro pesquisador do Observatório de Histórias em Quadrinhos coordenado pelo Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro.

Tive a oportunidade de presenciar uma apresentação sua na Intercom – A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – e me bateu a dúvida: ainda faz parte do Grupo que compõe a mesa de discussão de HQs? Como anda esse Grupo na Intercom? Me lembro que ele havia sido desativado por falta de doutores...

Mas já há doutores mais do que o suficiente, desde há uns três anos. O que

* Ocorreu outro, sim, em 2010.

acontece é que a burocracia e os valores para associar-se é que “emperraram” um pouco. O Waldomiro disse que neste ano de 2009, na Intercom, o NPHQ (Núcleo de Pesquisa de História em Quadrinhos), que durante uns três anos esteve dissolvido e abarcado temporariamente pelo NP de Produção Editorial, será reativado, com certeza! E desta vez o número de doutores já ultrapassa, e muito, a exigência dos estatutos do congresso. O meu trabalho apresentado em 2008 “A questão espiritual nas histórias em quadrinhos de Thor, Surfista Prateado e Super-Homem” pode ser encontrado buscando-se pelo meu nome neste link: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/indiceautor.htm.

Com relação a estudos direcionados às HQs, prepara algum novo artigo?

Sim. Para a Intercom ainda não tenho o tema, mas preciso terminar meu livro “Histórias em Quadrinhos de Autor” para a Editora Marca de Fantasia, bem como ainda alguns outros projetos de trabalho, incluindo um que envolve capacitação aos professores para saberem ler e usarem histórias em quadrinhos em salas de aula.

Algo mais a acrescentar? Tanto com relação às pesquisas como à sua arte?

Seria interessante as pessoas entenderem que o ser humano é capaz de pensar dualmente: de forma racional (usando o hemisfério esquerdo cerebral) e intuitiva/criativamente (ativando áreas do direito). Dessa forma o ser humano se torna não só pragmático e racional, mas também criativo, podendo criar coisas na vida que sejam não só úteis, mas que igualmente dialoguem com a criatividade, a estética. No meu caso, a própria elaboração de minha tese me fez descobrir isso, e também me tornei “cobaia” de mim mesmo, sem premeditar: hoje em dia percebo as dificuldades de muitas pessoas em criarem, porque se acostumaram a trabalhar mais racionalmente, “adormecendo” o criativo.

Eu tenho tido certa dificuldade em voltar à ativa de forma mais “fluida” nos meus desenhos e quadrinhos, não por não ser criativo, mas por não exercer a criatividade mais vezes como eu fazia. Daí, sei quando muita gente me pergunta se sonho com meus desenhos, se tomo algo para elaborá-los etc... não é nada disso, é só que consigo usar minhas áreas criativas, principalmente graças à audição de músicas, e tenho certeza que estas áreas não se desligam: basta que eu volte a trabalhar a criatividade que o fluxo retorna!

Sei disso e tenho lutado ultimamente para conseguir equilibrar tal fato com os afazeres burocráticos da minha vida, principalmente as questões relativas às aulas (que também podem ser criativas).

Meu recado a todos é: façam o que fizerem, trabalhem o criativo elaborando desenhos, músicas, textos criativos, brincando com crianças... não “desliguem” essas áreas, pois do contrário suas vidas serão uma sucessão de afazeres para finalizar sem alegrias criativas!

É esta manutenção entre o racional e o criativo que tenho tentado fazer minha vida inteira, no caso, com meus escritos e artigos científicos, aliados à minha arte dos quadrinhos e desenhos.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país, hoje, em 2013?

De 10 anos para cá, o aumento das pesquisas relacionadas às HQ se elevaram sobremaneira, tanto no número de pesquisas, como na qualidade, atingindo várias áreas, não só as de comunicação e artes, mas também de ciências exatas e biomédicas (há teses que usam HQ para informação e educação ou que as elaboram para isso, na área de medicina e psicologia, bem como

há diversas HQ que são para o ensino de exatas da elétrica à física). Mas o valor atribuído às HQ na atualidade, especialmente de 2012 a agora, 2013, incendiou-se: no Brasil estamos indo para as 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da USP e na Argentina já participei de 2 eventos também internacionais.

Tanto os quadrinhos como os fanzines estão sendo muito melhor usados e reconhecidos, e agora respeitados como interdisciplinares e fortes para o auxílio da educação e criatividade, não só nas escolas, como nas faculdades e pós-graduações. As teses aumentaram muito, como eu disse, em quantidade, e em qualidade! Na década de 80 eu não acreditava que chegaria a isso...ou que, pelo menos, demoraria muito mais. Mas chegou, tendo até autores nacionais sendo publicados por grandes editoras. Falta só essas editoras aplicarem um pouco mais nos autores de pesquisa de HQ, que ainda têm certa dificuldade em abrir caminho, mas mesmo estes, já têm um amplo leque de livros sendo editados de poucos anos pra cá, sobre quadrinhos e sua linguagem.

Produção independente e o mercado editorial brasileiro

Entrevista com Henrique Magalhães
Por Matheus Moura

Henrique Magalhães é o que se pode chamar de um genuíno guerreiro dos Quadrinhos Nacionais. Não só por sua produção e sua personagem, *Maria*, mas por seu engajamento e maneira de trabalhar. Como poucos, Magalhães mantém uma editora tradicionalista, faz tudo de forma artesanal e não pensa, a curto prazo, em mudar. Essa editora é a Marca de Fantasia, fundada já há alguns anos e hoje reconhecida por ser referência em livros teóricos a respeito de quadrinhos. Atualmente é coordenador do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, onde leciona. Com graduação em Comunicação Social pela



Professor Doutor Henrique Magalhães

Universidade Federal da Paraíba (1983), possui Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1990) – reconhecido como o primeiro estudo no país sobre fanzines – e Doutorado em Sociologia – Université Paris 7 (1996). Na conversa abaixo, realizada em março de 2009 com complemento em maio de 2013, falamos de carreira, formação, editora e mercado nacional.

Quem é Henrique Magalhães?

Talvez essa seja a pergunta mais complicada, porque é muito parcial. Posso dizer como me vejo, mas não como me veem. De minha parte, sou um apaixonado incondicional por tudo o que faço. A editora Marca de Fantasia é um retrato de minha dedicação aos quadrinhos, como anteriormente o fora a própria criação de quadrinhos, com as tiras diárias de *Maria*, *Macambira e sua gente*, entre outros personagens. Contudo, não me sinto nem perto do que acho que seria o ideal pois, como o nome diz, o ideal é o utópico e o inalcançável. Vou produzindo como posso, procurando dar o melhor de mim no estágio em que me encontro. No mais, não estou muito preocupado com a audiência, sei que o filtro de cada um vai me ver como um reflexo de um

espelho deformado.

Você citou a Marca de Fantasia e as tiras de Maria, Macambira e sua gente, mas sei que faz mais coisas. O que? (quando pergunto isso não me refiro somente às HQs)



Tira da personagem Maria, de Magalhães

Sou professor de Jornalismo no Curso de Comunicação Social da UFPB, Editoração, no Curso de Comunicação em Mídias Digitais e ministro a disciplina “Socialidade nas mídias”, no Mestrado em Comunicação, todos da UFPB. Coordeno a Gibiteca Henfil, fundada em 1990 e que hoje encontra-se incorporada ao Mestrado em Comunicação.

Publiquei vários livros com minhas pesquisas, alguns voltados para os fanzines: *O que é fanzine*, pela Brasiliense; pela Marca de Fantasia, *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, *A nova onda dos fanzines*, *A mutação radical dos fanzines*; e um sobre as tiras brasileiras, *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*, pela Marca de Fantasia.

Fiz Mestrado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações

e Artes, da USP e Doutorado em Sociologia, na Université Paris 7, na França, abordando, em ambos, o universo dos fanzines. Dirijo a editora Marca de Fantasia com mais de 100 títulos lançados em pouco mais de uma década, com livros, revistas em quadrinhos e álbuns, procurando divulgar os novos autores de quadrinhos brasileiros e resgatar a obra dos mestres. Os ensaios publicados pela Marca de Fantasia têm ocupado o espaço negligenciado pelas editoras comerciais no campo dos estudos sobre História em Quadrinhos e Cultura Pop.

Vamos chegar nas HQs, mas por hora, deu a curiosidade: por que levar os estudos para fora do país, algum motivo em específico?

Sim, havia todos os motivos. A França tem uma grande tradição na produção de quadrinhos e fanzines. Foi lá que os quadrinhos ganharam o status de arte, promovido pelos fanzines, ou boletins de associações de estudos a partir da década de 1960. Eu queria estudar isso *in loco* e o Doutorado me possibilitava essa “viagem acadêmica” com as melhores condições. Lá fui estudar o modo de produção dos fanzines franceses e portugueses e compará-lo com o modo de produção de nossos fanzines, a



Edição digital de *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, baseado na dissertação do Mestrado do autor

partir do contraste de nossa realidade cultural, política e econômica.

E o que concluiu?

A conclusão parece óbvia, de que os europeus têm muito mais apoio institucional e de público para a difusão de novas propostas editoriais, como os fanzines e mesmo revistas comerciais. Mas se olharmos a fundo, encontramos pontos comuns entre a produção portuguesa e a brasileira em sua instabilidade, falta de ousadia comercial e indiferença dos órgãos culturais. Como os brasileiros, os portugueses também têm uma produção muito individual, o que leva ao pouco fôlego e efemeridade das publicações.

Os franceses têm fanzines com apresentação gráfica melhor que as publicações do mercado, a exemplo do extinto *PLG*, de Montrouge (ao lado de Paris), e *Bouilles Dingues!*, entre outros. Eles têm parte da produção apoiada pelo Ministério da Cultura (ou órgão do gênero) porque o poder público reconhece a importância dessas revistas de estudo para o desenvolvimento dos quadrinhos, para o fomento de novas linguagens e o surgimento de novos autores. Isto é um verdadeiro diferencial em relação à penúria em que vivemos, algumas vezes mendigando o favor institucional ou nos submetendo ao

jugo de conselhos de leis de incentivo nem sempre competentes para avaliar as propostas de quadrinhos.

Outra característica dos fanzines franceses é que boa parte deles é editada por associações formalmente estabelecidas, onde o trabalho é periódico e partilhado por várias pessoas. Isso dá sustentação e perspectiva para a produção, que passa ao largo dos arroubos personalistas. Mas há também pontos em comum na produção dos três países. Na França e em Portugal surgem ainda fanzines como os nossos, amadores, feitos com poucos recursos e instáveis. Por outro lado, percebemos em todo o mundo, inclusive em Portugal e no Brasil, além da França, claro, a tendência de evolução de muitos editores de fanzines, que investem na criação de editoras independentes e formação de um mercado paralelo de publicações.

Para o Brasil, qual seria a saída para chegar ao nível da França, por exemplo? Essa mudança estaria em nível pessoal (editor, quadrinhistas, leitor) ou governo?

Não acredito que a gente chegue ao nível da França. Há uma defasagem muito grande a vencer e é mesmo uma questão de formação cultural que impos-

sibilita voos mais altos para os nossos quadrinhos. Enfim, temos que seguir nosso próprio caminho, talvez sem grandes ambições, mas com firmeza. Já estamos traçando esse caminho, com a editora Nona Arte, com o coletivo 4º Mundo, com a Marca de Fantasia, com a Pada (*Prismarte*), com o grupo Singular Plural, com o grupo República dos Quadrinhos e com alguns editores individuais, mas abnegados, como Edgard Guimarães, Wellington Srbek, Edgar Franco, entre outros.

Agora indo à Marca de Fantasia. Como surgiu a editora e qual o seu modo de trabalho? Ela é famosa por seus livros teóricos, certo?

No início da década de 1990, após muito debate acerca das perspectivas dos fanzines, resolvi tentar uma produção coletiva, reunindo editores de várias regiões do país. O projeto tinha tudo para não dar certo naquele momento, visto as dificuldades de comunicação. Ainda não tínhamos a internet comercial e dependíamos apenas do telefone e dos correios. O fanzine *Nhô-Quim*, depois do primeiro número editado em parceria com José Carlos Ribeiro (do *PolítiQua*), do Rio Grande do Sul, passou inteiramente ao meu comando e durou até o número 8. Esta parada se deu por causa de minha mudança para

Paris, onde fui fazer Doutorado.

Naquele momento já era claro que teríamos que buscar uma nova forma de produção e a temporada na França me abriu muito o horizonte. Percebi que os fanzines individuais tinham limites sérios em relação à periodicidade e também à longevidade, ficando sujeitos às conveniências de seus editores. Um trabalho mais elaborado, com um projeto editorial, é o que caracteriza a formação de uma editora independente. Desse modo, voltei da França em 1994 já com um esboço de minha atividade editorial dali pra frente.

A editora Marca de Fantasia, mesmo operacionalizada individualmente por mim, é um projeto coletivo que conta com a participação entusiasta dos autores, vide o empenho de Anita Costa Prado em promover e vender seu premiado álbum *Katita: tiras sem preconceito*. Projetei a editora sobre três linhas editoriais: o fanzine *Top! Top!*, a revista *Tyli-Tyli*, e a série “Das tiras coração”. O fanzine me faria manter o vínculo com o meio, sendo o trabalho jornalístico que me apraz; a revista *Tyli-Tyli* (que depois se transformou em *Mandala*), surgiu para agrupar a produção dos quadrinhos poéticos e filosó-



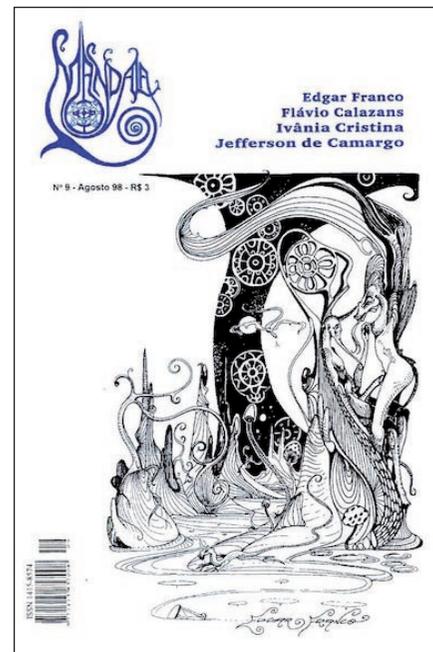
Tela de abertura do sítio da editora: www.marcadefantasia.com

ficos, que tinham uma boa evidência naquele momento e ela mesma catalisou o aparecimento de muitos autores; a coleção de tiras procurou mostrar a produção desse tipo de quadrinhos que é feito em vários recantos do país, mas que se restringe ao jornalismo local. A revista *Tyli-Tyli/Mandala* parou no número 13; o fanzine *Top! Top!* encontra-se no número 26 e a coleção de tiras no número 18.

Mas o projeto não ficou por aí. Surgiram álbuns, séries e revistas, como as revistas *Maria Magazine*, *Quiosque*, *Artlectos* e *Pós-humanos*, a série *Corisco* (de quadrinhos autorais), além dos livros teóricos, com as séries *Quiosque*, *Veredas*, *Quadrinhos Poético-filosóficos*, *Periscópio* e vários avulsos.

Por que parou com a Tyli/Mandala, o poético-filosófico perdeu a força?

A *Tyli-Tyli/Mandala* teve um papel muito importante por aglutinar a produção de quadrinhos poéticos, que eram publicados de forma dispersa em vários fanzines. Havia três autores seminais quando resolvi fazer a publicação: Flávio Calazans, Gazy Andraus e Edgar Franco. Eles representavam a força criativa de um gênero de quadrinhos que não tinha similar no mercado editorial. Os quadrinhos poéticos, também chamados de filosóficos ou fanta-



Revista *Mandala* n. 9, de agosto de 1998

sia filosófica, revelavam os traços pessoais dos autores, com um texto pouco linear e um desenho caligráfico e espontâneo.

Com a *Tyli-Tyli/Mandala* vimos surgir vários autores, motivados por essa vertente instigante dos quadrinhos. Eu diria que a revista se transformou no espaço para o encontro dos novos quadrinistas. Foi nela que se travou alguns debates sobre o conceito de quadrinhos poéticos, tornando-se um veículo auto-reflexivo. Alguns trabalhos acadêmicos também foram buscar na revista sua fonte de reflexão, dando um testemunho do novo quadrinho que se estava produzindo.

Contudo, após cinco anos de publicação, os trabalhos começaram a ficar meio repetitivos, apesar da diversidade autoral. Alguns se tornaram demasiadamente complexos, cheios de referências filosóficas e científicas, obrigando os autores a anexar uma espécie de glossário aos quadrinhos com o intuito de situar o leitor. Esta complexidade, evidentemente, afastou o público da revista, que afinal busca nos quadrinhos um pouco de reflexão, mas também entretenimento.

Outro problema que enfrentei foi a quebra da periodicidade. A revista que era trimestral passou a sair quando era possível, com no máximo dois números por ano. Essa falta de compromisso com os leitores foi pago com o

desinteresse pela revista, que parou no número 13.

Aqui cabe uma reflexão para quem produz no meio independente. Talvez essa forma de produção não deva se prender ao ditames do mercado, que é a manutenção da periodicidade a todo custo. Isto vale para o meio comercial, mas não para o amador, que depende de vários fatores para dar sequência à publicação. É bem possível que o público das publicações independentes, mais maduro, não tenha muito interesse em seguir colecionando um título, sendo mais adequado o consumo de títulos fechados em uma ou em poucas edições, como as mini séries. As editoras comerciais já perceberam isso e nós ainda insistimos em ter uma revista que dure 50, 100 edições.

Foi a partir dessa reflexão que encerrei a publicação de *Mandala*, pelo desinteresse do público e por não ter que me obrigar a manter a periodicidade. No meu entendimento, os álbuns e títulos avulsos são os veículos ideais para o público que procura as publicações independentes

Então em sua visão do “mercado independente” os autores e/ou editores devem trabalhar com edições limitadas e/ou fechadas? Quais outros aspectos, nesses anos todos de trabalho no meio independente, você observa que o leitor busca?

Sim, as edições limitadas são mais apropriadas não só para os editores independentes, mas também para o mercado, embora possam existir, em paralelo, as grandes e intermináveis séries. Mesmo nesses casos, as publicações comerciais têm usado a estratégia de histórias em arcos, que abreviam sua conclusão.

O leitor busca sempre a novidade, ou o resgate de suas lembranças. Isso serve para o mercado e para as edições independentes. Em particular, o meio independente é mais exigente, pois não está preso às grandes tiragens e aos ditames do mercado. Nesse caso, é imperativo que se busque a ousadia e, naturalmente, uma faixa mais madura do público. Os adolescentes e jovens seguem a moda do momento, inspirada no cinema, na televisão, nos jogos e desenhos animados.

Mas os adolescentes e jovens são o público independente? Já chegou a fazer alguma pesquisa de mercado?

Não fiz pesquisa, mas deduzo pelo público da Marca de Fantasia, que é majoritariamente adulto. Os adolescentes e jovens editam fanzines e são os con-

sumidores desse gênero de publicação, muitas vezes se restringindo à troca. O público das edições independentes é o que compra o álbum, o livro teórico e eventualmente o fanzine.

Os livros teóricos da Marca de Fantasia, atualmente, são o carro chefe da editora? Como surgiu a ideia de editá-los e quais os próximos lançamentos?

Desde que comecei a lançá-los, eles tiveram grande interesse do público. Hoje os livros teóricos são a vitrina da editora, sendo muito mais procurados que as publicações de quadrinhos. Isso me parece paradoxal, pois se busca mais estudar os quadrinhos do que lê-los. Mas também denota o interesse do público em aprofundar seus conhecimentos sobre personagens, autores e vários aspectos ligados às Ciências Sociais que as obras suscitam.

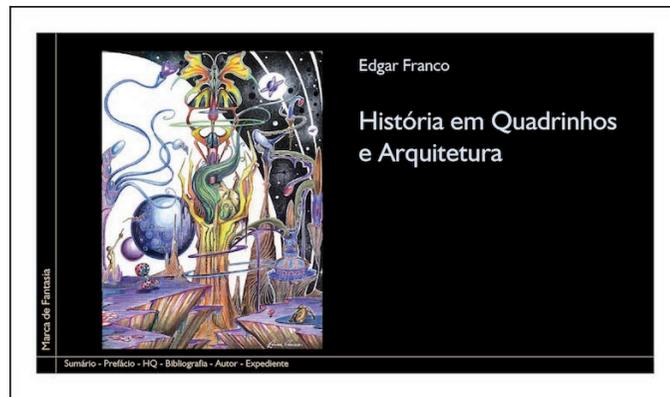
Há uma demanda muito grande de autores que propõem a edição de monografias, ensaios e artigos em forma de livro, todos com abordagens muito interessantes sobre o universo dos quadrinhos. Infelizmente não posso dar vazão a tudo imediatamente, mas espero ir lançando-os gradativamente. Alguns títulos da editora estão ganhando segunda edição, a exemplo de *História em Quadrinhos e Arquitetura*, de Edgar Franco, que saiu como livro digital, e *O*

herói na Grécia antiga, de Wellington Srbek.

Tudo que é produzido pela Marca de Fantasia é feito artesanalmente. Nessa “linha de produção” está somente você ou há ajuda de segundos? Pretende mecanizar a produção? Atualmente a tiragem das publicações gira em torno de quantos exemplares?

O trabalho é todo manual e é feito só por mim. A linha de produção inclui a revisão dos textos, a digitalização e correção das imagens, a diagramação, a impressão em laser, a intercalação, a costura dos cadernos, a colagem da capa, o refilamento (corte), a divulgação e a venda. A única etapa que não é feita em casa é a impressão da capa, que mando fazer em offset numa gráfica.

A edição de um livro é um processo muito longo e trabalhoso, por isso não consigo acelerar a produção. Como faço pequenas tiragens, elas estão sempre acabando, o que me obriga a fazer novas tiragens de vários títulos. Se considerarmos que já tenho mais de 100 títulos no catálogo, estou sempre precisando repor as tiragens, além de produzir novos trabalhos.



História em Quadrinhos e Arquitetura, segunda edição do ensaio de Edgar Franco, em formato digital

Esse processo já chegou ao esgotamento e será necessário montar uma equipe. Contudo, não vejo a Marca de Fantasia como uma editora que venha a ter uma mecanização de sua produção, como mandar fazer as publicações numa gráfica e receber o livro pronto para venda. Esse processo se igualaria às produções comerciais, visto que as tiragens teriam necessariamente que ser grandes, exigindo ampla distribuição e venda, para recuperar o investimento.

As tiragens da Marca de Fantasia continuam pequenas, mas isso me possibilita lançar mais títulos por ano. Faço 200 exemplares de cada capa e o miolo é feito de 10 em 10 exemplares, já que é feito em casa. Há títulos que já esgotaram a primeira tiragem da capa e são lançadas novas edições, quando há alguma reformulação do conteúdo, ou nova tiragem da capa, quando o conteúdo permanece o mesmo.

Mas apesar do processo da Marca de Fantasia ser artesanal, ele passa pelas mesmas etapas de registro que uma grande editora. Como trabalha para viabilizar a questão da equipe de produção?

Apesar do processo de produção artesanal, os livros têm um caráter profissional, com ISBN, depósito legal na Biblioteca Nacional, e os autores podem

contar em seus currículos como obras publicadas. Afinal, se a tiragem inicial é pequena, ela pode ser infinita. É só ir fazendo novas tiragens e edições. A demanda do público é que vai determinar.

A editora está sendo incorporada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, o que lhe dará outro fôlego e status. Meus alunos do Mestrado ficaram encantados com o processo artesanal da Marca de Fantasia. Talvez seja por meio deles ou de nosso Núcleo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games que isto venha a se concretizar.

Como é o processo de seleção do novo trabalho que irá publicar? Tanto no que diz respeito a HQs quanto aos livros teóricos?

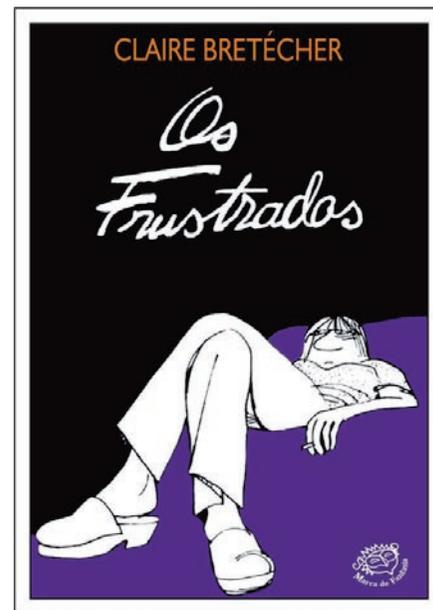
O primeiro critério é a qualidade do trabalho, seu ineditismo ou importância como resgate dos quadrinhos brasileiros. Isto vale para os quadrinhos e para os livros teóricos. Outro critério é meu gosto pessoal. Como não me preocupo com o mercado, só edito o que gosto, mesmo que o público seja muito restrito. Por exemplo, adoro o trabalho de Claire Bretécher, com *Os Frustrados*, que traduzi do francês e que tive a honra de ter tido autorização para editá-lo. No entanto, a resposta do público foi irrisória. Mas, não sou que estou perdendo.

Você falou do Núcleo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games, esse núcleo é capitaneado por quem? Como ele funciona, é algo semelhante com o da USP?

O núcleo está sempre em renovação, pois envolve os alunos do Mestrado e outros interessados em estudar quadrinhos, animação, humor, fanzines e games. É dirigido por mim, mas conta com a participação de outros professores, com Marcos Nicolau, que coordenou o Mestrado nos primeiros anos de sua implantação, e Alberto Pessoa, que também é quadrinista.

Esse trabalho do Claire Bretécher, que mencionou, é o único estrangeiro na Marca? Se sim, pretende trazer mais coisas de fora do país? Se não, quais outros trabalhos estrangeiros há no catálogo da editora?

Além de *Os Frustrados*, de Bretécher, temos o livro *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular*, do francês Thierry Groensteen, e os álbuns *Más Humor*, do argentino Sergio Más e *Passageiro da Noite*, do português Nuno Nisa, além de *Carne Argentina*, de Cristian Mallea e outros autores



Os Frustrados, de Claire Bretécher, a estreia no Brasil da renomada autora francesa

argentinos da editora independente La Productora; *Quando tem que ser*, de Killoffer, *Gênesis Apocalípticos + Os inefáveis*, de Lewis Trondheim e *Contos & Descontos*, de Etienne Lécroart, estes franceses.

Os trabalhos estrangeiros são sempre bem vindos, quando trazem novas propostas e enriquecem nosso universo cognitivo. Tenho um contato estreito com os argentinos e certamente editarei outros trabalhos de nossos irmãos.

Você como quadrinista, o que pensa daqui para frente? Hoje publica sua personagem Maria onde?

Meu trabalho como quadrinista foi sempre voltado para a produção de tiras, onde o jornal diário é o suporte ideal para publicação. A tira tem uma relação viva com o leitor, a resposta é imediata principalmente em cidades médias, como João Pessoa. Quando publicava *Maria*, eu sentia a reação do público, pois a tira era muito apreciada na cidade e tocava em nossas questões cotidianas. Infelizmente, não por minha vontade, há mais de dez anos os jornais paraibanos baniram as tiras de suas páginas, algo que considero um atentado cultural, pois impede que novos quadrinistas tenham oportunidade de

publicar para o grande público.

Com a internet ficou fácil e prático publicar as tiras e outros tipos de quadrinhos. Não gosto muito do meio para isso. Para mim a internet serve mais para arquivo e divulgação das obras, mas não prescinde a publicação impressa. A partir de junho de 2012 *Maria* vem sendo publicada semanalmente no jornal A União, da Paraíba, e anualmente sai a revista *Maria Magazine*, pela Marca de Fantasia, reunindo as tiras produzidas no ano mais tiras de autores convidados.

Como percebe o movimento de HQs no Brasil hoje, em comparação há 10 anos atrás, por exemplo?

Hoje há muitos projetos de publicações independentes, e este é o diferencial. Há dez anos ainda estávamos restritos aos fanzines, com raros casos de publicações independentes mais elaboradas. É visível a agitação promovida por novos e profícuos autores, que se organizam em grupos de produção ou lançam suas publicações individualmente, mas com qualidade profissional. Veja-se o caso de Wellington Srbek, que tem nos dado tantas obras memoráveis. O 4º Mundo, um coletivo de autores de todo o país, também tem pre-

sença marcante no novo cenário dos quadrinhos brasileiros. Há também o despertar de editoras pouco tradicionais na lida com os quadrinhos mas que têm investido na área, sobretudo com adaptações literárias, visando o público estudantil e acadêmico. Este é um outro filão que promete trabalho para os quadrinistas nacionais.

Essa sua posição com relação as HQs na Internet, se estende também às HQTrônicas, estudadas por Edgar Franco?

As HQtrônicas propostas por Edgar utilizam uma mídia diferente da tradicional impressa, das HQ. Para mim o resultado é algo diferente de História em Quadrinhos, estaria entre a animação e os jogos eletrônicos, já que o “leitor” é chamado a decidir sobre os passos do desenvolvimento da história. Mas, claro, tudo isso está baseado na linguagem dos quadrinhos, donde a referência é incontornável.

A que se deu esse banimento das tiras em João Pessoa?

Falta de vontade do editores e de reconhecimento dos quadrinhos como uma

forma de arte. Para a maioria dos jornalistas, os quadrinhos são apenas um passatempo infanto-juvenil e não uma expressão por vezes considerada um gênero editorial, como ocorre com a charge. Os quadrinhos floresceram em nossos jornais quando alguns apaixonados pela arte chegaram às editorias, como foi o caso de Deodato Borges, na década de 1970. Hoje temos editores de uma insensibilidade que beira a ignorância. Em certa ocasião, uma mesa redonda reunia todos os editores de cultura da cidade para um debate sobre os cadernos culturais dos jornais. Questionados sobre o descaso com relação aos quadrinhos, eles disseram que não decidiam nada, que o problema com os quadrinhos é que não havia interesse da direção dos jornais. Se eles não decidem nada, por que são editores?

Há planos de novos lançamentos da Marca de Fantasia com relação a HQs?

Tenho muitos projetos e sempre aparecem mais. Os quadrinhos, embora não sendo muito procurados pelos leitores, me dão gosto de ver editados em forma de álbum e revista. Na falta de um mercado dinâmico, alguém tem que dar visibilidade à produção dos novos autores. Tenho sorte que muitos confiam a mim essa responsabilidade.

Poderia adiantar alguns dos próximos lançamentos?

Ainda em março de 2009 pretendo lançar o número 25 do fanzine *Top! Top!* com entrevista de Edgar Franco concedida a Michele Ramos. Em complemento, HQ inédita de Edgar e as seções habituais de resenhas e cartas. Daremos ainda continuidade à revista *Artlectos Pós-Humanos*, de Edgar Franco, anteriormente lançada pela SM Editora, de José Salles.

Na sequência teremos um álbum de HQ de terror de Mano, uma biografia de Flavio Colin, por Gonçalo Júnior e um álbum *Arroz Integral*, de Cleuber. Outros projetos serão anunciados com o tempo.

E a série Biografix, deu uma parada com ela?

O próximo lançamento da editora será *Masamune*, do mestre Luiz Saidenberg. Este título faz parte da série *Biografix*, com as obras seminais de nossos grandes autores.

Esse Masamune é a mesma HQ publicada pela extinta Opera Graphica?

Caso sim, haverá algum tipo de extra? Tem previsão de lançamento?

A Opera Graphica publicou só uma parte de *Masamune*. O projeto original contava com a continuação da história, que acabou não sendo lançada. A Marca de Fantasia está lançando agora o álbum completo, com as duas partes da história.

Desde 2012, ou antes, está empenhado na criação do primeiro Mestrado em Quadrinhos do país. Fale um pouco sobre o projeto, quais pretensões?

O projeto de Mestrado Acadêmico em História em Quadrinhos acabou de ser formatado, em maio de 2013, e encaminhado à Capes, para apreciação. O projeto foi aprovado em todas as instâncias deliberativas da UFPB e oficialmente está criado, mas temos que ter o aval e o financiamento do MEC. Pretendemos criar um polo de discussão e pesquisa sobre História em Quadrinhos na Universidade, além de dar vasão a publicações e realização de eventos, como seminários e exposições. O local estratégico da Paraíba favorece a reunião de professores e pesquisadores dos estados vizinhos, contamos em nosso projeto com a participação de Clériston Andrade, de Recife



O Programa de Pós-Graduação em História em Quadrinhos foi aprovado em 2013 pela UFPB e seguiu para avaliação da Capes

(UFPE) e Marcelo Bolshaw, de Natal (UFRN). Outros poderão se juntar a nós, pelo pioneirismo e fundamentação de nossa proposta.

Como surgiu a ideia? Inspirado onde?

Desde que criamos o Mestrado em Comunicação na UFPB notamos o interesse dos mestrandos em relação às histórias em quadrinhos, em parte porque eu e o professor Marcos Nicolau somos autores e pesquisadores sobre quadrinhos. Apesar do interesse crescente dos alunos, os quadrinhos ainda são discriminados na academia, muitos, em nível nacional, passaram a nos procurar porque não encontravam em seus estados professores interessados em orientar projetos na área. Por outro lado, algumas pesquisas sobre os quadrinhos estavam sendo feitas em outros campos de estudo, como História, Sociologia, Educação, Ciências da Informação, tendo os quadrinhos não como objeto, mas como meio. Estes foram os motes que nos despertaram a necessidade de criação de um Mestrado específico sobre História em Quadrinhos, dirigido ao estudo de sua linguagem, sua expressão artística etc.

Quais as perspectivas do curso?

Dependemos da aprovação da Capes para pô-lo em funcionamento. Teremos uma avaliação só em novembro e é habitual que os novos projetos passem por revisão ou ajustes. Gostaríamos muito de começar já em 2014, mas não podemos contar absolutamente com isso.

Quem são os envolvidos?

Da UFPB temos os professores Marcos Nicolau, Alberto Pessoa, Nadja Carvalho, além de mim, do Departamento de Mídias Digitais; os professores Elydio dos Santos Neto, do Departamento de Habilitações Pedagógicas (UFPB), Sandra Medeiros, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (UFPB), Clériston Andrade, do Departamento de Comunicação da UFPE e Marcelo Bolshaw, do Departamento de Comunicação da UFRN.

Poderia adiantar algumas disciplinas?

As disciplinas obrigatórias serão: Fundamentos Epistemológicos da História em Quadrinhos e Metodologia da Pesquisa em História em Quadrinhos. As

optativas, entre outras, serão: Autoralidade na História em Quadrinhos, Gêneros, estilos e categorias da História em Quadrinhos, Linguagem Política da História em Quadrinhos e História em Quadrinhos eletrônicas.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país?

Há muitos trabalhos sendo desenvolvidos na área, mas não tantos quanto a abrangência dos quadrinhos possibilita. Como falei, alguns estudam os quadrinhos como meio de comunicação para outros domínios de conhecimento. É preciso direcionar mais os estudos dos quadrinhos para sua linguagem, seus gêneros, sua diversidade expressiva, sua força comunicativa e política. É mirando nisso que estamos construindo o Mestrado em História em Quadrinhos, para aprofundar as pesquisas que já são desenvolvidas nos grupos de estudos.

Henrique, agradeço a paciência e presteza em responder essas questões. Deixo aqui o espaço para qualquer outra consideração que por ventura deixamos de abordar. Valeu!

As histórias em quadrinhos nacionais têm circulado principalmente no meio independente, o que mostra a vitalidade dos autores em não se dobrar à mesquinaria do mercado. Contudo, isto implica em uma série de limitações, que vão da baixa tiragem à precária distribuição. Muito há o que se conquistar para que se tenha oportunidades reais de ascensão ao mercado, ou de se criar um novo mercado fora dos vícios do que hoje vigora. O maior problema para quem quer se dedicar aos quadrinhos é ter que fazê-lo apenas como um passatempo e não com profissionalismo. Isso continua um entrave para o amadurecimento da produção e por condições adequadas de trabalho.

Escola: lugar de quadrinhos

Entrevista com Natania Nogueira
Por Matheus Moura

Natania Nogueira é o que se pode chamar de mulher divisora de águas. Dentro da escola que leciona (E. M. Judith Lintz Guedes Machado, em Leopoldina, MG), ela desenvolveu um projeto que mudou a rotina do lugar e da maioria dos alunos ali. Ela conseguiu montar uma Gibiteca – considerada uma das primeiras do País na rede de ensino público – inaugurada em 11 de março de 2007. A ação rendeu-lhe até mesmo o prêmio Professores do Brasil, em 2008, dado pelo MEC. Atualmente, em parceria com órgãos públicos e privados locais, organiza o 1º Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial, realizado em Leopoldina, MG e o 1º Entre ASPAS – Encontro da Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial, também em Leopoldina. Na conversa abaixo, realizada em



Professora Natania Nogueira,
organizadora do Fórum Nacional
de Pesquisadores em Arte
Sequencial

fevereiro de 2009 com complemento em maio de 2013, ela conta como foi, o que é, e quais os planos futuros da Gibiteca e da Associação.

Quem é Natania Nogueira?

Sou professora de História, atuo no Ensino Fundamental, no Município de Leopoldina. Sou Especialista em História Regional pela Universidade Federal de Juiz de Fora e não costumo ser entrevistada. Me graduei em 1992, e comecei a atuar como professora em 1995. Sou fã de HQs desde os 7 anos de idade. Não venho exatamente de uma família de leitores, mas sempre tive muita intimidade com a leitura, desde minha alfabetização, aos 5 anos de idade. Desenvolvo pesquisas nas áreas de história da família, história local, histórias em quadrinhos e prática de ensino.

Em 2007 inaugurei uma gibiteca na minha escola, com o objetivo de aproximar meus alunos do mundo da leitura. Sou uma compradora compulsiva de livros.

Por que do interesse em pesquisar as HQs no ensino? De onde veio a motivação para isso?

Eu sempre achei que o fato de ler HQs foi importante na minha formação como leitora e quis passar isto para meus alunos. Atualmente existe nas escolas uma dificuldade muito grande para se ensinar qualquer conteúdo, pois nossos alunos não têm domínio de vocabulário e hábito de ler. No meu caso, o problema é muito maior, pois nossa clientela na escola é de meninos e meninas da zona rural e da periferia, muitos vivendo em risco social, sem ter direito o que vestir e o que comer.

Como querer exigir destes meninos, com famílias desestruturadas, se interessem pela leitura? É difícil, pois muito cedo eles perdem a capacidade de sonhar, imaginar, porque a realidade, a vida, exige um amadurecimento prematuro. No caso da minha disciplina, a coisa fica pior, porque história trabalha documentos, textos, geralmente longos e com palavras mais complicadas. Daí eu comecei a introduzir os quadrinhos nas minhas aulas como uma forma de motivar e facilitar a compreensão de conteúdos. Inicialmente eu fazia pequenas oficinas com os alunos e, ao invés de avaliações formais, ele me faziam quadrinhos sobre a matéria que estudavam.

A experiência deu certo e eu passei a pesquisar e ler mais sobre quadrinhos. Quem me ajudou muito foi Jotapê Martins, que me apresentou ao

prof. Waldomiro Vergueiro. Ele me incluiu em sua lista de pesquisadores da USP e eu comecei a transformar minhas experiências e relatos, a apresentá-las como comunicações em congressos de História e, por fim, comecei a pesquisar história dos quadrinhos e já publiquei um artigo sobre Angelo Agostini e estou realizando mais dois trabalhos sobre história e quadrinhos. Paralelamente, eu consegui colocar em prática um antigo projeto: abrir uma *gibiteca* na minha escola.

Onde saiu esse artigo do Angelo Agostini? Esses dois outros textos seriam sobre quais assuntos? Já há algum lugar em vista para publicá-los?

O artigo “Do Império à República: o carnaval visto por meio dos quadrinhos (1869-1910)” saiu na revista História e Narrativas, n.06, 2008. Este texto também foi reproduzido no Portal da Educação Pública. Estou trabalhando em um texto que escrevi para o encontro de história do gênero, ano passado (Fazendo Gênero), sobre as representações femininas nas revistas de super-heróis da EBAL. Quero ampliar e desenvolver mais o texto. E, por fim, estou fazendo uma pesquisa, ainda no início, sobre o *Zé Carioca*. Como ainda não finalizei os textos e preciso pesquisar mais algumas coisas, fazer mais leitu-

ras, não ofereci ainda para publicação.

E quanto à Gibiteca... quando surgiu a ideia? Trace pra gente o passo-a-passo para sua construção.

Foi em meados de 2006. Eu, como já disse, estava preocupada com o aprendizado e a falta de leitura e interesse pela leitura dos meus alunos. Então, eu fiz uma proposta para minha diretora: se ela me desse uma sala que estava sendo usada como depósito de entulho, eu a transformaria em uma Gibiteca para nossos alunos, usando apenas o que a escola pudesse me oferecer. Acho que ela aceitou para ver se se livrava de mim.

Peguei meus alunos do 9º ano, limpei a sala, consegui tinta e uma pessoa para pintar, encontramos estantes de aço abandonadas em outro depósito, limpamos, reformamos e conseguimos que uma pessoa pintasse um painel para nós na parede. Eu doei cerca de 600 gibis da minha coleção pessoal e a Gibiteca começou a ganhar forma, até o final de 2006 eu já tinha conseguido mais doações. Hélio Lopes, na época editor da Pixel, doou muito material



Gibiteca, espaço de leitura e criação

para nós; Waldomiro Vergueiro enviou mais doações e outros amigos, muitos colecionadores, foram nos enviando caixas e mais caixas de HQs. Quando inauguramos, em 11 de maio de 2007, a Gibiteca já tinha 1700 HQs. Criei um blog para divulgar nosso trabalho – uma ideia da amiga Valéria Fernandes – e por meio dele temos conseguido até hoje mais doações.

Junto com a inauguração da Gibiteca, nós oferecemos um seminário sobre quadrinhos para 230 professores da rede municipal de ensino, para divulgar o uso dos quadrinhos nas salas de aula. Se temos uma gibiteca, temos que mostrar para que ela serve e como ela pode ser útil para a escola. Não adianta dar ao professor, por exemplo, um computador de última geração sem ensinar a ele como usá-lo. Com a gibiteca não é diferente. Não adianta apenas colocar os quadrinhos na escola, é preciso mostrar como eles podem ser utilizados e é preciso, principalmente, relatar e trocar experiências. Atualmente contamos com mais de 4000 gibis e nossa iniciativa inspirou a abertura de outras gibitecas em escolas, em cidades da região e em outros estados.

Já com dois anos de Gibiteca, quais os principais benefícios alcançados?

Muitos, inclusive materiais. Nós tivemos uma mudança na escola. Nossos



Adaptações literárias em quadrinhos e outros gêneros

professores adquiriram autoestima, porque a gibiteca deu visibilidade para todos. Nós somos escola de periferia e sem qualquer recurso. A gibiteca trouxe novas possibilidades de crescimento. Os alunos passaram, também, a valorizar mais a escola e a participar de concursos de desenho e redação (ganhamos dois, um em 2007 e outro em 2008). Saímos na revista *Nova Escola* e estamos sempre nos jornais locais.

Em 2008 ganhamos o “Prêmio Professores do Brasil”, com o projeto da Gibiteca e a escola vai receber equipamentos de multimídia modernos. Começamos a fazer trabalho voluntário entre os alunos e muitos, desinteressados e desmotivados, passaram a ser mais participativos e seu rendimento escola também melhorou entre as séries iniciais do fundamental, os alunos estão lendo mais. Nossos alunos das séries finais, também. E o interesse da leitura não está só nos gibis. Eles têm procurado mais a biblioteca da escola.

Antes da “sua” Gibiteca, já havia ouvido falar em outras? Se inspirou em alguma? Como anda esse “movimento”, pelo país a fora?

Não. Pelo menos em escolas. Sabia da existência de gibitecas em grandes centros, como a de Curitiba, a Henfil, a da USP, mas não sabia de gibitecas

em escola de ensino fundamental. Depois que começamos, muitas pessoas fizeram contato conosco e sei de pelo menos duas gibitecas que estão funcionando ou começando a funcionar: uma no Rio de Janeiro, outra em Além Paraíba. Mas tenho tido contato com pessoas do Rio Grande do Sul, e de estados do Nordeste que querem criar gibitecas em suas escolas.

Então na questão de Gibitecas em escolas você é uma pioneira...

Acho que sim... mas não tenho como afirmar com exatidão, porque não tenho como obter dados a respeito. Arrisco dizer que somos a primeira gibiteca localizada em escola pública de ensino fundamental de Minas Gerais.

Legal, parabéns!! Com relação aos prêmios que mencionou, quais foram? Sei que teve um agora que recebeu do MEC: “Prêmio Professores do Brasil”, é isso mesmo?

Isto. Nós fomos um dos 31 projetos premiados em todo o Brasil. Recebemos o prêmio em Brasília, dia 3 de dezembro, do Ministro da Educação Fernando



Além da leitura, os frequentadores realizam outras atividades educativas

Haddad. Foi uma revolução na cidade. Tem gente que me para na rua até hoje para perguntar sobre o prêmio. Leopoldina é uma cidade pequena e quando acontece alguma coisa deste tipo é festejado como final de campeonato, hehehe.

E agora, quais os planos para a Gibiteca? E os particulares, quais são?

Muitos. Estamos tentando ampliar o espaço físico da escola e criar uma sala maior para a Gibiteca, com espaço para oficinas, cursos e palestras. Também já estamos organizando nosso III Seminário Sobre Quadri-nhos, previsto para junho deste ano. Vamos investir no trabalho voluntário de alunos – uma experiência que deu certo – e tentar fazer um trabalho com o noturno, em especial com os alunos do EJA (Educação para Jovens e Adultos) que ainda estão na alfabetização. Quero tentar fazer mais uma especialização este ano e estou vendo a possibilidade de trabalhar com projetos de ensino em outras escolas, através da *Secretaria Municipal de Educação*. Mas não tenho nada certo ainda.



As crianças participam ativamente da Gibiteca

Com relação às pesquisas em HQs, o que mais aprendeu com elas? O que

se pode tirar de conclusão com a Gibiteca e tudo o mais que a envolve?

A pesquisa com HQs abriu um novo leque de possibilidades para mim. Gosto de pesquisa, mas, por morar em uma cidade do interior, tenho acesso limitado às fontes. No entanto, ao pesquisar as HQs, seja para desenvolver novas técnicas de ensino, seja como fonte de pesquisa histórica, eu pude me manter muita mais dinâmica. Acho esta flexibilidade muito legal, porque instiga a curiosidade e a criatividade. Trabalhar com HQs e História, então, tem sido muito bom. Como um mídia poderosa, as HQs têm muito a nos ensinar sobre nossa sociedade. Quanto à Gibiteca, penso que ela fui muito além daquilo que eu previa. Ela ajudou muito a nossa escola e especialmente aos nossos professores. Fala-se muito da autoestima dos alunos, mas geralmente as pessoas se esquecem que os professores também precisam dela. A Gibiteca, ao valorizar nosso trabalho, deu-nos uma vitalidade que antes não possuíamos.

Hoje o que destacaria como sendo a maior diferença nos quadrinhos com relação a dez anos atrás, por exemplo?

Acho que hoje temos uma coisa boa acontecendo nos quadrinhos que é a diver-

cidade de títulos. Material vindo do Oriente e da Europa tem circulado mais. Também os quadrinhos nacionais – pelo menos os voltados para o ensino – estão ganhando um espaço maior. Quer exemplo melhor do que as adaptações de Literatura que vêm se multiplicando nos últimos tempos? E *Dom João Carioca*? Aquilo é material de primeira.

O que eu lamento é que os quadrinhos estão se afastando das bancas. A maior parte das cidades do Brasil são de pequeno e médio porte e nelas ou há poucas livrarias ou não há nenhuma. As pessoas compram quadrinhos nas bancas. A tendência é que os quadrinhos se concentrem nas livrarias. Infelizmente meus alunos, por exemplo, terão acesso apenas ao material da Panini e da Abril, praticamente, além de alguns mangás. Quadrinhos nas livrarias também significa um aumento no preço. Não posso pedir a meus alunos para comprarem um *Dom João Carioca*, porque eles não têm R\$40 para dar num álbum, por melhor que ele seja.

Vamos falar um pouco sobre o novo evento. O que é e como surgiu o ASPAS - Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial?



Atividades coletivas são comuns na Gibiteca

Surgiu durante a organização do I Fórum de Pesquisadores em Arte Sequencial, em 2012. Foi uma ideia lançada pelo Prof. Amaro Braga, como uma forma de unificar a pesquisa na área.

Quais as perspectivas para a associação, o que se pode esperar?

As expectativas são muitas. Queremos montar uma rede de pesquisadores que trabalhem com quadrinhos e afins como forma de mapear e divulgar a pesquisa na área. Acredito que a ASPAS pode atuar como um elemento aglutinador de pesquisadores e, até, incentivar novas pesquisas.

Por que um evento de quadrinhos no interior sul de Minas Gerais?

Nós já tínhamos tido outros dois encontros sobre quadrinhos em Leopoldina e como, por época do Fórum, veio a ideia da ASPAS, a atual diretoria, formada pelos fundadores resolver que a sede deveria ser em Leopoldina e que nosso primeiro encontro oficial, também. Mas a ASPAS se propõe a ser uma associação sem fronteiras. Pretendemos levar o Entre ASPAS e outros eventos para várias partes do país a partir



As ações da Gibiteca vão além de seu espaço físico

do próximo ano.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país, hoje, em 2013?

Avaliar a pesquisa em 2013 ainda é difícil porque o ano está começando, mas em 2012 tivemos um bom retorno, com cerca de 50 trabalhos apresentados durante o Fórum de Pesquisadores em Arte Sequencial, tivemos eventos internacionais e este ano o calendário acadêmico já prevê outros. Acredito que é uma área que tem ganhado espaço, que tem crescido e que pode crescer ainda mais.

Agradeço a paciência em responder estas questões e deixo aqui o espaço aberto para levantar qualquer ponto que, por ventura, tenhamos deixado de abordar. Valeu!!

Acho que não deixamos nada de fora. E eu que agradeço o interesse pelo nosso projeto.

Pesquisa e mercado editorial

Entrevista com Paulo Ramos
Por Matheus Moura

Paulo Ramos é jornalista e professor. Conhecido principalmente pelo trabalho desenvolvido no Blog dos Quadrinhos, Ramos se destaca como pesquisador e autor de livros teóricos sobre quadrinhos, como *A leitura dos quadrinhos* (2009), editado pela Editora Contexto; e *Bienvenido – Um passeio pelos quadrinhos argentinos* (2010), lançado pela Zarabatana Books. É ainda coautor dos livros *Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula* (Editora Contexto) e *Discurso, argumentação e produção de sentido* (Editora Humanitas). Juntamente com Waldomiro Vergueiro foi um dos organizadores da 1ªs Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da ECA/USP, ocorrida em agosto de 2011.

A entrevista realizada aqui foi feita em março de 2009, durante o lan-



Professor Doutor Paulo Ramos

çamento do livro *A leitura dos Quadrinhos* e está dividida em duas partes. Na primeira o foco são as pesquisas acadêmicas e o mercado brasileiro de quadrinhos. Na segunda o assunto gira em torno da publicação do livro. Em maio de 2013 fizemos um complemento à entrevista.

Quem é Paulo Ramos?

Sou jornalista, doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, integro o Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP e atuo como docente no curso de Letras da Unifesp (Universidade Federal do Estado de São Paulo).

Como surgiu o interesse em HQs?

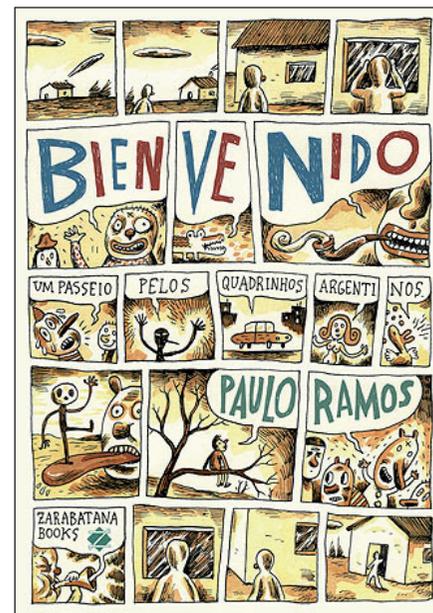
O interesse vem desde criança. Lembro-me que ganhava de um primo revistas em quadrinhos que ele já tinha lido. Foram meus primeiros contatos com a área. Na época, nem sabia ler. Acompanhava as histórias por meio das figuras.

Durante a graduação já pensava em desenvolver, cientificamente, conhecimentos voltados às Histórias em Quadrinhos?

Fiz alguns trabalhos universitários sobre quadrinhos na graduação. Mas tinha intenção era mesmo estudar o assunto na pós-graduação. Logo após terminar minha primeira graduação, em jornalismo, ingressei no mestrado na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) com um projeto semelhante ao que se tornou, anos depois, meu doutorado. Comecei o curso, mas tive de abandoná-lo para me dedicar à carreira jornalística. Em 2001, fiz o caminho contrário: saí da redação para retomar o projeto, agora na USP.

Profissionalmente sei que atuou (atua) como professor, redator e consultor de língua portuguesa. Ainda exerce essas funções? Se não, por quê?

Sou professor do curso de Letras da Unifesp, função que comecei a exercer a partir de fevereiro deste ano. A consultoria de língua portuguesa eu havia deixado em maio do ano passado, quando optei por sair do grupo Folha-UOL, onde fiquei por mais de dois anos. No jornalismo, hoje, limito-me ao trabalho diário no Blog dos Quadrinhos, página hospedada no portal UOL.



Contribuição de Paulo Ramos para a descoberta dos quadrinhos argentinos

Ainda faz parte da equipe do Metr6poles da TV Cultura? Como foi essa experi6ncia?

Fiz as cr6ticas de quadrinhos no programa durante seis meses. Foi uma 6tima experi6ncia, que, para mim, teve ares de retorno. Digo isso porque havia trabalhado por dois anos na TV Cultura, entre 2001 e 2003, como 6ncora e editor assistente do telejornal Di6rio Paulista. Ainda guardo com carinho as amizades que cultivei por l6.

E o Blog dos Quadrinhos? Apesar do relativo pouco tempo de vida do site, j6 6 ponto de refer6ncia para muitos. Como teve a ideia de dar in6cio a ele?

A ideia de criar o blog surgiu em abril de 2006 a partir de uma conversa com o portal UOL, onde trabalhava na 6poca como consultor. Comentei que lia poucas not6cias sobre quadrinhos. Eles me perguntaram o que eu sugeriria para mudar isso. Propus, ent6o, um blog, com uma not6cia por dia. O diferencial seria a qualidade da not6cia e do texto, com um tratamento estritamente jornal6stico. Acredito que tenha conseguido cumprir essa meta.

Já pensou em produzir HQs? Ou já até mesmo fez?

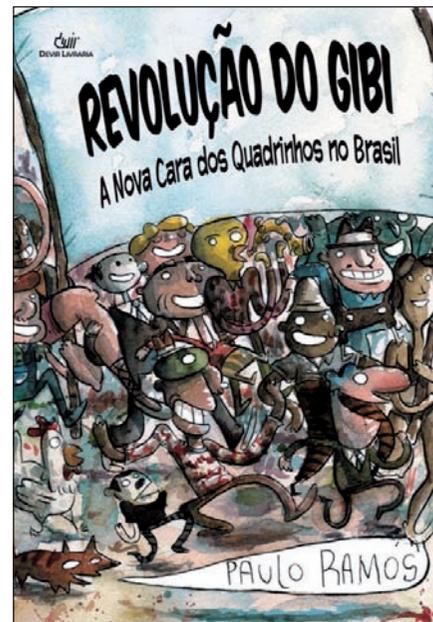
Coloco-me na minha posição de jornalista, docente e pesquisador. Gosto dessas atividades e é onde realmente quero atuar.

O que acha do mercado atual de HQs? Acredita ter espaço para todas essas editoras que estão se aventurando por este terreno?

A compra de obras pelo governo e a entrada dos quadrinhos na grandes livrarias mexeram com a forma como os quadrinhos passaram a ser vistos pelas editoras. Antes, eram ignorados; hoje, são uma forma de ganhar dinheiro por meio de enormes vendas ao governo. Mas o saldo tem sido positivo. O número de álbuns, inclusive nacionais, aumentou vertiginosamente nos últimos anos. Este ano, se não houver mudanças, será o que mais terá obras nacionais longas, aos moldes dos trabalhos europeus. Isso é um princípio de mudança.

O que acredita poder ser feito para melhorar este mercado?

Acredito que a Companhia das Letras achou uma boa resposta para a difi-



Os quadrinhos brasileiros sob a ótica de Paulo Ramos

cil equação sobre o mercado de quadrinhos no Brasil. A editora – uma das maiores do país, é importante registrar – cria neste ano um selo só para a área. Uma das propostas é publicar álbuns nacionais mais autorais. No meu entender, esse é o caminho. A editora soube olhar além das fáceis adaptações literárias, que gozam de prestígio social e tendem a ser vendidas facilmente ao governo, motivos que as pautam. Se der certo a nova política da Companhia, creio que outras seguirão o mesmo caminho, até para poder fazer concorrência. A Bossa Nova, que também entra no mercado neste ano, também tem a mesma política. A Desiderata inaugurou isso no fim de 2006. Mas as mudanças internas do selo editorial da Ediouro interromperam esse processo, pelo menos por enquanto.

Com relação às HQs nacionais. Quais as principais diferenças que observa nelas hoje com outrora, nos tempos de bonança?

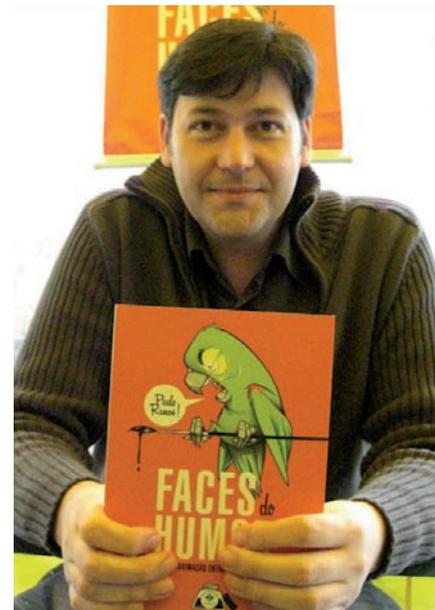
Do ponto de vista dos gêneros dos quadrinhos ligados ao humor, diria que continuamos num caminho qualitativamente certo, que não deixa a desejar a nenhum outro país. Os quadrinhos infantis brasileiros também são fortes, embora menos interessantes que décadas atrás. Quanto aos demais

trabalhos nacionais, creio que hoje se dividam em três tendências: 1) a produção independente; 2) as obras encomendadas pelas editoras, como as adaptações literárias; 2) as obras mais autorais, que começam a galgar mais espaço junto às editoras. O primeiro caso é a resposta de alguns autores que se cansaram de ouvir não das editoras. O Quarto Mundo é o principal representante desse movimento. Resta saber ao certo para onde rumar. O segundo caso, embora tenha tido alguns resultados muito bons, creio que tenda a se saturar. O caminho, no meu entender, está nos trabalhos autorais.

Alias, como definiria uma genuína HQ Brasileira?

Como comentei anteriormente, temos uma identidade forte nos quadrinhos de humor – charges, cartuns e tiras –, nos infantis – Turma da Mônica ainda é o principal expoente – e de terror – que, infelizmente, são pouquíssimo produzidos hoje em dia. Embora toquemos outros gêneros, nosso histórico mostra que temos um forte diálogo com o humor. Talvez essa seja ainda nossa maior marca e o que nos singularize.

Como relação ao leitor, você como homem de mídia, como o avalia, quem



Estudo aprofundado de Paulo Ramos sobre o humor

é – ou são – o leitor de HQs no Brasil?

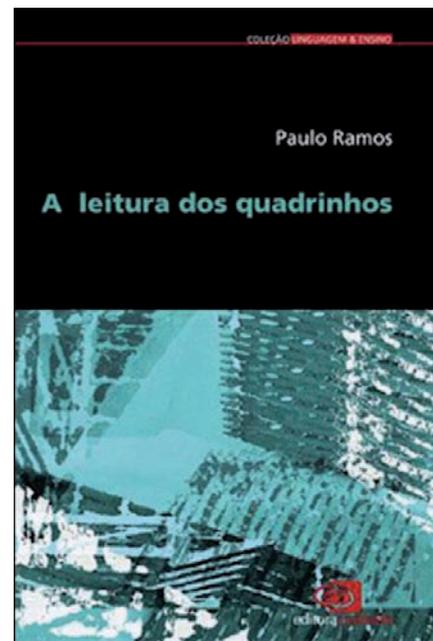
Historicamente, o leitor de quadrinhos no Brasil se dividia entre os que acompanhavam os gêneros do humor nos jornais – charges e tiras –, as crianças que liam obras infantis vendidas nas bancas e o que apreciava histórias de super-heróis e de aventura. O primeiro não encontrava resistências, já que os gêneros que lia figuravam em um suporte de prestígio, o jornal. O segundo leitor crescia e tendia a abandonar a leitura dos quadrinhos infantis. O terceiro, por preconceito e incompreensão social, vivia numa espécie de tribo, em que dialogava sobre o assunto somente com outras pessoas que tinham os mesmos gostos. Esse cenário ainda existe. Mas houve duas outras somas relevantes, a meu ver: 1) a dos leitores de mangá, inclusive meninas e adolescentes; 2) a da pessoa que tradicionalmente não lia quadrinhos e hoje encontra a obra em formato de livro nas livrarias e voltada a um leitor mais maduro. O ponto central é que os quadrinhos, hoje, passaram a dialogar fortemente com esse não-leitor. Isso tem sido o cerne de uma mudança de discurso – do preconceito à aceitação – da forma como a sociedade enxerga o tema.

Como surgiu a ideia de produzir um livro sobre a linguagem das HQs?

Comecei a pesquisar o assunto durante meu doutorado em Letras na USP (Universidade de São Paulo). Dois dos 11 capítulos da tese abordavam especificamente a linguagem dos quadrinhos. Curiosamente no mesmo dia da defesa do meu doutorado, recebi o convite para integrar a coleção da Editora Contexto. Pediram uma obra envolvendo quadrinhos. Propus um livro introdutório sobre a linguagem dos quadrinhos, voltado tanto a quem já lê quadrinhos normalmente quanto para quem não costuma acompanhá-los. Foi mais um ano de pesquisa. O resultado foi “A Leitura dos Quadrinhos”, lançado neste início de ano.

Hoje é notório o crescimento do prestígio dos quadrinhos, principalmente por conta do governo e sua aceitação nas escolas. Mas, com isso já se percebe uma maior demanda de conhecimento na área?

Há uma curiosa contradição nessa área. Historicamente, estudamos muito pouco os quadrinhos, ou por preconceito, ou por puro desinteresse e desconhecimento. Hoje, quadrinhos se tornaram política educacional e isso exige respostas da academia. Aí a contradição: é a mesma academia que por décadas



Obra de referência para o estudo da linguagem dos quadrinhos

ignorou o tema (com raras e honrosas exceções, é importante registrar). Há maior demanda, sim. Inclusive por respostas sobre os elementos dos quadrinhos e como usá-los, na escola, nas pesquisas, na leitura, no jornalismo.

Você, como professor na letras, utiliza as HQs em sala de aula? Como é feita essa inclusão, qual sua metodologia?

Usei e ainda uso quadrinhos em sala de aula. A aplicação depende muito do que vou abordar. Um exemplo, apenas para ilustrar. Charges são um excelente exercício para mostrar como se processam as estratégias de construção do sentido textual. Elas envolvem conhecimentos prévios (a notícia criticada na charge), situações inesperadas que levam ao humor, leitura de elementos visuais para serem articulados com a parte escrita, referências a personalidades reais do mundo moderno, em especial da política. Tudo isso é acionado durante a leitura. Explicar cada um desses processos é um exercício muito difícil e faz o aluno pensar bastante. Costumo dizer que se pode ensinar tudo por meio dos quadrinhos. Basta o professor aceitar a linguagem e saber trabalhá-la. O limite é a criatividade dele.

O que é necessário para uma maior expansão, utilização e compreensão das HQs por parte dos docentes?

Nas poucas palestras que tive a oportunidade de dar a professores, percebi um comportamento curiosamente similar. Os docentes mudam por completo o olhar sobre os quadrinhos durante a exposição. Eles simplesmente nunca pararam para pensar sobre os inúmeros recursos que a linguagem oferece. E saem diferentes. Para a maioria, a visão que predomina é a de que quadrinhos são leitura estritamente infantil e, por isso, de pouca valia ou com escasso prestígio social.

Como é a aceitação dos alunos com relação às HQ na sala de aula?

Respondo por meio de uma pesquisa publicada recentemente. Entre os homens brasileiros, os quadrinhos são a terceira forma de leitura preferida. Entre as mulheres, a sexta. Isso sinaliza que há aceitação para os quadrinhos. Basta saber usá-los com inteligência e criatividade.

Pretende dar continuação ao tema Linguagem das HQs, ou acredita ter

esgotado o assunto nesse livro?

Existe mais um tema sobre a linguagem que queria abordar. Já tenho esse livro escrito, mas ainda queria aprofundar e reavaliar alguns pontos. É um projeto para ser publicado nos próximos dois ou três anos.

Há mais algum estudo seu sendo preparado ou já em fase de conclusão referente as HQs?

Há, sim. Tenho mais dois livros prontos, organizados em parceria com Waldomiro Vergueiro, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Assinamos o contrato de um deles nesta semana. Se não houver mudanças no cronograma da editora, deve sair no começo do segundo semestre. Quanto ao outro, ainda é avaliado pela editora para onde o encaminhamos.

*Como surgiram as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos?
Quem são os envolvidos?*

As Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos surgiu a partir da percepção de que havia muitas pesquisas sobre quadrinhos sendo desenvolvidas em diferentes programas de pós-graduação do país. Um termômetro disso era o volume de bancas de mestrado e de doutorado que eu e o colega Waldomiro Vergueiro - docente da Universidade de São Paulo e co-organizador do congresso comigo e com o professor e pesquisador Nobu Chinen - participávamos por ano. A ideia inicial era criar um encontro acadêmico, até então inédito, que servisse de ponto focal para troca de experiências sobre esses estudos. O número de inscritos na primeira edição, em 2011, foi três vezes maior do que esperávamos. Concluimos que a percepção inicial não só era verdadeira como também muito mais ampla.

O que o evento representa para as pesquisas em quadrinhos no país?

Na nossa leitura, as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos exerceram em 2011 diferentes papéis. O primeiro e mais evidente foi o de agregar, num encontro temático, as várias pesquisas sobre quadrinhos desenvolvidas dentro e fora do país. Outro papel foi o de explicitar para a comunidade acadêmica as possibilidades de pesquisas sobre histórias em qua-

drinhos, que podem ser observadas sob os mais variados prismas teórico-metodológicos.

Na primeira edição falou-se numa parceria acadêmica Brasil-Argentina. Como ficou essa questão?

Tínhamos como meta na primeira edição do congresso estreitar os laços com os pesquisadores argentinos. Fomos bem-sucedidos nesse sentido. Firmamos um acordo para alterar a realização de um congresso internacional sobre quadrinhos entre os dois países. Num ano, será realizado no Brasil por meio das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. No outro, na Argentina, via Viñetas Serias.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país, hoje, em 2013?

Entendo que vivemos um boom de estudos sobre quadrinhos no país. O número de estudos e de publicações a respeito é inédito. Outro aspecto a ser destacado sobre isso é o teor interdisciplinar de tais estudos. Pesquisam-

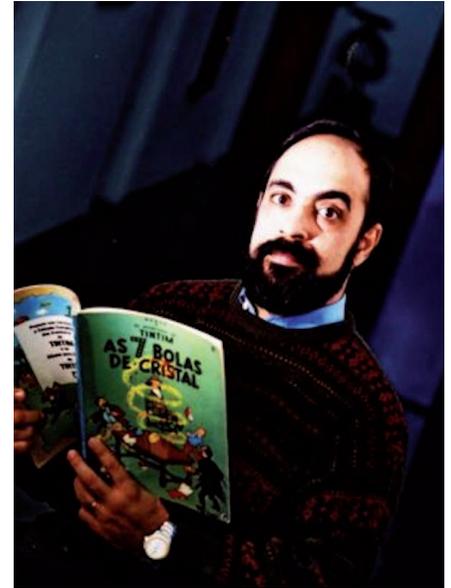
se quadrinhos nos mais variados programas de pós-graduação do Brasil, de Teologia a Linguística, de Física a Comunicação.

Quadrinhos como pesquisa acadêmica

Entrevista com Waldomiro Vergueiro
Por Matheus Moura

Graduado em Biblioteconomia e Documentação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1977), com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP (1985 e 1990), Waldomiro Vergueiro desempenha atividades de vice-chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação e coordenação do Observatório de Histórias em Quadrinhos – ligado à ECA/USP. Autor de vários livros que têm as HQs como foco, em 2011 esteve à frente da organização do primeiro evento acadêmico brasileiro voltado exclusivamente aos quadrinhos, a 1^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, realizado em São Paulo.

O Bate-papo abaixo é uma conversa feita em 2009 durante o período



Professor Doutor Waldomiro Vergueiro

de publicação do livro *Muito Além dos Quadrinhos: Análises e Reflexões sobre a 9ª Arte*, organizado por Vergueiro em parceria com Paulo Ramos. São discutidos tópicos quanto ao aumento de pesquisas acadêmicas voltadas aos quadrinhos, relevância e perspectivas.

Professor, vamos começar pela sua experiência com as HQs, quando teve início sua paixão?

Comecei a ler quadrinhos logo que aprendi a ler. Ou talvez até mesmo antes disso. Os quadrinhos sempre me fascinaram. Gostava das imagens, das histórias, das cores, de tudo, enfim. Continuo gostando até hoje.

Já produziu, ou já pensou em produzir alguma HQ?

Não. Deixo isto para aqueles que têm talento. Eu acredito que a maior contribuição que posso dar às histórias em quadrinhos é pela docência e pesquisa na área. É o que tenho feito.

O que levou o senhor a estudar HQs?

Inicialmente, a paixão pelos quadrinhos. Sempre fui leitor e colecionador de quadrinhos e busquei compreendê-los melhor por meio do estudo. Felizmente, tive a possibilidade de fazer isso profissionalmente e pretendo continuar a fazê-lo enquanto puder.

Cite alguns dos trabalhos acadêmicos que já desenvolveu. Há algum em estado de “gestação”? Se sim, qual o tema abordado?

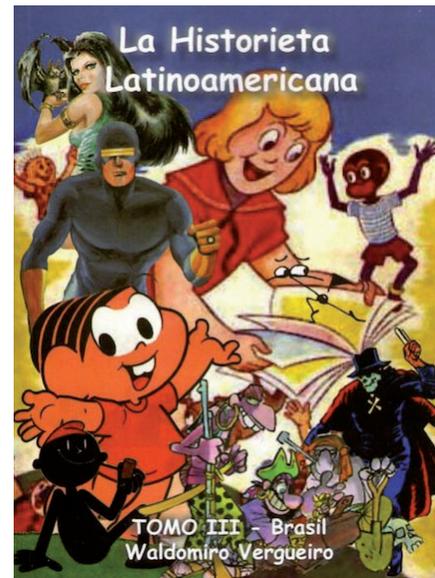
Minha dissertação de mestrado, “Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa”, defendida em 1985, foi um trabalho que me deu muito prazer de escrever. Depois, orientei muitos trabalhos, escrevi algumas dezenas de artigos para a internet e para revistas especializadas no Brasil e no exterior. Orgulho-me bastante dos dois livros que organizei sobre quadrinhos, já publicados, “Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula” (Editora Contexto) e “O Tico-Tico: Centenário da primeira revista de quadrinhos brasileira” (Editora Opera Graphica).

Atualmente, tenho já três livros prontos, entregues a diversas editoras. Um deles, “La Historieta Brasileña”, deverá ser publicado este ano na coleção

História de la Historieta Latinoamericana, da Editora Bañadera del Cómic, de Buenos Aires. Os outros dois, que são coletâneas de textos de vários autores, organizados em parceria com o jornalista e professor Paulo Ramos, deverão ser publicados no ano que vem: “Muito Além dos Quadrinhos”, com textos analíticos sobre quadrinhos, originados em uma disciplina de pós-graduação que ofereci há alguns anos, deverá sair pela editora Devir; o outro, “Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática, da recomendação ao fato”, deverá ser pela mesma Editora Contexto, que publicou meu livro anterior sobre o mesmo tema. Atualmente estou organizando, o livro “Jornalismo em Quadrinhos”, também com Paulo Ramos, e um sobre a revista Gibi, este em colaboração com o prof. Roberto Elísio dos Santos.

Hoje até o prêmio HQMIX, o mais famoso do gênero no país, tem uma categoria destinada a estudos de HQs. O que acha desse movimento acadêmico que parece estar vislumbrado com os quadrinhos?

O estudo acadêmico de quadrinhos tem crescido a olhos vistos. Isto ocorre em todas as áreas: Letras, Comunicação, História, Geografia, Psicologia etc. Até nas áreas de Exatas têm sido defendidos ou apresentados trabalhos so-



Waldomiro Vergueiro escreveu o tomo sobre o Brasil, na série *La Historieta Lationamericana*

bre histórias em quadrinhos.

A que atribui esse crescente interesse?

Acho que o interesse sempre existiu. O que acontecia é que os alunos não tinham como seguir os estudos sobre quadrinhos devido à falta de interesse, de conhecimento ou mesmo ao preconceito de muitos professores. Agora, essas barreiras diminuíram um pouco e inclusive existe uma recomendação governamental em relação ao uso de histórias em quadrinhos nos níveis fundamental e médio, o que facilita a aceitação de pesquisas sobre quadrinhos.

Os estudos atuais com relação às HQs partem de pressupostos realmente relevantes, ou estão mais para modismo?

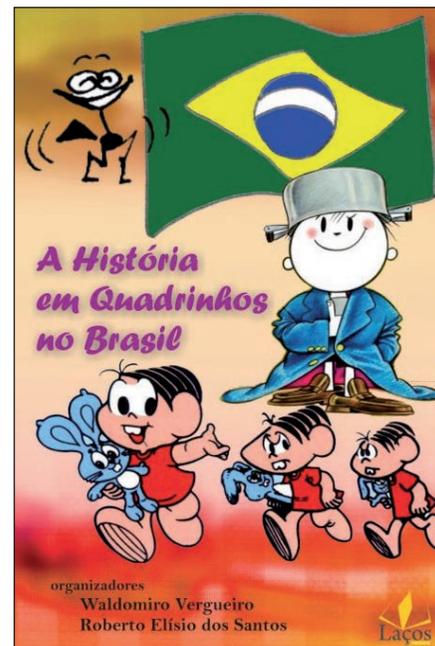
Acho que estamos numa fase intermediária. Por enquanto, ainda é bem grande o número de alunos que busca desenvolver estudos sobre questões que os incomodam como leitores de quadrinhos. É o caso, por exemplo, de leitores de super-heróis que querem desenvolver estudos sobre alguns aspectos de seu herói preferido. Isso é válido, é claro, mas muitas vezes leva mais para um

trabalho de – desculpe, mas não consigo achar outra palavra – *nerd* do que propriamente para uma pesquisa com preocupação metodológica clara. Mas acho que isso é passageiro. Com o tempo, tanto os alunos como também nós professores começaremos a definir melhor os assuntos a serem pesquisados em relação aos quadrinhos e a forma como devem ser conduzidos. De uma certa maneira, estamos todos ainda engatinhando nesse aspecto.

Quais os campos geralmente explorados pelos pesquisadores? O que poderia ser melhor estudado?

Existem muitos estudos de Linguagem e de Comunicação. Creio que precisamos de mais estudos no campo da Educação, da História, da Antropologia, da Psicologia e da Economia. Existe uma grande necessidade de estudos de mercado, por exemplo, que quase não foram feitos até hoje (e, quando o foram, pecaram pela superficialidade).

O senhor mantém um núcleo de estudos na ECA-USP de São Paulo e costumam se reunir com relativa frequência para discussão de temas determinados. Como está o grupo hoje? O que é necessário para alguém poder participar?



Em parceria com Roberto Elísio dos Santos, Waldomiro Vergueiro escreveu *A História em Quadrinhos no Brasil*

O grupo está bem e com várias propostas de atuação. Temos reuniões mensais, em que discutimos algum livro sobre quadrinhos ou assistimos a apresentações sobre pesquisas realizadas em torno dos quadrinhos. Também organizamos um Seminário anualmente, voltado exclusivamente a pensar a evolução da pesquisa sobre quadrinhos no país. A participação nas reuniões é livre, bastando apenas chegar e participar.

Nos quadrinhos em geral, o que percebe de mais destoante de hoje com o que já foi publicado algumas décadas atrás?

Acho que os quadrinhos estão em um momento de definição. Grandes portas parecem estar se abrindo, mas não temos certeza se elas realmente levarão a posições melhores para os quadrinhos no contexto das artes e da indústria de comunicação de massa. Tudo leva a crer que sim.

No Brasil recentemente foi descoberto o filão de HQs para livraria, acredita que hoje os quadrinhos acharam seu espaço? Como vê o movimento de banca atual?

Não acredito que os quadrinhos estejam mudando de veículo de comercialização – deixando as bancas em prol das livrarias –, mas, sim, que está havendo uma ampliação de mercado. As livrarias são ótimas para um produto que se assemelhe ao livro – os álbuns e as graphic novels –, mas são limitadas no que diz respeito a publicações periódicas, as revistas. Não acredito que as revistas estejam desaparecendo ou que os editores vão deixar de publicá-las. Isso seria um tiro no pé. Os quadrinhos têm que ter um preço acessível e estar próximos de onde o leitor comum anda, no caminho para a escola, na volta do trabalho, quando sai com os amigos. No Brasil, felizmente, nada leva a crer que as bancas deixarão de ter importância na comercialização de quadrinhos – como acreditar que eles as deixarão, quando mensalmente quase seis dezenas de novas revistas são ali colocadas para venda?

Quanto cenário de quadrinhos nacionais, qual seu parecer deles atualmente?

Os quadrinhos nacionais estão progredindo e encontrando um espaço apropriado nos álbuns e publicações direcionadas para livrarias. Isso é bastante lógico. Poucos autores novos têm condições de bancar uma revista mensal

ou tiras diárias. Assim, é bom que sejam testados em pequenas tiragens, em obras individuais, nas quais possam demonstrar o seu talento. Talvez alguns deles possam evoluir para personagens fixos em publicações mensais ou tiras. Outros, provavelmente, permanecerão nas livrarias. O importante é que cada um encontre o espaço em que se sinta melhor e consiga ser razoavelmente recompensado por isso.

Hoje discute-se muito a questão da formação de novos leitores para as HQs. Como acha que isso poderia ser feito, há solução?

Acho que a escola exerce um papel fundamental nesse aspecto. Temos que ter quadrinhos nas escolas, sendo discutidos e lidos da mesma forma como qualquer outro elemento didático. Temos que ter espaço para discussão e leitura de quadrinhos, também, no que as gibitecas são essenciais. Precisamos de mais delas. Precisamos também de quadrinhos nas bibliotecas. Tudo isso é fundamental para a formação de leitores.

Quantos aos leitores, o cenário contemporâneo é bastante diferente de 20, 30, 40 anos atrás. Os jovens possuem muito mais acesso a informação e

com isso a banalidade do produto cultural é maior. Como entende a relação atual dos leitores com o objeto de culto? É realmente diferente de antes? Quais as principais singularidades, se houver?

Hoje o jovem é chamado para diversos lados. Pode se interessar por videogames. Pode se interessar por RPG. Pode se interessar por cinema, por televisão, por internet. Alguns se interessam por quadrinhos. Esses tendem a ser muito mais exigentes e procuram se envolver mais com seu objeto de preferência. Acho que o leitor de quadrinhos hoje se entrega muito mais a seus interesses do que antes. As comunidades de leitores de quadrinhos – muitas vezes divididas por gêneros de histórias ou por personagens – ajudam o entrosamento dos indivíduos e constituem redes de relacionamento valiosas no mundo atual.

Professor, agradeço a paciência em responder esta. Caso julgue haver algo que gostaria de completar, ou de relevância que não foi tocado, deixo aqui o espaço à disposição. Obrigado.

Acho que tocamos todos os pontos importantes. Acredito que os quadrinhos

ainda têm muito a nos dar e surpreender. Ouso até dizer que o potencial dos quadrinhos para a transmissão de mensagens ainda não foi totalmente descoberto.

Cultura Visual e HQs na sala de aula

Entrevista com Elydio dos Santos Neto
Por Matheus Moura & Dânia Soldera

Quem acompanha de perto o universo das histórias em quadrinhos (HQs) brasileiras já deve ter percebido como cresce o interesse do meio acadêmico sobre a mídia. Não é à-toa que o mais respeitado prêmio dos quadrinhos nacionais, o Troféu HQMIX, instituiu há pouco tempo uma categoria de premiação para teses e dissertações que tenham como foco as HQs.

Para alguns pesquisadores e acadêmicos, essa tem sido a maneira de romper, ou ao menos diminuir, o preconceito com relação aos quadrinhos. No entanto, muito antes de apenas focar no âmbito da aceitação ou não das HQs na sala de aula ou mesmo como objeto de estudo, em junho de 2010 a Universidade Federal de Goiás, especificamente a Faculdade de Artes Visuais, inovou.



Professor Doutor Elydio dos Santos Neto, do Departamento de Habilitações Pedagógicas da UFPB

Durante o III Seminário Nacional de Cultura Visual, realizado na UFG entre os dias 9 e 11 do referido mês, estreou o singular Grupo Temário (GT) de Narrativas Visuais. Nele, antes de tratar apenas de Histórias em Quadrinhos, o intuito era de levantar a discussão e debate das narrativas visuais independentemente do suporte. Foram, então, exibidos estudos de sites, vídeos-performance, clipes, livros ilustrados, vídeos conceituais e, em um dia especial, HQs.

Assim, percebe-se então como é ascendente a importância dos quadrinhos na cultural atual e, mais do que ampliar o conhecimento sobre as próprias HQs, torna-se urgente e imperativo ter noção de como aplicá-las no âmbito escolar e acadêmico. Para explicar melhor esse processo há poucos como o Dr. Elydio dos Santos Neto, membro do Observatório de Quadrinhos da USP, do Grupo INTERESPE e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire da UMESP. Licenciado em Filosofia pela Faculdades Salesianas de Lorena, no Vale do Paraíba (SP), possui Mestrado em Ciências da Religião, feito na PUC-SP, e Doutorado em Educação (Supervisão e Currículo), também na PUC-SP. Na ocasião defendeu a tese “Educação Transpessoal: o pessoal e o transpessoal na ação pedagógica e na formação de professores a

partir do pensamento de Stanislav Grof” (1998). Em 2010 apresentou o relatório de pós-doutoramento no Instituto de Artes da UNESP com a pesquisa “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação”. Atualmente ele trabalha no Departamento de Habilitações Pedagógicas, da Universidade Federal da Paraíba.

Na entrevista abaixo, realizada em 2010 e inédita, foram abordados temas como: inserção das HQs em sala de aula, preparação dos docentes para trabalharem com a ferramenta, o lugar dos quadrinhos na Cultura Visual, dentre vários outros tópicos.

Como percebe a inserção das histórias em quadrinhos na sala de aula? Os professores, independente das disciplinas que ministram, estão preparados para usar esse recurso no cotidiano escolar?

Penso que as histórias em quadrinhos podem ser um recurso interessante para serem trabalhadas em sala de aula, mas, apesar dos avanços já feitos

no que diz respeito à sua utilização na educação escolar, ainda há que se desobstruir este caminho de antigos preconceitos que permanecem. Repito a ideia. Os preconceitos estão sendo desfeitos, mas também persistem. Refiro-me aqui à ideia ainda recorrente de que as histórias em quadrinhos são um recurso menor, mais fácil, mais “didático”, para não dizer dos que permanecem com a percepção de que elas podem fazer mal aos estudantes, tanto do ponto de vista cognitivo quanto do ponto de vista moral, ou ainda daqueles que a utilizam apenas como uma passagem, por exemplo, para incentivar a leitura, deixando de ver o valor que elas possuem por si mesmas. Adicione-se a isso o fato de que elas são essencialmente imagéticas e que as escolas e a academia têm, em grande parte, dificuldades para lidar com as imagens.

Acredito que por conta de um paradigma racionalista desenvolveu-se a ideia de que imagens são para crianças e, portanto, não podem ser para coisas sérias como os conteúdos escolares ou a formação humano-profissional realizada na maior parte do ensino superior. Claro que estou falando aqui de uma tendência e que não posso generalizar. Tenho conhecimento do fato de que há muitos professores trabalhando muito bem com as imagens e que

estão também refletindo sobre seu uso na educação, num campo que vem se chamando de *cultura visual*.

Somos seres imagéticos, simbólicos, sensíveis: produzimos imagens, consumimos imagens, pensamos com imagens, buscamos imagens. Somos seres das narrativas, da ficção. Ora, as histórias em quadrinhos são narrativas imagético-textuais que podem contribuir, na educação básica e superior, para a constituição de outro paradigma educacional no qual tanto a nossa razão simbólica como a nossa razão sensível sejam valorizadas.

Tenha-se presente aqui a tese de doutorado defendida por Gazy Andraus na ECA-USP, sob orientação do Prof. Waldomiro Vergueiro, na qual ele mostra que as histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas, com proveito, também no ensino superior. Claro está que para tanto os professores precisam, além da experiência com a linguagem dos quadrinhos, ter uma preparação adequada para aproximar a leitura dos quadrinhos do trabalho a ser feito no currículo da escola de educação básica ou superior. De modo geral, porém, o que se observa é que esta preparação ou é incipiente e deficiente ou não existe.

A partir dos seus conhecimentos teórico-práticos na área, como seria a preparação adequada de um professor para trabalhar com HQs?

Vejo que aqui seriam necessários, por parte dos professores, conhecimentos que passam pela *gestão do currículo escolar* e também por conhecimentos sobre as histórias em quadrinhos nas interfaces da *arte* e da *comunicação*. Entendo que *primeiramente* o professor tenha que ter uma clareza razoável do projeto político-pedagógico que sua escola defende. E aqui já temos uma primeira grande dificuldade, pois para um número ainda bastante expressivo de professores o projeto político-pedagógico de uma escola é algo burocrático, isto é, sem valor efetivo no processo de construção de uma prática escolar.

Isso é bastante complicado, pois para se pensar em escola hoje é necessário pensá-la como fruto de um trabalho coletivo e não mais como fruto apenas da cultura do trabalho individualista, que é a história que domina nossa realidade escolar. Em *segundo lugar* ele precisaria ter uma boa noção de que contribuição o trabalho com as histórias em quadrinhos poderia trazer para este projeto pedagógico coletivo, pois é isso que vai definir a intencionalida-

de com a qual ele irá trabalhar com as mesmas. Em *terceiro lugar* precisaria estar preparado para dialogar com a cultura de quadrinhos já desenvolvida, ou não, por seus alunos: que quadrinhos já conhecem, que elementos da linguagem quadrinhística estão acostumados a utilizar, qual o grau de entrega de seus alunos a um trabalho de criação com os quadrinhos etc. Em *quarto lugar* eu diria que ele precisa estar alerta para não acabar caindo no didatismo que tira toda a força da linguagem e da comunicação dos quadrinhos.

Esse didatismo tem a ver com o movimento de artificializar a linguagem dos quadrinhos para que ela sirva aos seus propósitos pedagógicos. Isso é ruim, pois não auxilia o trabalho com os conteúdos e ainda pode ser que desmotive os alunos e alunas em relação à leitura com os quadrinhos. Eu diria que aqui está um dos pontos mais difíceis para um professor, pois supõe que ele conheça muito bem o conteúdo da disciplina escolar com a qual irá trabalhar, mas que também tenha grande familiaridade com os quadrinhos, sua história e sua linguagem, bem como com a capacidade de, sem perder a fruição do trabalho artístico, fazer correlações com diferentes temas e assuntos.

Em *quinto lugar*, por fim, ele deveria estar tecnicamente preparado para

utilizar diferentes estratégias de trabalho com as histórias em quadrinhos, da utilização dos quadrinhos já publicados nos suportes de papel às HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas, como as denomina Edgar Franco, à disposição na *internet*), passando pela produção própria de quadrinhos por parte dos alunos mediante desenhos, colagem ou então com a utilização de programas de computador apropriados para tanto.

Se atualmente é comum as pessoas serem imagneticamente analfabetas, como seria essa educação pela imagem para o melhor aproveitamento do uso das HQs na educação?

O ser humano é um ser que nasce com a possibilidade da visão como fruto de um processo fisiológico no qual a luz impressiona os olhos. No entanto, isso não é a mesma coisa que visualidade. A visão é fisiológica, a visualidade é cultural. Os aparatos fisiológicos de visão de um brasileiro e de um chinês são semelhantes, mas as visualidades, os modos como eles veem o mundo, são diferentes porque estas passam pelas experiências culturais de ambos,

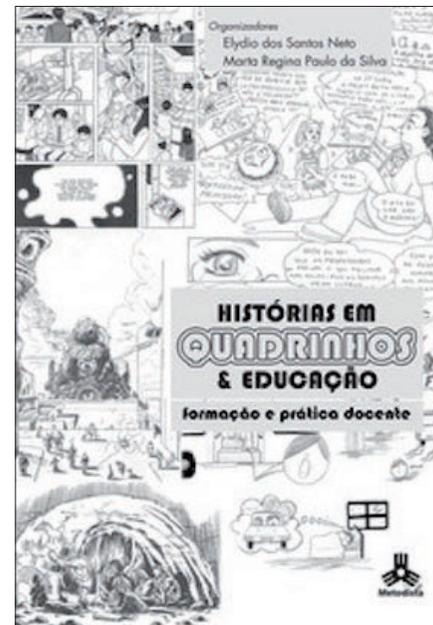
que obviamente são diferentes. Pela visão o ser humano tem a capacidade de ver o mundo. Pela visualidade ele lê e interpreta este mundo nas imagens e com as imagens. É consumidor e produtor de imagens, desde os registros visuais nas cavernas dos primeiros homens até as imagens das obras artísticas contemporâneas – pintura, desenho, cinema, fotografia, gravura etc. –, das peças de propaganda ou das imagens virtuais.

Esta produção cultural, de natureza imagética, pode ser aprendida, avaliada, repensada, refeita, reinventada. Neste sentido é possível falar em analfabetismo visual, pois muitos seres humanos, embora tenham a visão, por algum motivo não puderam desenvolver a capacidade de ler, com a razão simbólica e com a razão sensível, numa perspectiva crítica e criadora, as imagens que, cada vez com maior profusão, nossas culturas vêm produzindo. Ou seja, eles estão limitados na perspectiva da visualidade. Ora, isso pode gerar um grave problema da capacidade de intervenção desses sujeitos no mundo que está sendo construído. Por isso é tão importante nos dias de hoje o que vem se chamando de *cultura visual*.

Entendo que a cultura visual tem a perspectiva de ajudar as pessoas

– crianças, jovens e adultos – a compreenderem-se como seres imagéticos, isto é, como consumidoras críticas e produtoras criativas de imagens, seja na perspectiva de autoconhecimento ou então na perspectiva da comunicação numa sociedade cada vez mais complexa e, neste momento histórico, globalizada segundo uma orientação neoliberal. Veja bem, quando falo em educar criticamente para o consumo e produção de imagens não estou falando apenas em histórias em quadrinhos, mas em todas as possibilidades culturais de visualidade, como, aliás, sugeri anteriormente.

Penso que pequenas oficinas que tenham como objetivo a leitura crítica das imagens – não necessariamente realizadas, se pensarmos nas escolas, pelos professores de artes, mas por todo e qualquer educador que se disponha a tanto – podem levar ao processo educativo na/para cultura visual. Então num segundo momento, por exemplo, você pode entrar com as histórias em quadrinhos e fazer um bom trabalho com elas, envolvendo as seguintes etapas, não necessariamente nesta ordem que apresento: resgatar as experiências que os educandos já têm com os quadrinhos; identificar o que eles já conhecem sobre a linguagem dos quadrinhos; apresentar a história básica



Com *Histórias em Quadrinhos e Educação*, Elydio dos Santos Neto e Marta Regina da Silva propõem o uso dos quadrinhos na prática docente

das histórias em quadrinhos; evidenciar, de acordo com as possibilidades das diferentes faixas etárias, que os quadrinhos foram vítimas de grandes preconceitos que, ao menos em parte, ainda existem; possibilitar a experiência de que os quadrinhos valem por si, isto é, aprender ou reaprender a fruir os quadrinhos como leituras de mundo; propiciar a comunicação de ideias e de visões de mundo por meio dos quadrinhos; instigar a construção de conteúdos escolares com a ajuda das histórias em quadrinhos.

O que imagina que isso possa mudar nos indivíduos?

Penso que os recentes estudos sobre o cérebro humano ajudam a compreender um aspecto muito interessante do que possa acontecer. A modernidade ocidental desenvolveu-se numa perspectiva muito logocêntrica: o poder do verbo, da palavra, da escrita, da racionalidade simbólica. Sem dúvida isso é importante, mas desconsidera aspectos outros, igualmente importantes, dos seres humanos.

Uma postura recorrente em nossa sociedade, por exemplo, é a identifi-

cação da imagem com as crianças. Um livro com muitas ilustrações costuma ser compreendido como um livro infantil ou infanto-juvenil, ainda que muitos adultos sejam leitores ávidos deste tipo de produto cultural. Mas há uma ideia comum de que na medida em que a criança vai deixando de ser criança, ela precisa ir deixando de lado textos com muitas imagens para ir se fixando nos textos completamente sem imagens, os textos verbais.

Ora, entendo que os dois tipos de produção são importantes. São diferentes, proporcionam experiências diferentes, mas os dois são importantes. O texto verbal, sem imagens, pede um ritmo de leitura e participação do leitor que é diferente do texto que se combina com imagens, seja uma história em quadrinhos, seja um romance com ilustrações ou, ainda, um texto apenas imagético, sem o texto verbal a acompanhá-lo. A combinação do texto verbal com o texto imagético, de forma especial, nas histórias em quadrinhos favorece uma elaboração mais rápida do leitor e pede sua participação também com a imaginação, só que de uma maneira diferente de quando o leitor tem à disposição apenas o texto verbal. Nos quadrinhos os dois hemisférios cerebrais são trabalhados. O hemisfério cerebral direito com a ênfase na leitura das imagens

e o hemisfério cerebral esquerdo com ênfase na leitura do texto.

O hábito da leitura e da reflexão com o auxílio dos quadrinhos pode favorecer um desenvolvimento mais integrado dos hemisférios cerebrais e, conseqüentemente, não apenas o desenvolvimento da racionalidade simbólica, característica dos meios intelectuais e acadêmicos, mas também da razão sensível. Ou seja, podemos, com as histórias em quadrinhos, ajudar a desenvolver outro tipo de ser humano: capaz de pensar e sentir, capaz de analisar e intuir, capaz de fundamentar e acolher, capaz de questionar e construir sentidos. Ora, isso é uma grande contribuição como alternativa para o tipo dominante de sociedade na qual vivemos, ainda tão focada nas questões do racionalismo e das pulsões instintuais, mas com dificuldades para considerar a sensibilidade e a intuição, poderosas aliadas na construção do modo como se percebe o mundo. Gazy Andraus estudou isso com profundidade em sua tese de doutorado, defendida na ECA-USP em 2006.

Fala-se muito sobre a inserção de quadrinhos em sala de aula enquanto material pronto para ser estudado, mas, qual a sua opinião quanto à pre-

paração por parte dos educandos de uma HQ?

Julgo que é bastante interessante, mas julgo também que os professores precisam ter aqui certa flexibilidade no que diz respeito aos meios de produção de uma história em quadrinhos por partes dos alunos. Construir uma história em quadrinhos é um excelente exercício para pensar e dizer o mundo: é preciso ter uma ideia, criar uma narrativa, experimentar como a narrativa seria mais eficaz na comunicação pretendida, aprender a “brincar” com a inteligência do leitor. As dificuldades que muitos vão colocar para participar de um exercício deste tipo estão ligadas, sobretudo, à capacidade de desenhar.

Ora, é sabido que um desenho não precisa ser realisticamente “perfeito” para comunicar bem uma ideia. Temos belos trabalhos de quadrinhos feitos com desenhos estilizados. Vou citar dois trabalhos de que gosto muito, onde a simplicidade dos desenhos casa-se muito bem com uma boa capacidade narrativa: “Persépolis”, de Marjane Satrapi; e “Mas ele diz que me ama”, de Rosalind B. Penfold. Porém, isso é algo que alguém que vai produzir uma história em quadrinhos pela primeira vez talvez não consiga compreender

bem e pode ser que se sinta um tanto intimidado ou intimidada.

Esta dificuldade pode ser superada oferecendo-se outras possibilidades de construção de quadrinhos, diferentes do desenho: o recorte e cola de quadrinhos já publicados ou de imagens publicitárias, a utilização de fotografias, a utilização de programas de computadores específicos, a combinação de mais de um recurso, como por exemplo, massinhas de modelar + fotografia + programa de computador. O importante é usar a linguagem, descobrir o que se pensa sobre o objeto proposto e ousar dizê-lo com a combinação de imagens e palavras. O objetivo não é fazer com que os alunos se tornem desenhistas profissionais de quadrinhos. Isso até pode acontecer, mas não é o objetivo principal. O objetivo é o uso desta linguagem artística para dizer algo ou para aprender algo e, assim, estar melhor preparado para intervir no mundo e na sociedade.

Quais aspectos acredita serem válidos e relevantes se observar na hora de se propor uma aula que tenha como suporte as histórias em quadrinhos?

De um ponto de vista mais genérico é preciso dizer que o trabalho com as histórias em quadrinhos favorece o desenvolvimento de uma maneira diferente de *olhar e pensar* a realidade. A maneira dominante para fazer isto tem sido a racionalidade técnica, discursiva, analítica (lado esquerdo do cérebro) que, apenas por si mesma, torna-se um jeito reducionista de ler a realidade, interpretá-la e tomar decisões. O mundo caótico em que vivemos é fruto de decisões reducionistas que temos tomado. As histórias em quadrinhos trazem uma contribuição de auxiliar a “integrar” o hemisfério direito ao esquerdo e, portanto, de favorecer a atuação da sensibilidade.

Ora, isto provoca o desenvolvimento de outra maneira de ler o mundo e, conseqüentemente, de tomar decisões. Esta outra maneira tende a ser global e sensível e, contemporaneamente, somos carentes disso. Claro, apenas as histórias em quadrinhos, sozinhas, não fazem esta mudança. E, certamente, há aquelas elaboradas com tanta propriedade que se prestam para estes fins e há outras, elaboradas segundo outras intencionalidades e possibilidades, que não se prestam tanto para estes mesmos fins.

É preciso ser crítico e criterioso também na escolha de histórias em qua-

drinhos, como se deve ser com a escolha de qualquer artefato cultural produzido pela complexidade humana. Seria ingenuidade, portanto, afirmar que as histórias em quadrinhos podem “mudar o mundo”, mas não é exagero afirmar que elas podem dar uma contribuição interessante para esta transformação do processo de olhar/sentir/pensar/decidir.

Vou tomar um exemplo prático. Se o foco a ser trabalhado for a *leitura*, então devo dizer que sim, as histórias em quadrinhos contribuem com a formação do leitor, mas com uma vantagem: ela auxilia o leitor a trabalhar não apenas com a interpretação do texto escrito, mas com a interpretação da imagem. Este é um passo importante. Os estudos de Cultura Visual estão mostrando que a escola tradicional que conhecemos é “logocêntrica” (*logos* = palavra), isto é, tem a escrita e sua leitura como centro. Sem dúvida isto é importante por conta da cultura escrita que desenvolvemos, mas não é suficiente para nós, seres humanos, que temos nos constituído também como seres imagéticos, visuais.

As histórias em quadrinhos são uma forma de narrativa gráfica ou visual que, como tal, precisa ser lida e interpretada. Aprende-se a fazer isto, e a

escola pode ser um dos lugares para auxiliar o desenvolvimento dessa forma de expressão e sua leitura. Se o foco do trabalho estiver no *histórico*, no *filosófico* ou no *psicológico* o que foi dito anteriormente vale igualmente, mas acrescente-se a isso o fato de que os quadrinhos apresentam, na combinação de imagem e texto, situações em que o “mergulho” e a “viagem” do leitor são acelerados pela provocação imagética já fornecida, mas que serão também recriadas e ressignificadas pela subjetividade do mesmo.

Esta aceleração não gera passividade. Gera outra forma de ativação da imaginação. Ela em geral favorece um contato mais rápido com a elaboração própria e subjetiva do leitor. Claro que isto demanda, necessariamente no caso da educação escolar, um trabalho contínuo de diálogo entre educador e educandos, entre educandos e educandos: O que você entendeu? Como entendeu? Como isto repercutiu em sua percepção sensorial? O que você sentiu? O que está pensando agora sobre este assunto, depois de ter sentido e pensado as imagens?

Ora, responder a estas perguntas pode demandar ir a outras fontes de estudo: fontes escritas, orais, imagéticas. E um grande e interessante proces-

so de conhecimento vai sendo construído. Isto é estimulante porque ajuda a recuperar o ser simbólico e sensível que é cada aluno, cada docente.

Como esse fazer HQ por parte dos alunos poderia ser melhor aproveitado no contexto da Cultura Visual nas escolas?

São várias as possibilidades dependendo dos objetivos definidos dentro do trabalho:

Elas podem ser utilizadas para que os alunos elaborem a síntese pessoal sobre um assunto estudado, em qualquer disciplina, mediante uma narrativa de quadrinhos. Lembrar que, neste caso, uma síntese pessoal exige: clareza de uma ideia que foi construída e a capacidade de comunicá-la;

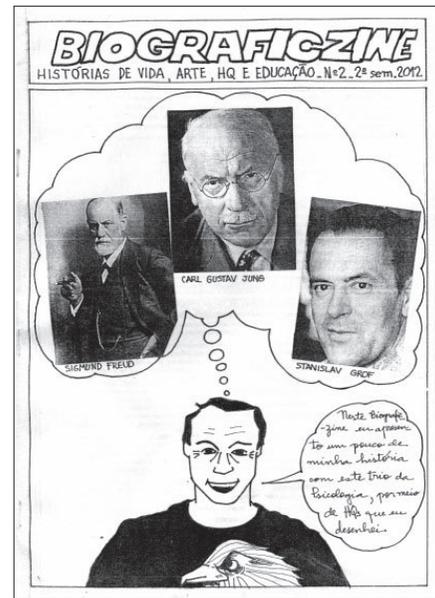
Pode-se pedir que os estudantes criem histórias em quadrinhos que favoreçam o uso de imagens que representem as principais ideologias políticas que disputam espaços na nossa sociedade de hoje;

Produções interessantes costumam vir à tona quando se pede que os alunos criem histórias que reflitam sobre o que significa ser homem e ser mulher na sociedade de hoje;

Podem ser utilizadas também na produção de fanzines que tenham objetivos específicos: lutar por uma ideia, facilitar a comunicação entre apaixonados por um mesmo assunto, dialogar sobre ideias diferentes de alunos que estejam procurando construir consenso sobre algo como, por exemplo, a participação dos estudantes na gestão da escola, uma rádio escolar etc.;

Histórias de vida e trajetórias formativas podem ser narradas, estudadas e refletidas mediante a linguagem dos quadrinhos;

Releituras de narrativas míticas podem ser atualizadas e recontadas pelos alunos mediante a criação de histórias em quadrinhos;



Elydio usou a produção de fanzine de forma inovadora e autorreflexiva, ao criar o conceito de *biograficZine*

Pequenos contos podem ser criados e narrados em quadrinhos e depois estudados do ponto de vista da narrativa, da gramática, da criação textual, da invenção do clima psicológico criado etc.

É possível ainda desenvolver trabalhos com os alunos onde eles simplesmente aprendam a apreciar a narrativa quadrinhística pelo valor que ela tem em si mesma e que, assim aprendendo, possam também narrar suas próprias criações nesta forma de arte sequencial.

Perceba-se que em todos os exemplos que eu citei sempre há uma possibilidade de dialogar a razão simbólica e a razão sensível, assim como há sempre o espaço para refletir sobre as imagens que estão sendo criadas pelos alunos e as imagens que são dominantes dentro da sociedade na qual vivem. Ora, quando um professor trabalha assim está ajudando seus alunos e alunas a desenvolverem uma cultura visual e, conseqüentemente, uma maior capacidade de evoluírem como autores críticos de sua história, não só do ponto de vista individual, mas também da perspectiva da história coletiva de nosso tempo.

Existem diferenças representativas na apresentação de um determinado estilo de HQs que podem interferir negativamente em uma aula? Quais estilos o senhor recomenda?

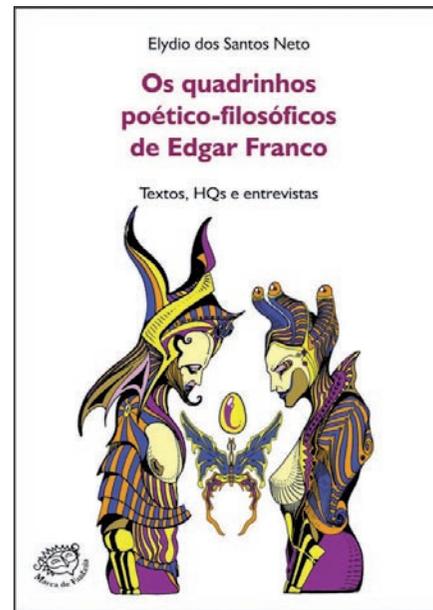
As histórias em quadrinhos, como já falei, são um artefato cultural criado para o processo de comunicação das elaborações subjetivas dos seres humanos, mesmo quando tenha as preocupações da objetividade científica. É, portanto, um canal aberto. Neste canal pode-se criar de tudo. Ora, se é um canal no qual se pode criar de tudo então será necessário examinar, com bastante cuidado e critério, aquilo que se pretende utilizar numa prática educativa. Nem tudo será indicado. Haverá produções que para esta ou aquela necessidade educativa serão mesmo desaconselháveis. Impossível dizer uma regra geral.

O educador deverá estar muito consciente da concepção pedagógica que defende, dos valores que norteiam o seu trabalho, do projeto pedagógico da escola na qual trabalha. A partir daí as escolhas poderão ser feitas. Diferentes gêneros, do humor aos quadrinhos poético-filosóficos, passando pelas quadri-

nizações de obras literárias e filosóficas, e até mesmo pelas ficções políticas, científicas e de horror poderão ser utilizadas. Tudo depende dos objetivos que se pretendem, da discussão e da reflexão que se deseja sejam implementadas. Claro está que esta escolha deverá considerar, de modo especial, a realidade social e cultural dos alunos e alunas com os quais o trabalho será realizado. Escolher é responsabilidade e risco, aliás, como tudo o que é humano.

Como metodologia, como sugere a implementação desse recurso em sala de aula?

Mais do que falar em metodologia eu prefiro falar em alguns princípios gerais. Acredito que cada professor que pretende trabalhar com as histórias em quadrinhos irá criar sua própria metodologia. Algumas coisas, no entanto, são básicas. Trabalhar com histórias em quadrinhos exige uma experiência cultural com as mesmas, familiaridade com a sua linguagem, percepção de suas possibilidades comunicativas. Estas qualidades desenvolvem-se ao longo de um certo tempo, frequentando e conhecendo as diferentes caracterís-

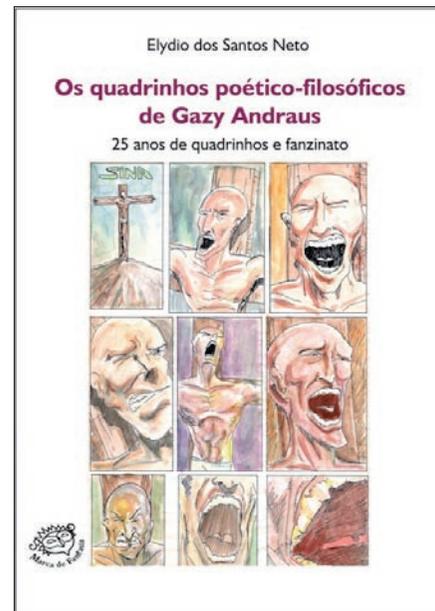


Os quadrinhos poético-filosóficos foram tema do Pós-Doutorado de Elydio; Edgar Franco foi um dos autores pesquisados

ticas desta arte e desta linguagem. Isso não se faz de um momento para o outro, da noite para o dia. É processo.

É preciso ter claro também que os quadrinhos, no ambiente escolar, não deveriam ser utilizados apenas e simplesmente como um recurso para distrair, para deixar mais leve, para fazer passar o tempo. Não. É necessário que se tenha clareza de objetivos e que se faça uma pesquisa complementar àquilo que será estudado a partir da história escolhida. Isso porque a leitura daquela história favorecerá que se estabeleçam relações com outros pontos de estudo.

Penso que trabalhar com os quadrinhos exigirá sempre o movimento da reflexão, da pesquisa em outras fontes e da correlação com diferentes áreas do conhecimento e com outras linguagens artísticas. É preciso lembrar que ao trabalhar com os quadrinhos se está possibilitando o trabalho com a inteligência simbólica e com a inteligência sensível. Favorece o sentir-pensar. Reflexão, diálogo e pesquisa serão fundamentais para que os educandos tirem suas conclusões e as levem para suas vidas, construindo aquilo que Edgar Morin chama de sapiência, isto é, sabedoria revestida de ciência. Sapiência para ser vivida no cotidiano de sua vida pessoal, individual e coletiva.



O quadrinista Gazy Andraus também teve sua obra analisada por Elydio em livro lançado pela Marca de Fantasia

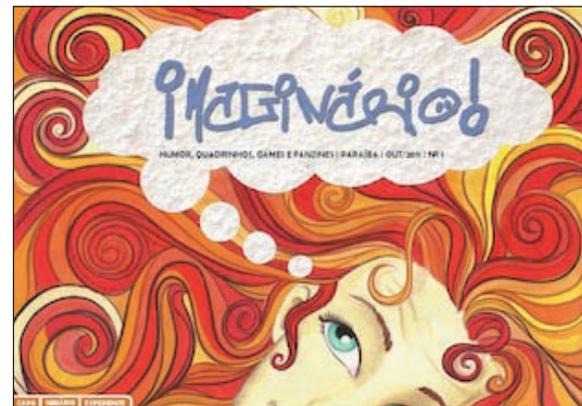
Pelo favorecimento do sentir-pensar pode-se chegar mais facilmente a esta sapiência, mas a custo de bastante trabalho: leitura, reflexão, diálogo, pesquisa, correlações, retorno à reflexão, construção de conclusões, ainda que provisórias... Os professores precisam ser preparados para trabalhar criativamente com as histórias em quadrinhos no cotidiano escolar.

Qual sua avaliação a respeito das pesquisas relacionadas aos quadrinhos no país, hoje, em 2013?

Olha, eu vejo que vem crescendo bastante e, na Universidade, em várias áreas do conhecimento. Temos alguns indicadores desse crescimento. O Diretório de Grupos, da Plataforma Lattes do CNPq, nos dá notícias de ao menos 4 grupos de pesquisa, dentre aqueles que se dedicam à investigação sobre imagens, que tem por objeto a pesquisa sobre quadrinhos: o Observatório de Quadrinhos (USP); o Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games (UFPB); o Núcleo de Pesquisa em Narrativas Gráficas (UFMG) e o Grupo de Estudos do Texto (UNIFESP).

Temos ao menos duas revistas eletrônicas, nascidas de dois destes grupos de pesquisa, que se dedicam a publicar pesquisas sobre histórias em quadrinhos: a revista eletrônica *Imaginário!*, cujo editor é o quadrinhista, editor e pesquisador Henrique Magalhães, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); *9a. Arte: Revista Brasileira de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos*, cujos editores são os pesquisadores Waldomiro Vergueiro (USP) e Roberto Elísio dos Santos (USCS), vinculada à ECA-USP. Há também revistas acadêmicas que, embora não sejam de pesquisa específica sobre quadrinhos, dedicam grande espaço a estes, às vezes abrigando dossiês sobre o tema. É o caso, por exemplo, da revista *Visualidades*, do Mestrado e Doutorado em Artes e Cultura Visual da UFG.

A USP sedia hoje um congresso internacional de quadrinhos, as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, neste ano de 2013 em sua segunda edição, e que abriga 15 eixos articuladores nos quais as pesquisas sobre quadrinhos podem ser apresentadas: Arte, Cinema, Cultura, Educação, Gêneros Textuais, História, Humor, Identidade, Mídias Virtuais, Jornalismo, Linguagem, Literatura, Mercado, Relatos Biográficos e



Revista *Imaginário!*, do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games, do Mestrado em Comunicação da UFPB

Sociedade. Além disso, muitos eventos científicos, nas mais diferentes áreas, acolhem comunicações de pesquisas sobre quadrinhos.

Temos um grande número de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação, Trabalhos de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado que estão sendo produzidas tendo por objeto de estudo as histórias em quadrinhos. Estes trabalhos estão dispersos por várias áreas: Comunicação, Educação, História, Artes Visuais, Letras, Psicologia, Biologia, Medicina, Áreas de Formação Tecnológica, etc.

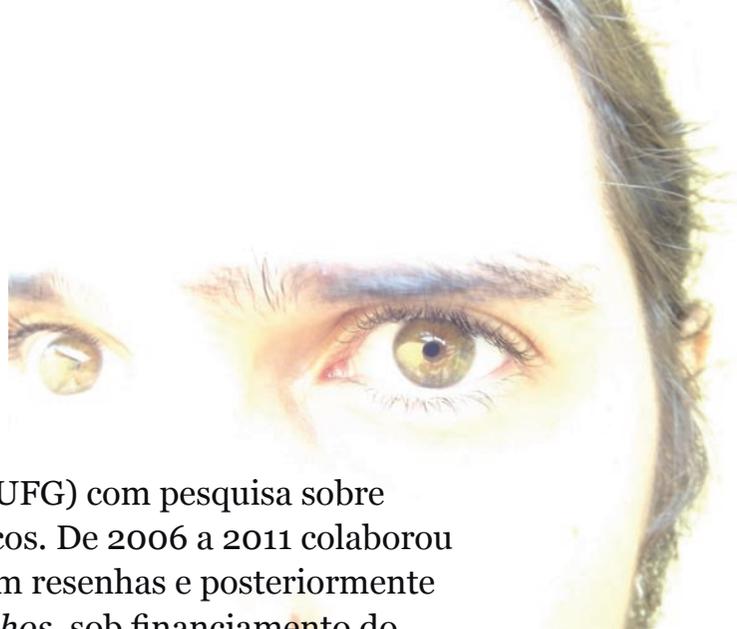
Há também pesquisa sendo feita de forma independente da universidade. Vou citar alguns exemplos aqui: o primeiro é o do pesquisador Edgard Guimarães que, desde muitos anos vem fazendo uma incansável pesquisa sobre vários aspectos das histórias em quadrinhos, publicando seu conteúdo nas páginas do “Fanzine QI” editado por ele mesmo; Bartolomeu Martins, mais conhecido como Lancelot, que seja por meio de seu Blog (HQ Quadrinhos) seja por meio de sua página no facebook (Catalogador HQ Brasil) já nos brindou com um “Catálogo de Heróis Brasileiros” fruto de sua paixão e dedicação aos quadrinhos; os vários livros publicados por Gonçalo Júnior, Roberto

Guedes e Gian Danton, de modo especial sobre os quadrinhos brasileiros.

Enfim a produção é grande e, sinto, tende a crescer.

Avalio, no entanto, que elas estão muito dispersas, embora a internet facilite muito, hoje há comunicação entre pesquisadores. Vejo também que eventos como as “Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos” são necessários para ajudar a reunir esta produção de quadrinhos que em nosso país, historicamente, é dispersa mesmo.

Talvez seja necessário surgirem outras dinâmicas que possam aproximar os pesquisadores de quadrinhos e alavancar novas visões e perspectivas.



Matheus Moura

é mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV-FAV/UFG) com pesquisa sobre processos criativos em quadrinhos poético-filosóficos. De 2006 a 2011 colaborou com o site especializado em HQs *Bigorna.net* – com resenhas e posteriormente como editor. Em 2010 editou a revista *A3 Quadrinhos*, sob financiamento do Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Uberlândia (MG), a qual teve dois números. Desde 2008 publica a revista *Camiño di Rato*, criada em parceria com Rosemário Souza, e atualmente na sexta edição. Na mesma época criou o blog *Toka di Rato* para falar de quadrinhos de modo descompromissado. Como roteirista, tem publicado em Portugal no livro mix *Zona Gráfica* e na revista *Graphite*. Na primeira sai a série “O.R.L.A.” – ilustrada por diversos artistas. Na segunda, a série “As aventuras de Luiza” – escrita em parceria com Gian Danton e desenhada por Décio Ramírez.



MARCA DE FANTASIA
Rua Maria Elizabeth, 87/407
58045-180 João Pessoa, PB
editora@marcadedefantasia.com
www.marcadedefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal - CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto do Namid - Núcleo de Artes Midiáticas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Diretor: Henrique Magalhães

Conselho Editorial:

Edgar Franco - Pós-Graduação em Cultura Visual (FAV/UFG)

Edgard Guimarães - Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA/SP)

Elydio dos Santos Neto - Pós-Graduação em Educação da UMESP

Marcos Nicolau - Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Paulo Ramos - Departamento de Letras (UNIFESP)

Roberto Elísio dos Santos - Mestrado em Comunicação da USCS/SP

Editoração: H. Magalhães
Capa: Guilherme E. Silveira

Quadrinhos e Comunicação

Entrevistas com autores e teóricos

Matheus Moura

2013 - Série Quiosque - 28



M929q Moura, Matheus

Quadrinhos e Comunicação: entrevistas com autores e teóricos / Matheus Moura. - João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

192p.: (Série Quiosque, 28)

ISBN 978-85-7999-076-2

1. História em quadrinhos. 2. Comunicação de massa. I. Título.

CDU: 070(0432)

Atenção: As imagens usadas neste trabalho o são para efeito de estudo, de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas aos seus criadores ou detentores de direitos autorais.



www.marcadefantasia.com

Capa Sumário Expediente